

RESENÇA

ÓRGÃO DA SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO DO PIAUÍ ANO VIII • 18 • TERESINA, AGOSTO/DEZEMBRO DE 1986

Existe Literatura Piauiense?

Em Busca da Liberdade

Sete Cidades:
Encantos e Mistérios
Desconhecidos

Anísio Britto - Uma nova
Concepção da História

Biblioteca e Ação Cultural

entrevista:
Dagoberto Carvalho Júnior



Alcide Filho

PARQUE NACIONAL DA SERRA DA CAPIVARA

Editorial

1986 foi, inegavelmente, favorável à cultura piauiense, se considerarmos as dificuldades enfrentadas com a escassez de recursos financeiros para o setor, como sempre, o **nó górdio** da questão. Sabíamos, desde o primeiro momento, que lutaríamos com problemas dessa ordem, já que cultura nunca foi prioridade neste país.

Procuramos, no período de dez meses à frente da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, trabalhando em perfeita sintonia com a Fundação Cultural, diligentemente presidida por José Elias Arêa Leão, desenvolver uma política de valorização do artista e intelectual piauienses, proporcionando-lhes maiores oportunidades e estímulos necessários à conquista de espaços, além de um grande esforço no sentido de interiorização da cultura, sem precedentes no setor.

Gratifica-nos, sobretudo, a certeza de que não só a programação anteriormente elaborada foi executada. A reforma do Teatro Paroquial de União, a instalação do Memorial Tertuliano Brandão Filho, em Pedro II, a adaptação de uma das salas do Auditório Herbert Parentes Fortes, para funcionamento do Cinema de Arte de Teresina, e, principalmente, a instalação do Espaço Cultural "Porto das Barcas", de Parnaíba, em um dos prédios (reformado e adaptado) do conjunto arquitetônico de mesmo nome, constituem, entre outros, projetos próprios desta curta gestão.

Sobre esta Revista, o editorial do número anterior disse tudo: "... é hoje, um compromisso intelectual do Piauí. Honrá-lo é tarefa dos que executam a política cultural do Estado." A tarefa foi cumprida, o compromisso foi honrado, a duras penas, mas foi.

Esta edição marca o fim de uma gestão, do pequeno grande mandato do Governador José Raimundo Bona Medeiros, que em nenhum momento nos faltou com o seu decidido apoio.

Para encerrar, fazemos nossas as significativas palavras de outro sacerdote, grande teólogo brasileiro, Monsenhor Marcolino Amaral, que, ao prefaciar o seu Tratado de Teologia Moral, disse em latim: "Feci quae potui; faciant meliora potentes" (Fiz o que pude; faça melhor quem puder).

Pe. Solon Aragão.

PRESENÇA

Órgão Oficial da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí.

Governador do Estado do Piauí
JOSÉ RAIMUNDO BONA MEDEIROS

Secretário de Cultura, Desportos e Turismo
Pe. SOLON CORREIA DE ARAGÃO

Presidente da Fundação Cultural
JOSÉ ELIAS MARTINS ARÊA LEÃO

Presidente do Conselho Estadual de Cultura
BENJAMIN DO RÉGO MONTEIRO NETO

Superintendente:
PEDRO FERRER MENDES DE FREITAS

Conselho Editorial
Zenon Rocha, Leopoldo Portela Barbosa, Lina Celso Pinheiro e Maria Amélia Azevedo Ribeiro

Coordenação
Sônia Maria Setúbal da Cunha e Silva
Claudete Maria Miranda Dias

Diretora Comercial:
Ionfsia Peterson Albuquerque

Transcritor:
Virgílio Queiroz

Colaboram neste número:

Claudete Maria Miranda Dias, A. Tito Filho, M. Paulo Nunes, Francisco Miguel de Moura, Hardi Filho, Cinéas Santos, Durvalino Filho, Luiz Pires de Freitas, Rachel Fróes, Carlos Alberto Gramoza, Eherlich Cordão, Alcenor Candeira Filho, Lauro Andrade Correia, Humberto Guimarães, Geraldo Borges, Alcília Afonso Albuquerque, Buggy Britto, Magalhães da Costa, Eneas Barros, Benjamin do Rego Monteiro Neto.

Ilustração
Paulo Moura, Geni e Arnaldo Albuquerque

Diagramação e Montagem
Carvalho

Fotocomposição, fotolito e impressão
Gráfica e Editora Wagner Litt.

Nossa Capa
Historiador Dagoberto Carvalho Jr.



Sumário



Entrevista: Dagoberto Carvalho Júnior	3
Carne para Pastéis: Geraldo Borges	10
Biblioteca e Ação Cultural: M. Paulo Nunnes	12'
Autonomia e Independência: Lauro Andrade Correia	16
Ana Miranda: Em Busca do Seu Lugar ao Sol	20
Anísio Britto - Uma Nova Concepção da História: A. Tito Filho	22
Humberto - Inédito Satyrico Berilo Neves	26
Brasileiros de 32.000: Anselmo de Sousa	30
Em Busca da Liberdade: Claudete Mª. Miranda Dias	37
Sete Cidades: Encantos e Mistérios Desconhecidos. Eneas Barros	39
Para Lembrar o outro: Humberto Guimarães	41
Educação e Constituinte: Luiz Pires de Freitas	46
As Ferramentas do novo: Durvalino Filho	48
Sucinta Análise em torno de um soneto de Da Costa e Silva – Bogyja Britto	52
Fontes Ibiapina está vivo: Francisco Miguel de Moura	55
Visto por Quem Viu: Hardi Filho	58
Um Rio Imita os outros: Cinéas Santos	59
Livros: Magalhães da Costa	62
Existe Literatura Piauiense? Alcenor Candeira Filho	64
Homenagem a Dom Avelar Brandão Vilela Benjamin do Rego Monteiro Neto	68
Uma Preocupação Constante: Valter Soares	71

ENTREVISTA Dagoberto Carvalho Jr.

Entrevista com o escritor, historiador e pesquisador Dagoberto Carvalho Jr., concedida à Revista PRESENÇA, através de M. Paulo Nunes, Ferrer Freitas e Claudete Dias.

Dagoberto Ferreira de Carvalho Jr. **doublé** de médico e escritor, pertencente à inumerável falange dos médicos escritores existentes em nosso país, na linha de um Afrânio Peixoto, Dionélio Machado ou de um Pedro Nava, é uma das mais interessantes figuras do cenário cultural de nosso Estado. Colaborador assíduo de PRESENÇA e do suplemento literário do Diário de Pernambuco, vive dividido entre a sua paixão pela terra natal e a sedução que sobre ele exerce a paisagem recifense. É autor de duas importantes obras históricas: **História Episcopal do Piauí** e **Passeio a Oeiras** que se inscreve hoje entre os grandes guias históricos e sentimentais de cidades brasileiras. É membro da Academia Piauiense de Letras, do Instituto Histórico de Oeiras, do Instituto Arqueoló-

gico, Histórico e Geográfico Pernambucano, além de um sem número de associações culturais do Piauí e de Pernambuco, em cuja capital reside há alguns anos.

Procurado pela nossa reportagem concedeu-nos a seguinte entrevista exclusiva:

PRESENÇA - Como é que, Você pessoa tão ligada ao Piauí e aos valores de nossa cultura, consegue viver distante da terra?

DAGOBERTO - O consentimento do exílio circunstancial (não cultural) a que me impus, no Recife, decorre justamente desse telurismo. Desse meu apego - de todos conhecido - aos nossos valores culturais. É possível, até, que a distância física tenha redimensionado, não

o apego mas, a preocupação com tais valores, sua preservação, inclusive. No meu caso, é fácil viver no Recife. Viver bem, sem viver de saudades. Costumo dizer a amigos que me cobram maior engajamento em movimentos locais que continuo um escritor não apenas piauiense mas, sobretudo, do Piauí. A minha temática sempre foi piauiense. É disso que eu gosto. É isso que eu sei. As instituições culturais que me abrigaram no Recife, fizeram-no, muito mais, pelos meus livros piauienses. No espaço que mantenho no Suplemento Literário do Diário de Pernambuco, o Piauí é uma constante.

PRESENÇA - Vez em quando, como há pouco, reacende a velha polêmica em torno da primazia na independência do Piauí. Se ela deve ser dada a Parnaí-



Dagoberto Carvalho Junior

"Houve, é certo, antecipação dos parnaibanos, como houve, em Oeiras, ainda em maio de 1822, o pioneirismo emancipacionista de Antonio Maria Caú, escrivão da Junta da Fazenda."

ba ou a Oeiras, através dos pró-homens que à época dominavam política e socialmente, as duas comunidades. Quais as razões históricas que fundamentam seu ponto de vista?

DAGOBERTO - A pergunta é das mais oportunas, pela atualidade - a cada ano suscitada - do problema. Ora, lei provincial de 31 de agosto de 1859, "determina que o dia 24 de janeiro, aniversário da adesão do Piauí à independência nacional, é feriado em todas as repartições provinciais" (Pereira da Costa). Em 1937, no entanto, a Assembleia Legislativa aprovou a lei 176, de autoria do Deputado José Burlamaqui Auto de Abreu, concedendo ao dia 19 de outubro, pela mesma razão, privilégios equivalentes. Do ponto de vista histórico estava criado o impasse. Resta saber, desconhecida, então, a lei de 1859 e, sem nenhuma referência a ela, a nova lei de 1937 tê-la-a revogado? Com relação à primazia dos ditos movimentos, devo dizer que se, a de um é cronológica, a do outro é factual. Houve, é certo, antecipação dos parnaibanos, como houve, em Oeiras, ainda em maio de 1822, o pioneirismo emancipacionista de Antonio Maria Caú, escrivão da Junta da Fazenda. Antecipação, portanto, de setores progressistas - elementos da plebe e tropa envolvidos - da Capital. Nunca levei em conta a questão das datas. Afinal, em sendo a independência um processo dinâmico, importa que - com o concurso de todos - a tenhamos conseguido. Ademais, a garantia do idealismo patriótico dos parnaibanos e do governo independente de Oeiras, dependeu menos deles próprios que do desfecho favorável do Jenipapo.

PRESENÇA - Qual a diferença histórica entre os termos **adesão** e **proclamação**? Oeiras deu sua adesão a um movimento já em curso na Província ou procedeu à proclamação da nossa independência, dando seqüência ao ato do Príncipe D. Pedro?

DAGOBERTO - Os termos não se excluem. Pelo contrário, complementam-se. Não há adesão ao que não foi proclamado. Oeiras aderiu como capital da província - aqui, a importância histórica dessa adesão a que se seguiu elei-

ção e posse de novo governo - ao regime já vitorioso em muitas outras províncias. Reconheço que o ato não só oficial e militarmente aparatoso da adesão de Oeiras, foi, mais, o coroamento de movimentos de base como o de Caú e o de 19 de outubro, entre, talvez, outros tantos.

PRESENÇA - Sabendo-se ser Você fervoroso defensor do nosso patrimônio histórico e paisagístico, haja vista a sua participação em órgãos como a extinta CLAP (Companhia Latino-Americana de Planejamento) qual a política a ser adotada pelo poder público na preservação do nosso patrimônio?

"O herói da história é o povo".

DAGOBERTO - A nível de cultura viver a preservação - através, sobretudo, de incentivos materiais - deve visar, de imediato, grupos folclóricos, associações e sincretismos religiosos. Sempre me pareceu mais acertado, assegurar condições de sobrevivência a tais grupos, que fazer criar novos, orientados para políticas turísticas sempre por definir ou acomodar.

Para a preservação de bens culturais móveis ou imóveis - aqui, assumo a condição de entusiasta e, até certo ponto, precursor, de idéias no Piauí - o mais urgente é o completo levantamento ainda por realizar. A bem dizer, não sabemos o que temos. Muitas peças de nosso mobiliário, de nossa lalha, de nossa imaginária, já deixaram o Estado. Inúmeras construções de interesse histórico e/ou artístico - não posso deixar de lamentar o desaparecimento, por incúria, da Residência Jesuítica (1720) de Brejo de Santo Inácio - foram descaracterizadas ou demolidas mesmo. Só depois desse conhecimento do acervo, proceder-se-ia o tombamento. Não só de Livro mas, de fato; agindo-se imediatamente contra os inescrupulosos e colocando-se à disposição de proprietários interessados os meios materiais para manter e preservar seus imóveis. Entre esses meios, a dispensa ou redução de impostos territoriais urbanos, por exemplo. O aproveitamento dos bens culturais imóveis pelo Estado - administração direta ou indireta, para escolas, repartições públicas, bancos, etc. - seria, também, forma eficaz de garantir sua preservação: restauração e reintegração na paisagem urbana e humana de nossas cidades. A memória escrita e/ou falada, através de programa editorial como o já implantado Projeto Petrônio Portella; através do incentivo ao cinema; da criação de

um museu de imagem e som. O depoimento verbal incorpora-se, cada vez mais, aos nossos hábitos, como imposição até do desenvolvimento tecnológico que já nos alcança.

PRESENÇA - Em que consistiria uma política de preservação de nossas cidades históricas? No particular, como preservar o pouco que ainda resta da fisionomia arquitetônica de nossa capital?

DAGOBERTO - Disse, há pouco, como penso poderíamos realizar algo pelo que ainda nos resta, especialmente na preservação de nosso patrimônio arquitetônico. É viável, se agirmos com urgência. Requer, basicamente, uma decisão política. No caso específico de Teresina, onde há boas e características construções residenciais, a ação me parece bem mais fácil. Em linhas gerais, o mecanismo seria o anteriormente exposto. A proximidade dos órgãos de execução exerce notória influência, sem esquecer que o exemplo da Capital servirá, inclusive, de motivação para outras cidades.

PRESENÇA - Que acha da idéia do escritor Renato Castelo Branco de proceder-se ao tombamento do centro histórico de Oeiras, cidade que ele considera uma "Brasília Centenária"?

DAGOBERTO - Grande, a idéia de Renato Castelo Branco. O tombamento do centro histórico é da maior importância para a preservação de Oeiras como um todo. Como o é, para Amarante, o tombamento da Avenida Des. Amaral, mais expressivo conjunto arquitetônico residencial oitocentista do Estado. No caso de Oeiras, a proposta já fora feita pela equipe multi-profissional (arquitetos, historiadores, sociólogos, antropólogos) da CLAP, em 1976. O centro histórico da cidade inclui monumentos ainda do setecentos, raros na paisagem piauiense. Aceito o desafio da campanha pelo tombamento. É a guerra santa que me sensibiliza. Parabéns a Renato. Parabéns a Oeiras.

PRESENÇA - Que acha do movimento cultural do Piauí e quais, a seu ver, os valores que o representam e a contribuição que têm prestado à cultura piauiense, concebendo-se o termo **cultura** em seu aspecto mais amplo ou sociológico?

DAGOBERTO - Valores, contribuições individuais à cultura. Eis um campo em que o risco do esquecimento não justifica a omissão. Falar de movimento cultural do Piauí, implicará, sem-

pre, em referência ao Grupo Meridiano de Rêgo de Carvalho, M. Paulo Nunes e H. Dabal. Considero-os, nas suas respectivas áreas, quais sejam o romance, a crítica literária e a poesia, valores exponenciais. Os dois primeiros, estão na Academia, que, tem sabido, no Piauí redimensionar seus próprios conceitos. Menção se faça, aqui e agora, à força intelectual aglutinadora e criadora de A. Tito Filho. A UBE, a frente Francisco Miguel de Moura, talentoso crítico contemporâneo, muito tem contribuído. Outros nomes que nos engrandecem: Humberto Guimarães e Expedito Rego, no mesmo campo da poesia, do ensaio, do romance. A crítica literária de Cinéas Santos, os novos professores de Letras da Universidade. O jornalismo novo de Kenard Krueh; a história cientificamente pensada de Manoel Domingos Neto; os adiantados estudos de História da Arte de João Alberto Monteiro. Há muita gente boa que saberá perdoar - espero - mais o entrevistado que o espaço físico da entrevista.

PRESENÇA - o que Você acha da sociedade brasileira desconhecer fatos violentos e sangrentos de sua história ou conhecê-los de forma linear, sem conflitos, como uma história de heróis e datas?

DAGOBERTO - Posiciono-me contra a história linear de heróis e datas. O herói da história é o povo; a data, o agora de cada geração. As lutas de classe, ainda que violentas, não há porque esconder. Elas são, afinal, a força motriz da história.

PRESENÇA - Você acha que a "balaçada" foi um movimento de bandidos e facinorosos como dizem os documentos dos órgãos oficiais que comandaram a ação repressiva?

DAGOBERTO - Dou a palavra à Profª. Maria Amélia Mendes de Oliveira que, em recente dissertação de Mestrado, provou justamente o contrário. A **Balaçada** foi, talvez, o primeiro grande conflito social do Piauí. Nada de bandidos. Eram os injustiçados. Não se poderá, com efeito, generalizar o conceito. Todo movimento político-social, por mais bem intencionado, abriga vilões, estes, os verdadeiros pingentes da história.

PRESENÇA - Como se organizou o episcopado no Piauí e quais suas relações com as classes sociais?



DAGOBERTO - A resposta implicaria uma análise bem mais ampla da reforma porque passaram o pensamento e a ação da Igreja, a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II. O episcopado, à época da criação do Bispado do Piauí (1901/1903), apesar da preocupação teológica com o povo - enquanto rebanho de Deus - não se pode dizer que o via como classe social, no seu sentido mais verdadeiro. A criação da diocese piauiense liga-se mais à classe dominante que teve, inclusive, de bater-se contra a elite (eclesiástica, também) do Maranhão.

"O tombamento do centro histórico é da maior importância para a preservação de Oeiras como um todo."

PRESENÇA - O jornal "A Tarde", de Salvador, noticiou que o Piauí possui o maior percentual de negros, entre todos os estados brasileiros, batendo inclusive a Bahia. É verdade essa afirmativa? Se verdadeira a notícia, Você poderia explicá-la histórica e sociologicamente?

DAGOBERTO - O meu conhecimento da notícia, foi, apenas, através da imprensa leiga. Não lhe posso assegurar, portanto, a veracidade. Estranho-a, contudo, de vez que, historicamente, o contingente de negros na formação do Piauí, não foi dos maiores. Havia bem mais mulatos. Talvez, a observação de um governador do séc. XVIII, justifique, de algum modo, o que poderá ter determinado essa possível polarização. Testemunha ele: "Demais, neste sertão, por costume antiquíssimo, a mesma estimação têm brancos, mulatos e pretos e todos, uns e outros se tratam com recíproca igualdade..."

PRESENÇA - A mudança da capital de Oeiras para a Vila do Poti foi ou não realizada na marra por Saraiva?

DAGOBERTO - É quase certo que sim. Não se desestruturou politicamente

uma cidade, sem traumas. Mas, Oeiras até se orgulha desse passado. Afinal, a capital na Vila Nova do Poti deu tão certo!

PRESENÇA - Passemos agora a falar de uma de suas grandes paixões, o Instituto Histórico de Oeiras. Em que ano foi fundado? Quais suas reais finalidades? Que contribuição vem prestando, efetivamente, a Oeiras?

DAGOBERTO - Fundado em 6 de janeiro de 1972, o Instituto - prefiro chamá-lo apenas assim para dar mais abrangência ao seu projeto cultural - visa, basicamente, a preservação da memória local, através do mais amplo encontro com a comunidade. Contribuições suas, são por exemplo, a inclusão de Oeiras no Programa de Restauração de Cidades Históricas; as edições da Revista - já um marco na vida da cidade - e da Coleção Matrense, de autores e/ou temas oeirenses. Contribuição, ainda maior, foi a de motivar a cidade, hoje, quinze anos depois, absolutamente consciente de seus valores culturais; de sua responsabilidade de cidade histórica.

PRESENÇA - Quando Você sentiu a necessidade de Oeiras contar com uma sociedade de cultura histórica, que tivesse como objetivo primeiro a preservação do patrimônio cultural oeirense?

DAGOBERTO - Quando, ainda estudante, vivi, em Salvador, o clima de otimismo e de seriedade com que a Bahia tratava seus monumentos históricos; com que priorizava sua política de preservação. A transferência para o Recife, propiciou-me aproximação maior com o grupo do IPHAM, onde encontrei verdadeiros apóstolos da causa, como Ailton Carvalho, José Luis Menezes, José Ferrão Castelo Branco. Só então, pude sentir a distância com que nos encontrávamos, no Piauí. Nada se fizera no campo oficial. A opção seria e foi, a iniciativa intelectual. Fez-se o Instituto.

PRESENÇA - Que participação teve o Instituto na restauração dos monumentos históricos de Oeiras, a saber: Catedral de Nossa Senhora da Vitória, Sobrado dos Bispos e Sobrado Major Selémérico?

DAGOBERTO - Eu direi que a mais efetiva. Não custa lembrar que a própria inclusão de Oeiras no Programa de Cidades Históricas e Coloniais do Nordeste, deveu-se à iniciativa do Instituto. Temos documento que comprova nossa antecipação. É lógico que na hora de restaurar, o encargo foi delegado ao Governo do Estado. Isto nos exime de quaisquer responsabilidades técnicas nas obras que se fizeram em Oeiras. O Instituto não pode nem deve ser criticado. Por meu intermédio - fui assessor honorário em algumas etapas, graças, sobretudo, à sensibilidade do arquiteto João Alberto Monteiro - o Instituto tentou evitar falhas. Fez o que pôde.

PRESENÇA - Algumas pessoas (ainda bem que poucas) consideram o Instituto uma sociedade elitista, que congrega velhos intelectuais oeirenses, poucos historiadores e se limita a distribuir medalhas. O que Você tem a dizer disso?

DAGOBERTO - Ainda bem que poucas. Você disse bem. Efetivamente, o Instituto congrega a elite (mas, elite intelectual) de Oeiras, sendo aberto a todos. Acho que o Piauí inteiro ainda tem poucos historiadores. Como, uma sociedade de cultura histórica de velha cidade interiorana, poderia contar com muitos? O Instituto vai bem. O mundo intelectual de Teresina o reconhece. Quanto a Medalha do Mérito Cultural, é criação minha. Ao que consta, nenhum dos agraciados - não foram tantos - ainda a desmereceu.

PRESENÇA - Oeiras vem sendo depredada ao longo do tempo. Mesmo assim é, talvez, a única cidade piauiense que tem algo para mostrar. Velhos prédios em estilo colonial, imagens barrocas, uma igreja que, Você disse, de partido arquitetônico com características do estilo jesuítico, a de Nossa Senhora do Rosário. Pois bem, o que é possível para salvar o que ainda resta na cidade de valor histórico e/ou artístico?

DAGOBERTO - Já enumerei providências que, adotadas, sem perda de tempo - tombamento, a mais urgente - ainda poderiam salvar o centro histórico da cidade. Sugiro e alisto-me na campanha que se fizer para dar praticidade ao que propôs Renato Castelo Branco.

PRESENÇA - Há uma polêmica em torno da fotografia do Visconde da Paranaíba, patrono do Instituto Histórico de Oeiras. Segundo o Acadêmico Josias Clarese Carneiro da Silva, a foto utilizada pelo I.H.O. como sendo do Brigadeiro Manoel de Sousa Martins é, na realidade, de seu irmão Coronel Joaquim de Sousa Martins. O que Você tem a dizer disso?

DAGOBERTO - Sobre o assunto, escrevi há muitos anos (Revista do IHO, nº 2), matéria que acabou por definir a posição do Instituto. Os pesquisadores Gal. Moysés Castelo Branco e Dr. Hermógenes Ferreira de Carvalho asseguraram haver submetido a fotografias em questão à análise de especialistas. Estes, atestaram tratar-se a farda usada pelo personagem, de uniforme privativo de oficial general, patente correspondente na velha ordem à de Brigadeiro. Ora, Brigadeiro foi Manoel e não Joaquim de Sousa Martins. A mesma foto, encontramos em antigo daguerreótipo pertencente a D. Maria Júlia Martins Santos, descendente em linha direta do Coronel Joaquim. Ela o guarda como lembrança não do tetravô (o que seria muito natural) mas do Brigadeiro Manoel de Sousa Martins.

"Não há adesão ao que não foi proclamado. Oeiras aderiu como capital da província".

PRESENÇA - Contesta também o historiador Josias a existência de um chafariz em Oeiras, no início do século passado, conhecido como a Fonte do Governador. Os chafarizes, segundo ele, nunca eram construídos nos arredores e sim em pontos principais das cidades...

DAGOBERTO - É bom lembrar que a única planta conhecida da cidade de Oeiras (1809), somente foi localizada e trazida ao Piauí - através de técnicos da CLAP - em 1976. É justamente essa planta que ensina a localização da Fonte do Governador. Com muito respeito aos estudos genealógicos e heráldicos do confrade de Academia Josias Carneiro, fico com o fato contemporaneamente documentado por José Pedro Cesar de Menezes. O Engenheiro esteve a serviço do Governador Carlos Cesar Burlamaqui, em cuja administração - aproveitada fonte natural ainda existente - foi construído o magnífico chafariz.

PRESENÇA - Voltando à questão do 24 de janeiro. É verdade que o Dr. José Auto de Abreu, autor da lei do

19 de Outubro, disse-lhe, certa vez, no seu retorno a Teresina, pouco antes de morrer, que a iniciativa da lei ele creditava a **arroubos da juventude?**

DAGOBERTO - É verdade. Em 1976, visitando-o, em companhia de meu pai,

velho amigo seu, a quem pedi fosse apresentado - éramos, afinal, também, parentes - tivemos longa e agradável conversa. Perguntando se conhecera a Lei Provincial de 31 de agosto de 1859 antes de fazer-se autor do projeto de outra lei (19 de Outubro) que acabou confundindo muita gente por tratar de assunto aparentemente único; disse-nos que o fizera mais para homenagear seu antigo professor de história, o muito nosso Anísio Britto. Que o fizera - palavras suas - levado pelos "arroubos da juventude". Não formara nenhuma opinião a respeito, muito menos empreendera pesquisa histórica que lhe respaldasse a iniciativa. No caso, convém respeitar o silêncio dos mortos.

PRESENÇA - O que Você acha da Revista Presença? Alguma sugestão?

DAGOBERTO - Julgo-me um tanto suspeito para opinar sobre a **Presença**. Tenho a impressão que, praticamente, todos os seus números dessa segunda e consagrada fase, trazem colaborações minhas. Isto é bom para quem não estando perto, não admite estar longe da vida literária da Província amiga. Acho que a Revista é o instrumento que faltava - resgatada pelo dinamismo de Mestre Paulo Nunes - para a divulgação dos valores culturais da terra, para o fomento das atividades intelectuais do Piauí.

Como sugestão, que se torne publicação semestral, para manter a atualidade. Que se transforme em órgão, também, de direito, da Secretaria; ao Conselho de Cultura, garantindo-se revista especializada ou, mesmo, a publicação de anais.

Quero, por fim, parabenizar os atuais dirigentes da Pasta e da Revista, muito particularmente o Mons. Solon Aragão e o Dr. Ferrer Freitas. O Mons. Solon pela prática, bem sucedida, de sua inequívoca vocação político-administrativa. O segundo, meu amigo mais próximo, companheiro de lides intelectuais em Teresina e em Oeiras, atual Presidente de nosso Instituto, pela demonstração de inegável capacidade para dirigir e criar. Pelo desempenho extraordinário de papel que lhe parecia, de há muito, reservado.



Espaço Cultural "Maria Bonita - Floriano Piauí"

Espaço Cultural "Maria Bonita"

No sentido de preservar a memória da cidade de Floriano, foi totalmente restaurado o antigo prédio da velha "Usina Elétrica" (construída em 1924), graças ao esforço e luta inicial da Associação Cultural de Floriano, e com o apoio do Ministério da Cultura, SPHAN, Pró-Memória, Secretaria de

Cultura, Desportos e Turismo, e Fundação Cultural do Piauí. Após um ano de obras, pouco a pouco, o prédio em ruínas recebeu nova roupagem e finalmente entregue à comunidade florianense. A velha

usina está de volta, com o nome de Espaço Cultural "Maria Bonita", homenagem terna àquela que foi o grande amor e companheira de Lampião. Instalado com auditório, sala de teatro, galeria de exposição, memorial e biblioteca, continuará uma usina de luz, isto é, de geração das luzes culturais. Presentes ao ato de inauguração, governador Bona Medeiros, secretário de Cultura, Desportos e Turismo Pe. Solon Correia de Aragão e José Elias M. de Arêa Leão, presidente da Fundação Cultural do Piauí.

Coral de Florianópolis

O Coral de Florianópolis se apresentou em Teresina e Campo Maior, de 17 a 19 de outubro numa promoção do Governo do Estado, Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, Fundação Cultural do Piauí, Secretaria de Educação e

Academia Piauiense de Letras. coral é composto de 45 pessoas e tem 26 anos de existência, constituindo a Associação Coral de Florianópolis, e já se apresentou em quase todos os Estados do Brasil com grande sucesso.



CARNE PARA PASTÉIS

Geraldo Borges (Contista)

A mulher vendia pastéis. O marido jogava sinuca e bebia cachaça, quando conseguia alguns trocados, em biscates. Um dia a mulher chegou em casa, muito cansada, de tanto reclamarem que o pastel dela era de assóvio. Que não tinha carne! Quando entrou no quarto o marido estava dormindo, babando pelo canto da boca. Ela sentou na beirada da cama e ficou olhando-o... Ai lhe foi dando uma vontade, uma vontade que vinha de dentro do mais fundo de seu coração. Uma vontade, tão forte, que nunca havia sentido na vida. Começou a notar que suas mãos estavam prontas, inquietas para cumprir a sua vontade.

Levantou. A cama rangeu um pouco e ela se assustou. Saiu na ponta dos pés e foi direto à cozinha. Ali contemplou, de uma maneira estranha, os utensílios, usados na feitura dos pastéis: era como se eles tivessem uma linguagem própria e o apoiassem na realização de sua vontade. Riu para eles antecipando uma vitória. Ai pegou o objeto que mais encheu sua vista: o rolo de amassar... Desde os seus primeiros tempos de casada, ela se dedicava a transformar trigo em pastéis, colocavam em cada um, uma colher de carne moída.

Às vezes, de manhã, o marido de ressaca, obrigava ela fazer caldo de carne para ele. Reclamava: "iria fazer falta nos pastéis!"

— Que nada! Teus fregueses já se acostumaram...

Entrou no quarto com o rolo de amassar. Projetou sua sombra na parede, quase se assusta. A vontade! Aquela vontade, que vinha do fundo mais íntimo do seu ser, tomou conta dela num crescendo... Como que absorvesse todos os seus sentidos. Sentou-se de novo na beira da cama que rangeu. Seu homem virou-se e colocou a cabeça em cima do braço. Um fio de cuspe como uma estalactite caiu no colchão. E ela quase sentiu ternura por ele. Mas a vontade era mais forte, mais violenta. Com medo que ele acordasse ela apagou a luz

e resolveu acender uma vela. Rápido, a chama da vela diminuiu o tom de sua sombra, na parede. Era uma mulher forte, de braços rijos, acostumada a amassar o trigo. Viu que sentada não faria bem a sua vontade. Teria que estar numa posição melhor, mais à vontade, mais equilibrada. Um ponto de apoio bem firme. Ficou de pé. E o verbo

se fez carne, morto, ensanguentado. Um, dois, três golpes. Ela e sua sombra bruxuleante à luz da vela. Tudo nela era vontade. Vontade profunda que em jorro fervia danadamente no seu coração. Seu marido caiu da cama no ladrilho: era como estivesse malhado um judas.

Foi até a cozinha, os objetos de fazer pastéis estavam lá, acenando para ela. Pegou uma faca e sangrou o marido, como se sangra uma galinha de domingo. O sangue jorrando desenhou vários borrões vermelhos no ladrilho. Passou o resto da noite retalhando o marido. Tirou as carnes da bunda, das batatas das pernas e outras partes mais fáceis. Levou para a cozinha. De manhã cedo começou a fazer pastéis. Respirou com o peito inflado, sem nenhum remorso, o cheiro volátil do azeite misturado com massa de trigo e carne refogada.



Como de costume foi para o seu ponto de venda no centro da cidade, com o passo mais leve e o olhar deslumbrado das pessoas que cometem atos além de si mesmas. Nesse dia vendeu pastéis como nunca havia vendido.

Seus fregueses disseram:

— Desta vez a senhora caprichou

— É carne humana!

— Não diga! Está uma delícia!

— É da bunda do meu marido.

— Me dê aí a "conserva".

— Mais pimenta?

— E mais um pastel.

— Quer uma das batatas das pernas?

— A senhora está hoje muito engraçada!

— Engraçados são vocês que fazem

mais questão de carne do que de trigo.

— E por que não!...

— Bom. Para se ter carne é mais difícil...

— Por quê?

— É preciso matar!...

De noite, ao chegar em casa, logo na sala, sentiu mau cheiro, de açougue, sujo. Uma nuvem de moscas sobrevoou sua cabeça. Não fez nada para esconder os destroços da tragédia. Quando o caso veio a público e a polícia perguntou por que havia cometido o crime. Disse, apenas, sem nenhum abalo, que, chegando em casa, de noite, viu o seu marido dormindo e foi tomada de uma vontade, uma vontade assim daquelas que ninguém se livra. Uma vontade danada de acabar com ele. E, mesmo, falou dando um sorriso acima dos homens e das tábuas da lei.

— Era preciso recheiar os pastéis dos fregueses!



**VISITE
A LIVRARIA
DO
ESCRITOR
PIAUIENSE,
TEATRO
4 DE
SETEMBRO
PRAÇA
PEDRO II**

BIBLIOTECA & AÇÃO CULTURAL

M. Paulo Nunes

Considero sumamente temerária minha participação neste simpósio promovido pela Universidade Federal do Piauí e a Associação dos Bibliotecários do Estado do Piauí em que se vem debatendo o problema de livro e da biblioteca. É que, não sendo um especialista no assunto, pouco irei talvez acrescentar à discussão dos temas propostos. Vem-me à lembrança aquela observação do filósofo Ortega y Gasset, no estudo intitulado **Misión del Bibliotecário**, que constituiu o discurso inaugural do Congresso Internacional de Bibliotecários, realizado em Paris, no distante ano de 1935, mas ainda de palpitante atualidade.

Assim se manifesta aquele filósofo: "No puedo intentar enseñaros nada sobre las técnicas complejissimas que integran vuestro trabajo, las cuales vosotros conocéis tan bien y que sen para mi hermético misterio. Debo, pues, recluierme en el más breve rincón del ámbito gigante que ase título anuncia".

Só o propósito de colaborar com os promotores desta Semana, no Piauí, é que me traz à presença deste seletto auditório.

Começo por vos lembrar que a história da instituição das bibliotecas se acha indissolúvelmente ligada a história do livro, vale dizer, à própria história da cultura.

Deixando de lado a Grécia e a Roma antigas, como aconselharia o autor do já mencionado estudo e reportando-me somente aos povos novos que se erguem sobre as ruínas de Grécia e de Roma, se atentamos para o aparecimento da figura humana do bibliotecário, na urdidura da paisagem social, sem dúvida alguma nós a localizaremos nos começos do Renascimento, ou seja, por volta do século XV, pois que durante a Idade Média a ocupação com os livros é ainda considerada uma atividade de caráter infra-social. Somente

com o Renascimento do livro é sentido como uma necessidade social, porquanto é desta data também o aparecimento da imprensa.

No século XIX, com a popularização da imprensa, as bibliotecas se multiplicam e com elas a função do bibliotecário.

Surge aí assim a necessidade de fomentar a leitura que constitui o traço distintivo da civilização moderna, sobretudo a partir do Iluminismo.

O passo decisivo, entretanto, na evolução de vossa profissão, vai dar-se em torno de 1850, que é quando se consolida a sociedade nascida das turbulências da Revolução Francesa. "Esta sociedade foi a última consequência daquela fé no livro que sentiu o Renascimento. A sociedade democrática é filha do livro, é o triunfo do livro escrito pelo homem escritor sobre o livro revelado por Deus e sobre o livro das leis ditados pela autocracia", para seguirmos ainda de perto o pensamento orteguiano.

Passando ao nosso país, verificaremos que foram os jesuítas, tão amalgamados, com as origens de nossa nação, os nossos primeiros bibliotecários.

No livro denominado **Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil**,

o Padre Serafim Leite, no capítulo intitulado "Bibliotecários, encadernadores, tipógrafos e impressores", destaca seis irmãos encarregados das bibliotecas dos colégios jesuítas da Bahia, Rio de Janeiro e Espírito Santo, dentre os nove por ele biografados. São eles o Padre Antônio Gonçalves (1550-1616), de nacionalidade portuguesa e que se fez jesuíta na Bahia; Mateus Afonso (1670-1729), também português e que acumulou os ofícios de conservador da biblioteca do Colégio do Rio de Janeiro com o de encadernador; Manuel Pires (1665-1757), natural do Porto e que foi bibliotecário dos colégios da Bahia e do Espírito Santo; Manuel Torres (1725-1760), natural de Coimbra, feito jesuíta na Bahia e que se encarregou tanto da biblioteca como do refeitório, e Manuel da Mota (1696-1760), nascido em Torres Novas e que no colégio de Olinda foi mestre de meninos e encadernador. Ocupava ele o ofício de bibliotecário, no Colégio da Bahia, em 1757, quando morreu, no mesmo ano em que os jesuítas foram expulsos do Brasil.

A grande revelação do livro de Serafim Leite é a de que o próprio Padre Antonio Vieira, dos maiores nomes da Companhia e da Literatura de Língua Portuguesa, em depoimento prestado ao tribunal da Inquisição, declarou ter exercido o ofício de bibliotecário "em todos os colégios" e que nesta condição visitara "as melhores livrarias do mundo".

Foram os bibliotecários particulares, sobretudo as dos colégios e dos mosteiros, as que constituíram, praticamente, em pleno Iluminismo, a origem das bibliotecas do nosso país.

No que tange a bibliotecas particulares, o viajante francês Louis - François de Tollenare impressionou-se com a biblioteca particular do Padre João Ribeiro, de quem se tornou amigo. Sobre esta biblioteca, em sua obra **História da Revolução de Pernambuco de 1917**, depõe Muniz Tavares: "Não havia biblioteca pública, necessidade absoluta de país civilizado: conservavam-se alguns livros, mas pouco escolhidos, e afeitos no interior dos conventos, onde nenhum profano ousava penetrar. O Padre João Ribeiro Pes-

soa, coadjuvado por seus amigos, já começava a formar uma particular na sua habitação, que a todos era aberta: não abundava ainda em volumes, eram porém de preço inestimável pelas matérias que continham".

As grandes bibliotecas nacionais da Europa foram criadas nos séculos SVII e SVIII e no continente americano elas só apareceriam no século XIX. Nos Estados Unidos, a Biblioteca do Congresso — The Library of Congress, foi criada exatamente em 1800, enquanto que as do Rio de Janeiro e Buenos Aires aparecem no ano de 1810.

Com relação às nossas bibliotecas estaduais, foi a Bahia e estado pioneiro, pois que data de agosto de 1811 a instituição de sua biblioteca que foi a primeira biblioteca brasileira organizada segundo um plano pré-estabelecido.

A biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foi fruto da transferência para o Brasil da Família Real Portuguesa, por força da Invasão Napoleônica. Teve ela no Barão de Ramiz Galvão, que a dirigiu de 1870 a 1900, o seu grande organizador, mediante a reforma substanciada no Decreto nº 6.141, de 4 de março de 1876. Por este Decreto se verifica que Ramiz Galvão tudo previu em matéria de organização de biblioteca: aquisição, tombamento, classificação, catalogação, conservação, assistência aos leitores e até o empréstimo domiciliar, embeberrestrito aos "livros de fácil aquisição".

Sua gestão se notabiliza por um plano de edição dos mais felizes e do qual se destaca o **Catálogo da Exposição de História do Brasil** e os **Anais da Biblioteca Nacional**.

Sucedeu-lhe no cargo Manuel Cícero, que a dirigiu de 1900 a 1924, com interrupções em virtude da ocupação de outras funções administrativas. Sua administração dotou a Biblioteca Nacional de um serviço de bibliografia e documentação bastante avançado para a época, e de um Curso de Biblioteconomia, o primeiro da América Latina, tendo como padrão o da École Nationale des Chartes. Este curso, que era de nível superior, exigia dos candidatos a conclusão de curso de Humanidades e um exame vestibular. De seu currículo

constavam 4 disciplinas: Bibliografia, Paelografia e Diplomática, Iconografia, e Numismática. Integravam o programa de Bibliografia, organizado por Constâncio Alves, a catalogação, a classificação, a organização e administração de bibliotecas.

Os anos da Segunda Guerra Mundial, sobretudo após a internacionalização do conflito, coincidiram com o surto de interesses pela biblioteconomia e bibliografia brasileiras.

Em 1940, a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo incorpora o curso iniciado em 1937, no antigo Departamento de Cultura, e em 1942 é instituído, em Salvador, o terceiro curso de biblioteconomia do país, pela Universidade Federal da Bahia. Em 1944 dá-se a reforma do curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, que constituiria iniciativa de seu então diretor, o escritor Josué Montello, que depois passaria a dirigir a própria Biblioteca Nacional. A partir dessa data, ou mais precisamente, após o ano de 1945, surgem cursos de Biblioteconomia em Campinas, Porto Alegre e Recife, todos ligados a órgãos governamentais.

O Plano Orientador da Universidade de Brasília, que contém a primeira proposta latino-americana para a formação de bibliotecários especializados em diferentes áreas do conhecimento científico e humanístico, não chegou a ser efetivamente concretizado, conforme depõe Edson Nery da Fonseca, no estudo intitulado **A Biblioteconomia Brasileira no Contexto Mundial**, a que vimos recorrendo, na elaboração desta palestra.

Só em 1964 é instituído naquela Universidade o currículo pleno de Biblioteconomia, criando-se a Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica.

Aquela Universidade, tão denegrida por alguns, sobretudo a partir do Movimento Militar de 1964, mas que tão relevantes serviços tem prestado à cultura nacional, trouxe verdadeira inovação em matéria de Biblioteca, ao estabelecer a centralização, tanto de processos como de coleções, servindo de modelo para várias Universidades do país, sobretudo a partir da Reforma Universitária de 1967 e 1968.

Temos assim, como é bem de ver, numa síntese, imperfeita, uma amostra da expansão do nosso sistema de bibliotecas e de sua interligação com a ação cultural, dado que é por meio da biblioteca que se promove, através da leitura, a disseminação da cultura.

Esta palavra cultura, de que tanto se tem usado e abusado, merece ser redefinida.

Devemos ver na cultura não apenas o alto saber, nem a erudição, nem muito menos o brilho verbal. Cultural é muito mais que isto pois é vivência, é introversão, é a conquista dos instrumentos essenciais de sobrevivência do ser humano. Por isso costume dizer que a altura é aquilo que acrescenta alguma coisa ao ser humano tanto em termos espirituais quanto materiais. Cultura é portanto liberação das potencialidades de auto-realização do homem.

Lourenço Filho, o grande artífice do pensamento pedagógico reformista do país, em publicação intitulada **Ensino e a Biblioteca**, de 1946, definindo os elementos da cultura, cita estudo publicado no Boletim da Associação dos Colégios Universitários Americanos, denominado "A cultura geral no pós-guerra", no qual sublinha:

"O que a cultura exige, no indivíduo, para prosseguimento, depois, em proveito de sua formação, é o seguinte:

- 1) falar e escrever, com plena eficiência, a sua própria língua;
- 2) conhecer, pelo menos, um idioma estrangeiro;
- 2) entender, organizar e interpretar os fatos ocorrentes do mundo físico e social;
- 4) compreender e ser capaz de julgar com critério, e plasticidade de imaginação, as grandes obras de arte, os sistemas éticos e religiosos;
- 5) utilizar com propriedade e sentido de adequação, cada vez mais perfeitos, os principais elementos da arte e das ciências;
- 6) saber conviver e saber cooperar com os seus semelhantes, num espírito de simpatia humana, justiça e compreensão".

E o referido estudo acrescen-

ta: "Se o homem há de ser responsável como indivíduo e como cidadão, terá de ser capaz também de pensar, e julgar com independência; e para manter ideais sadios será indispensável refletir com espírito crítico e com conhecimento da verdade existente. Donde a importância do ensino dos processos objetivos e imparciais do método científico, e do cultivo da expressão clara e eficiente, tanto oral como escrita; só assim se definirão bem os ideais de cada um, e cada um contribuirá, da melhor maneira possível, para a vida social de hoje, cuja base é a compreensão mútua. Tão somente quando o homem chegue à convicção de que a auto-expressão, assim concebida, seja útil, e não só útil mas necessária, como fonte de verdadeiro prazer intelectual, é que descobrirá também o poder de comunicar o que sabe. E descobrirá, então, que criar e fruir a beleza, em todas as suas manifestações, são os meios pelos quais adquirirá a consciência de que é livre - livre não somente do ponto de vista político, mas também moral, mas também da vida espiritual em toda a sua plenitude. Esta consciência de liberdade espiritual será o mais poderoso fator da convicção democrática, resumida no pensamento de que a única forma digna de ser vivida é a vida na liberdade".

Uma palavra final sobre a implantação de um plano nacional para o desenvolvimento de bibliotecas.

O assunto constitui matéria inscrita nos planos governamentais de expansão de escolaridade e dinamização da cultura.

Em estudo contido na *Revista da Escola de Biblioteconomia da UMFG*, salienta William V. Jackson que em quase todos os países da América Latina se observa o aparecimento de uma nova dimensão na cena bibliotecária, ou seja, uma crescente série de atividades relacionadas com o planejamento do desenvolvimento das bibliotecas. Encontros Regionais, seminários e conferências têm sido realizados com este objetivo. E conclui afirmando que: "O ponto de vista mais comum é que o planejamento de serviços bibliotecários é uma fase do planejamento educacional que, por sua vez, é um dos grandes setores do plane-

jamento nacional do desenvolvimento sócio-econômico em geral. Em outras palavras, se se considera o planejamento global nacional em nível primário, o planejamento dos principais setores como educação e saúde pública se coloca em nível secundário e o planejamento de componentes destes setores - tais como bibliotecas e centros de documentação - forme o nível terciário. Talvez isto explique porque muitos planos de desenvolvimento nacional tenham tão poucas referências a bibliotecas".

Já há entre nós assim uma preocupação muito grande com o desenvolvimento de um sistema nacional de bibliotecas públicas, como corolário de uma política de expansão cultural, pois que é a biblioteca a gênese de todo processo educativo e cultural.

As dificuldades são grandes. Não há profissionais em número suficiente, sobretudo para atender às bibliotecas escolares que continuam o mais das vezes como peça ornamental das instituições educacionais. E não é mais possível conceber-se a biblioteca como instituição somente de processo educacional, no momento em que são introduzidos métodos ativos na educação.

Espera-se que com a criação do sistema nacional de bibliotecas centralizado no Instituto Nacional do Livro e de que se constituem núcleos de sub-sistemas, nos Estados, as bibliotecas públicas estaduais, possa ser feito algo no sentido de transformar a realidade atual.

Refere o professor Benedito Silva, em estudo divulgado pelo Instituto de Documentação da Fundação Getúlio Vargas, que o pensador McLuhan divide a história da humanidade em quatro estágios. O primeiro é o estágio da cultura acústica ou oral, característico das tribos primitivas e, em geral, de toda a humanidade, até o advento da escrita na Grécia antiga. O segundo é o estágio da cultura manuscrita, que surgiu na Grécia, depois de Homero, e perdurou até os fins do século XVI. O terceiro é o estágio da cultura tipográfica ou impressa, o qual, **grosso modo**, domina o período compreendido entre 1500, ano do descobrimento do Brasil, e 1900, apogeu da cha-

mada **belle époque**. O quarto é o estágio das comunicações eletrônicas. Tem seu início na primeira década do século XX, chega estridente aos nossos dias e projeta-se para o futuro em plena aceleração".

Valendo-se da terminologia de McLuhan, denomina aquele autor ao primeiro estágio - de cultura tribal, ao segundo - de cultura manuscrita, ao terceiro - de galáxia de Gutenberg e ao quarto - de aldeia global.

Vivendo assim hoje em dia em plena aldeia global ou nesta cidade civilização planetária como a denomina, com muita propriedade, o pensamento Tristão de Athayde, a presença informação ou mesmo da informática, como diriam os tecnocratas, passa a dominar inteiramente a civilização contemporânea.

Disciplinar o seu uso é tarefa daqueles que lidam com a informação e a documentação, mister que constitui o cerne do ofício que escolhetes, por vocação.

Não me abalço a definir o significado do termo vocação. Prefiro recorrer ainda uma vez ao filósofo citado no início dessas considerações ao dignificar que "el hombre es la única y casi inconcebible realidad que existe sin tener un ser irremediavelmente prefijado, uno es desde luego y ya le que es, sino que necessita elegirse su propio ser. Cómo lo elegirá? Sin duda, porque se representará em su fantasía muchos tipos de vida posibles, y al tenerlos delante, notará que alguno de ellos le atrae más, tira de él, le rechama e le llama. Esta llamada que había un tipo de vida sentimos, esta vez o grito imperativo que asciende de nuestro más radical fondo, es la **vocación**".

Sede assim, meus amigos, fiéis à vossa vocação para que assim possais ser felizes.

* Palestra proferida no Auditório da Universidade Federal do Piauí, por ocasião da Semana Nacional do Livro, - outubro de 1982.

* Escritor, ensaísta e membro da Academia Piauiense de Letras.

TODO RUMO TEM RIMO

O PIAUÍ, CONFIANTE NO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO INTERNO, IMPLANTOU UMA REDE DE HOTÉIS PARA VOCÊ DESFRUTAR DE CONFORTO E DE COMODIDADE, EM ROTEIROS QUE VOCÊ MESMO DESCOBRIRÁ.

TERESINA (ESCRITORIO CENTRAL)

praça marechal deodoro, 790 — FONES: (086) 223-3100 e 223-5038

LUÍS CORREIA — HOTEL RIMO ATALAIA

AVENIDA TERESINA (PRAIA DO ATALAIA) — FONE: 367-1124

ESPERANTINA — EM IMPLANTAÇÃO.

PEDRO II — HOTEL RIMO PEDRO II

AVENIDA ITAMARATY (VILA SÃO JOSE) — FONE: (2711) 543

AMARANTE — POUSADA “VELHO MONGE”

RUA ABDOM MOURA, S/N, DE FRENTE PARA O RIO PARNAIBA

OEIRAS — POUSADA “CASA DO CONEGO”

PRAÇA DAS VITÓRIAS, 28 — FONE: 462-1219

CANTO DO BURITI — HOTEL RIMO CANTO DO BURITI

RUA PADRE MARCOS, 364 — FONE: 531-1197

SÃO RAIMUNDO NONATO — EM IMPLANTAÇÃO.

CORRENTE — HOTEL RIMO DE CORRENTE

RODOVIA BR-135, KM 01 — FONE: 573-1499



**REDE INTEGRADA DE HOTÉIS
E POUSADAS DO PIAUÍ S.A. — RIMO**



Vinculada à

SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO

AUTONOMIA E INDEPENDÊNCIA NO PIAUÍ

Lauro Correia
Membro da Academia Parnaibana de Letras

A Independência de um País ou Estado haverá de ser entendida em suas modalidades ou espécies: Independência político-administrativa, econômica, religiosa e cultural.

O tema proposto se relaciona à **Independência Político-Administrativa do Brasil**, e à Independência do Piauí, ou acertadamente afirmando, à **Autonomia do Piauí**.

O Piauí, como sabemos, após sua autonomia administrativa, proclamada em 1718 e consolidada em 1762, quarenta e quatro anos depois, permaneceu subordinado, sob os aspectos religioso e cultural, ao Maranhão.

O Piauí não proclamou a sua Autonomia Político-Administrativa.

A Proclamação da Autonomia do Piauí ocorreu em 1718, um século antes da Independência do Brasil, em 1822.

A Autonomia do Piauí foi proclamada, em Lisboa, por El-Rei Dom João V, em 1718, através de Alvará.

O período de **Consolidação** da Autonomia piauiense se estendeu por 44 anos, iniciada que o foi em 1718 e concluída em 1762.

No estudo da Autonomia do Piauí, destacamos **três importantes fatos**:
1718 - Criação da **Capitania do Piauí**
1758/1759 - Nomeação e Posse do 1º **Governador**

1759/1762 - Criação e Instalação das **Primeiras Vilas do Piauí**.

A Cronologia Histórica do Piauí, relativamente à Autonomia estadual, consigna efemérides esparsas, que convém serem destacadas e agrupadas, para uma visão global:

1701 - Carta Régia de El-Rei de Portugal.

Determinou a desanexação do **Território do Piauí** (freguesia do Piauí) da Capitania de Pernambuco e sua anexação à Capitania do Maranhão.

1718 - Alvará de El-Rei Dom João V.

Criou a **Capitania do Piauí**, separando-a da Capitania do Maranhão, quanto à parte administrativa, tendo por Capital a **Vila da Mocha**, então **Aldeia de Cabrobó**.



1718/1758 - Longo período, de 40 anos, de resistência e demora na consolidação da Autonomia piauiense.

1758 - Provisão de El-Rei Dom José I.

Mandou executar o Alvará de 1718 e **nomeou** João Pereira Caldas, primeiro Governador da Capitania (29/06/1758).

1759 - Carta Régia de El-Rei Dom José I.

Autorizou ao Governador da Capitania do Piauí, João Pereira Caldas, para, de acordo com o Desembargador Francisco Marcelo de Gouveia, criar várias **Vilas no Piauí** (29/07/1759).

1759 - Tornou posse da administração da Capitania do Piauí o seu primeiro Governador, João Pereira Caldas (20/09/1759).

1761 - Carta Régia de El-Rei Dom José I.

Conferiu à Vila da Mocha os foros de **Cidade** e Capital da Capitania, e elevou à categoria de **Vila** as suas **oito** povoações paroquiais (19/06/1761).

1761 - Ato do Governador João Pereira Caldas deu à Capitania a denominação de **Capitania de São José**

do **Piauí**, e à Vila da Mocha os foros de Cidade de **Oeiras do Piauí** (13/11/1761).

1762 - Instalações das **Novas Primeiras Vilas do Piauí**.

1762 - **Arrolamento Geral da Capitania**, ou Primeiro Recenseamento da População e Fazendas do Piauí.

INDEPENDÊNCIA DO BRASIL NO PIAUÍ

a - **7 de Setembro e 19 de Outubro de 1822**.

A **Independência do Brasil** foi proclamada, em São Paulo, nas margens do riacho Ipiranga, por El-Rei **Dom Pedro I**, em 1822 (07/09/1822).

Analogamente, e com base nos fatos históricos, afirmamos que:

A **Independência do Brasil** foi proclamada, no Piauí, nas margens do Rio Igaracu, na **Vila de São João do Parnaíba**, pelo Coronel **Simplicio Dias da Silva**, em 1822 (19/10/1822).

Esta segunda afirmativa está con-

tida no Ofício, datado de 14 de novembro de 1822, que a Junta do Governo da Província do Piauí dirigiu ao Ministro da Justiça, José da Silva Carvalho, em Lisboa, comunicando os acontecimentos na Parnaíba, **in verbis**:

"Tendo-se esta Província conservado pacífica e tranquila, sucedeu que em 19 de Outubro próximo passado, na Vila da Parnaíba, se **proclamasse a Independência do Brasil**". (Vide "Cronologia Histórica do Estado do Piauí", F. A. Pereira da Costa, 2ª edição, volume II, pág. 271; 1ª edição - 1907).

A Junta do Governo da Província do Piauí, signatária do citado Ofício, tinha a seguinte composição: Matias Pereira da Costa, Presidente; Francisco de Sousa Mendes, Secretário; José Antônio Ferreira, Miguel Pereira de Araújo, Caetano Vaz Portela.

O ato de **Proclamação**, na magistral obra de J. M. Pereira de Alencastre, é caracterizado como **Grito de Independência**, lembrando o feito heróico às margens do Ipiranga:

"Em Outubro de 1822, a Parnaíba levantou o **Grito de Independência**, e aclamou o Senhor Dom Pedro I, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo".

"Chegando a Oeiras tão importante notícia, o Major Fidé, comandante das armas, aterrado, apesar de já esperar o golpe, fez reunir com a maior brevidade toda a força que tinha a sua disposição, e seguiu para Parnaíba, a fim de abafar o **Grito de Independência**". (Vide "Memória Cronológica, História e Corográfica da Província do Piauí", J. M. Pereira de Alencastre, 2ª edição, pág. 66; a 1ª edição data de 1857, trinta e cinco anos após a Independência de 1822).

Com base nas duas afirmativas iniciais, é possível elaborar o seguinte quadro sinótico comparativo.

b - 24 de Janeiro de 1823.

Quanto ao patriótico movimento de 24 de Janeiro de 1823, cronologicamente posterior ao 19 de Outubro de 1822, e cujo mérito não cogitamos de diminuir, representa, na interpretação do historiador F. A. Pereira da Costa, uma **Adesão**, **in verbis**:

"**Adere** Oeiras à Independência Nacional e proclama Imperador o Príncipe Dom Pedro, como tudo consta do seguinte Termo:" (Vide "Cronologia Histórica", F. A. Pereira da Costa, 2ª edição, volume I, pág. 288).

Realmente o Termo da Vereação Extraordinária de 24 de Janeiro de 1823, lavrado na cidade de Oeiras do Piauí, assinado pelo Juiz de Fora, Vereadores e Procurador do Senado da Câmara, bem assim por civis e militares, reconhece a Adesão quando explicita o objetivo principal da citada reunião: "**A fim de se dar cumprimento** ao Ofício do Excelentíssimo General do Exército Imperial e Pacificador da Bahia, dirigido ao Brigadeiro Manuel de Sousa Martins, juntamente com uma proclamação, o que tudo fica registrado à folha 2; e isto para o fim de se **aclamar** a Independência e sua Alteza Real Imperador Constitucional do Brasil," (Vide mesma obra anteriormente citada, pág. 288).

c - Terminologia Emancipacionista

Entre as conclusões chegadas, temos que em alguns trabalhos publicados sobre História do Piauí, versando sobre Autonomia do Piauí e Independência do Brasil no Piauí, encontramos um emprego ou sentido inadequado e/ou imperfeito dos vocábulos - **Proclamação, Aclamação, Adesão, Consolidação e Conclamação**, e mais ainda confusão entre Autonomia do

Piauí, denominada Independência do Piauí, com a Independência do Brasil no Piauí.

Daí afirmarmos que mais que histórica, pois cronologicamente o 19 de Outubro precedeu o 24 de Janeiro, a controvérsia que se pretende levantar sobre a Data Magna do Estado do Piauí é de **origem linguística**, com fundamento no emprego errôneo e/ou inadequado da **Terminologia específica**.

Há de se consultar os dicionários, analisar e concluir que é imprescindível detectar os sentidos específicos e/ou apropriados das palavras acima mencionadas, em se tratando de emancipação ou independência.

Assim sendo, entendemos:

Proclamação - Ato de afirmar com ênfase, em público e voz alta.

Aclamação - Ato de aplaudir ou aprovar ou reconhecer solenemente.

Adesão - Ato de assentimento, aprovação, concordância ou manifestação de solidariedade.

Consolidação - Ato de tornar sólido, seguro, estável.

Conclamação - Ato de bradar ou clamar simultaneamente.

Como decorrência dessa "**Terminologia emancipacionista**", como assim denominamos, temos que a Vila de São João do Parnaíba e a Cidade de Oeiras do Piauí, no início do Século XIX, foram cenários e alguns de seus habitantes participaram como **personagens** de fatos da História Nacional, a saber:

Vila de São João do Parnaíba - **Proclamação** da Independência do Brasil e **Aclamação** do Imperador Dom Pedro I.

Cidade de Oeiras do Piauí - **Adesão** à Independência do Brasil, **Aclamação** do Imperador Dom Pedro I e **Consolidação** da Independência do Brasil.

Independência do Brasil Quadro Sinótico Comparativo

	Independência do Brasil (Em São Paulo)	Independência do Brasil (No Piauí)
LOCAL	SÃO PAULO	PIAUI
CIDADE	SÃO PAULO	Vila de São João da Parnaíba
DATA	1822 07/09/1822	1822 19/10/1822
RIO	Riacho Ipiranga	Rio Igarçu
PROCLAMADOR	Dom Pedro I (El - Rei)	Simplicio Dias da Silva (Coronel)
PATRIARCA	José Bonifácio José Bonifácio de Andrade e Silva	João Cândido João Cândido de Deus e Silva (Juiz)

d - Independência não é um fato isolado

É desnecessário salientar que a Independência não é um fato isolado, e no caso do Piauí é preciso recuar a 1762, sessenta anos no passado, à data da criação da Capital e das 8 Vilas da Capitania de São José do Piauí.

É preciso conhecer a Vila de São João do Parnaíba, de 1762 a 1822, e reconhecer a sua importância no cenário da Capitania.

Com efeito, em 1762, Oeiras possuía 594 fogos, representando casas, com 3.615 habitantes; Piracuruca, em 2º lugar, possuía 330 fogos, com 2.349 habitantes, enquanto que a Vila de São João do Parnaíba, em 9º e último lugar, possuía apenas 4 fogos, com 19 habitantes.

O Povoado Testa Branca, elevado à categoria de Vila de São João do Parnaíba, e com sede definitiva no Porto das Barcas, a partir de 1770, e nesse novo local teve um progresso extraordinário, oriundo das charqueadas dos Dias da Silva pois que, quarenta e dois anos após, em 1804, já ultrapassava a própria Capital, conforme dá fé o Ofício, datado de 30/03/1804, dirigido ao Príncipe Regente do Reino, pelo Governador da Capitania de São José do Piauí, Pedro José Cesar de Meneses, *in verbis*:

"Ainda assim no ruinoso estado em que se acha a agricultura e o comércio desta Capitania, é a Vila de São João do Parnaíba mais opulenta que esta Capital de Oeiras, e em todo o sentido a que tem mais capacidade para nela se habitar, e para a residência do Governador da Capitania, onde não experimentará a indigência e penúria que aqui padece, ainda dos viveres de primeira necessidade". (Vide "Cronologia Histórica do Estado do Piauí", F. A. Pereira da Costa, 2ª edição, volume II, pág. 215).

O Censo geral da Província, realizado em 1831, apresentava as populações da Capital e da Vila praticamente iguais:

Oeiras, na cidade, 4.692 habitantes

Parnaíba, na vila, 4.324 habitantes

Alguns anos após, em 1843, o arrolamento geral da população acusava um número pouco superior a 200.000 almas, evidenciando-se a supremacia da Vila de São João do Parnaíba com 4.978 fogos ou residências, enquanto a Capital Oeiras possuía 3.857 fogos.



Procedemos pesquisa e análise sobre o cenário, a situação e os personagens da Independência.

Procuramos conhecer e valorizar as qualidades positivas, cívicas e pessoais, de Simplicio Dias, João Cândido de Deus e Silva, Miranda Ozório, e outros líderes, cujos defeitos têm sido ampliados por determinados escritores.

Entendemos, outrossim, que a Autonomia ou Independência, deverá ser focalizada como um fato dinâmico, não restrito aos acontecimentos épicos ou históricos do passado, mas ideal presente e vivo nas aspirações modernas do povo.

- PROCLAMAÇÃO DA AUTONOMIA ECONÔMICA DO PIAUÍ

A autonomia administrativa do Piauí, proclamada em 1718, foi consolidada quarenta e quatro anos após, em 1762.

Proclamada a Independência Político-Administrativa do País em 1822, transcorridos 164 anos, continua o Piauí a apresentar os mais baixos índices sócio-econômicos entre as demais unidades federativas, e a ocupar na região Nordeste a última posição entre os 9 Estados brasileiros integrantes do Polígono das Sêcas.

Comprovada tecnicamente que os recursos naturais existentes em nosso território, representados pela perenidade do Rio Parnaíba, pelas terras apropriadas ao pastoreio e ao cultivo, e pelo extraordinário lençol d'água subterrâneo, são necessários e suficientes a modificar substancialmente a incômoda e desonrosa nona e última posição entre os Estados Nordestinos, não obstante isto, continua a decepção do povo piauiense diante da dura e difícil situação econômica do Estado.

Desde 1960, e durante a Campanha Eleitoral que nos conduziu à Prefeitura do nosso Município, até os dias presentes, que proclamamos:

"A redenção sócio-econômica do Piauí está no aproveitamento múltiplo do Rio Parnaíba, e quase que exclusivamente na construção da Barragem de Boa Esperança e do Porto Marítimo de Luiz Correia". (Lauro Correia, 1960).

Além da Barragem construída, e da Usina Hidro-Elétrica, de Boa Esperança instalada em 1970, temos a satisfação de constatar que o recente contrato firmado com a Construtora Camargo Corrêa assegura o término das obras do Porto Marítimo de Luiz Correia para Dezembro do ano vindouro.

Observamos, atualmente, uma conscientização do povo piauiense em torno da "Salvação do Rio Parnaíba", veiculada através dos jornais e das emissoras de rádio e televisão, e constatamos, também, que os setores produtivos estaduais se voltam preocupadamente para os processos de irrigação das terras marginais do grande rio e de seus afluentes, inclusive das áreas que dispõem de farto lençol d'água subterrâneo.

As atuais gerações de piauienses, da Parnaíba, de Teresina, de Oeiras e dos demais municípios, têm a grande responsabilidade de assumir a decisão inabalável de salvar o Rio Parnaíba de sua lenta agonia, ou, se assim não o fizerem ou conseguirem, darão aos pósteros um atestado da nossa incompetência ou desamor à terra natal.

Não é possível assistir, indiferentes ou acovardados, o lento declínio do Velho Monge.

Urge, piauienses, uma séria e segura tomada de decisão.

Se no passado recente, de 1959 para cá, fomos capazes de sonhar, idealizar, lutar e conseguir a construção da Barragem de Boa Esperança, a implantação da Usina Hidro-Elétrica e o término das obras do Porto Marítimo, obras seculares a desafiar gerações e gerações de piauienses, porque agora duvidar que não tenhamos Fé e Inteligência para novo Sonho, Ideal, Luta e Vitória em torno da salvação definitiva do Rio Parnaíba?

Essa salvação do Rio Parnaíba está, senhores, na solução de dois problemas, menores que os anteriores já solucionados:

1º - LIGAÇÃO DO RIO TOCANTINS AO RIO PARNAÍBA, com utilização dos cursos naturais de afluentes e do Rio das Balsas, a montante do Reservatório de Boa Esperança, a partir da cidade de Carolina, no Mara-

nhão, com a abertura de um canal com extensão aproximada de apenas cem quilômetros, tudo de acordo com os termos de Recomendação oficialmente aprovada no Seminário sobre a Navegabilidade do Rio Parnaíba, concluído eminentemente técnico e simpósio a nível nacional, realizado em Abril de 1982, em Parnaíba, neste Estado.

- CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DA COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DO RIO PARNAÍBA, de acordo com Projeto de Lei do Deputado Federal Pinheiro Machado, cuja Companhia cuidará da proteção das nascentes do nosso rio, da fixação de suas margens, da remoção de "galhadas" existentes no leito do rio, da dragagem de algumas passagens difíceis, da administração e movimentação dos portos fluviais e do porto marítimo, da navegabilidade do rio.

Urge, piauienses, repetimos, uma séria e segura tomada de decisão.

É imprescindível **proclamar**, repetir e divulgar em todo o território piauiense, para conhecimento de todos os coestaduanos, conscientizando as mentes e emocionando os corações, - a idéia da Autonomia Econômica do Piauí.

Essa sonhada Autonomia, proclamada hoje, requer tempo, energia, inteligência e suor para sua concretização.

Eis os termos dessa idealizada **Proclamação da Autonomia Econômica do Piauí**:

"A Autonomia Econômica do Estado do Piauí está no **aproveitamento múltiplo do Rio Parnaíba e na Irrigação** das terras marginais do rio principal e seus afluentes, bem assim das demais regiões estaduais privilegiadas por farto lençol d'água subterrâneo, objetivando a produção agrícola, a criação do gado, a pesca, o abastecimento d'água, a geração de energia hidro-elétrica, a iluminação pública e residencial, a industrialização, a navegação e o turismo. As obras fundamentais e necessárias para a conquista dessa Autonomia são: **Ligação do Rio Tocantins ao Rio Parnaíba e criação e implantação da Companhia de Desenvolvimento do Rio Parnaíba**".

(19.10.1986, LC)

A - OBRAS BÁSICAS

- 01 - **"Memória Cronológica, Histórica e Corográfica da Província do Piauí"**
José Martins Pereira de Alencastre

J. M. Pereira de Alencastre
PEREIRA DE ALENCASTRE
1ª Edição - 1857
2ª Edição - 1981 - COMEPI - Teresina - PI

- 02 - **"Cronologia Histórica do Estado do Piauí"**
Francisco Augusto Pereira da Costa
F. A. Pereira da Costa
PEREIRA DA COSTA
1ª Edição - 1909 - Tipografia do Jornal do Recife - Pernambuco
2ª Edição - 1974 - Editora Arte Nova - Rio de Janeiro - RJ

- 03 - **"História do Piauí"**
CLODOALDO FREITAS
1902 - Teresina - PI

- 04 - **"A Guerra do Fidié"**
ABDIAS NEVES
1ª Edição - 1907 - Teresina - PI
2ª Edição - 1974 - Rio de Janeiro - RJ

- 05 - **"Independência do Piauí"**
ANISIO BRITO
1923

- 06 - **"Roteiro do Piauí"**
Carlos Eugênio Porto
CARLOS PORTO
1ª Edição - 1955
2ª Edição - 1974 - Editora Arte Nova - Rio de Janeiro - RJ.

Agora você pode tirar da gaveta aquele livro que escreveu e não tinha como publicar. O Governo Hugo Napoleão, no sentido de estimular a produção literária, criou o Projeto Petrônio Portella para editar livros que reflitam o Piauí, seu povo, sua cultura.

Av. Miguel Rosa, 3.300/5 - Teresina (PI)

Secretaria de Cultura,
Desportos e Turismo



**PROJETO
PETRÔNIO
PORTELLA**

ANA EM BUSCA DO SEU LUGAR AO SOL

MIRANDA

"Ana Miranda é cantora. Uma cantora excelente, alegre, brasileira e estudiosa de nossa música. Mas é também escritora, e poeta (Adalgisa Nery detestava a palavra poetisa. Em homenagem a ela Ana é poeta e não poetisa) cronista e contista. O que eu quero dizer é o seguinte: Ana Miranda é, sobretudo, uma artista. Sua carreira, embora no início, já é carregada de uma experiência substancial para quem deseja dominar todos os mistérios do seu ofício. Encanta-me bastante sua passagem como cantora na banda de Paulo Moura, pela amplitude do repertório e pelo exercício do cantar. Assim me deixa muito feliz o seu interesse em registrar a música popular de sua terra, o Piauí, divulgando-a e recriando-a. E como carioca não posso deixar de manifestar a minha alegria pelos mergulhos de Ana Miranda no fundo do acervo do samba carioca, do qual está recolhendo verdadeiras jóias do repertório dos antigos compositores. Em síntese, quero mesmo é dizer que estou muito orgulhoso de apresentar Ana Miranda". (Palavras do jornalista e crítico musical Sérgio Cabral sobre Ana Miranda.



Ana Miranda é uma cantora não somente ouviu e curtiu música nordestina. Sua formação musical é recheada de boleros, valsas e até samba choro. O começo da carreira foi na década de setenta, em Teresina, com o show "Udigrudi", que ironizava de uma forma criativa o movimento underground. Em 1974 Ana con-

quistou o prêmio de melhor intérprete do 1º Festival de Música Popular do Piauí, feito que Ana repetiu exatamente 10 anos após, em 1984, ganhando o prêmio de melhor intérprete feminina do 1º Encontro de Compositores e Intérpretes do Piauí, em 1984, no Ginásio Verdão em Teresina. "Flor do Algodão", canção do

compositor piauiense Naeno e nome do 1º show de Ana no Rio de Janeiro, no Bar do Violeiro, em 82. Na TVE Canal 2 do Rio de Janeiro, gravou três vezes nos programas "Sinal Aberto", "Forró" e "Lira do Povo". Participou do Festival Nacional das Mulheres nas Artes, em São Paulo. Ana participou na área de música e literatura, defendendo uma canção de sua autoria "Dez vez em quando". Recebeu promessas de gravadoras, chegando até assinar contrato com a gravadora Lança (associadas à Polygram para gravação de 2 Lps que não se con-

priva da amizade do saxofonista, arranjador e maestro Paulo Moura, tornando-se a cantora da sua Banda por seis meses, apresentando-se em gafieiras, shows e festivais no eixo Rio / São Paulo. Em 58, gravou com outros artistas piauienses o Lp Geléia Gerou, patrocinado pela Secretaria de Cultura Desportos e Turismo, como resultado do 1º Encontro de Compositores e Intérpretes. Participou também do IV Festival Arealense de música popular, em Areal, RJ. Ampliou assim, seu leque de experiências musicas com um programa de rádio, na rádio

total. O jornalista e crítico de música Sérgio Cabral fez a apresentação e Thereza Aragão, a direção do show.

No final de 85, volta a sua terra natal, Teresina, com muito amor, e aqui, não pára de trabalhar, lutar, em prol de sua carreira e da música popular piauiense. Coordena atualmente, o Projeto Torquato Neto da Secretaria de Cultura Desportos e Turismo. Há um ano se apresenta todas as noites de sexta-feira e sábado com sucesso no badaladíssimo restaurante "Chez Matrinchan", na Avenida N. S. de Fátima no bairro Jochey Club para deleite dos apreciadores da boa música brasileira ao lado do pianista e compositor Garibalde.

Show Ana Miranda e Grupo

O segundo semestre de 86 foi festivo, muita movimentação, com grandes lances de shows que teve o encerramento da temporada, na noite de 11 de dezembro, no Ginásio "Verdão", o show Ana Miranda e Grupo para uma plateia, de duas mil e quinhentas pessoas que é uma consagração para uma artista da terra. Com garra, coragem e acima de tudo, muita fé em si mesma e em seu talento artístico. Ana Miranda, brilhou, empolgou e implacou. Interpretou do xote ao rock do Lobão, passando pela bossa nova e lindas canções românticas. A produção teve três meses para aprontar e dar os últimos detalhes para a realização do evento. A meta seguinte da cantora e compositora Ana Miranda é a produção do seu 1º Lp em 87 e percorrer com esse show as principais cidades do Piauí e regiões vizinhas para consolidar sua arte em busca de um lugar ao sol no cenário da música brasileira. Cantar e encantar é o que Ana Miranda sempre faz.



cretizou, infelizmente. Perdeu com isso a música popular brasileira. Mas Ana não se deu por vencida, ganhou as noites cariocas, conquistando público noturno no Rio de Janeiro com o show "Lua Cigana" no restaurante Barbadas, Maria Maria, Dom Camilo, Ponteiro e etc.

Logo em seguida, conhece e

Roquette Pinto, "Alô, Alô Carnaval", com o radialista Airton Pisco. Em 85, ainda, Ana Miranda foi escolhida para realizar uma temporada de shows na Sala Funarte Sidney Miller, dentro da série "Proposta", Ana Miranda convidou a cantora e compositora Sueli Costa para fazer o show com ela. O show, nem se fala, foi sucesso

- ANÍSIO BRITTO -

UMA NOVA CONCEPÇÃO DA HISTÓRIA

A. Tito Filho (*)

São dezesseis anos de presidência da Academia Piauiense de Letras. Dezesseis anos de rememorar aqueles que se foram e que, com o passar do tempo, atingiram os 100 primeiros anos de vida se vivos fossem. Assim fizemos com Antonino Freire, com Abdias Neves, com Pedro Brito, com Matias Olímpio... E já em 1987, outros membros da Academia se encontrariam na mesma idade, como José de Arimathea Tito, Zito Batista, Esmaragdo de Freitas e Sousa, Celso Pinheiro. De verdade, é necessário que se rememore o que esses homens gravaram na gratidão do seu Piauí. O ano passado procuramos D. Carlota de Brito Melo, a fim de que ela nos fornecesse os principais trabalhos históricos de Anísio Brito. Por uma desconfiança natural, a desconfiança de que nós não restituíssemos as coleções de jornais, os exemplares únicos deixados pelo esposo, Carlota nos recusou o obséquio. E nós lhe aprovamos a atitude justificada pelo receio de não receber de volta a produção histórica de Anísio de Brito Melo. Mas, aproximando-se o centenário do notável conterrâneo, fizemos levantamento quase completo dos seus traços biográficos, dos cargos exercidos, dos serviços prestados ao Piauí e da sua produção histórico-educacional. Mandamos este humilde trabalho ao Governador Bona Medeiros, ao Presidente da Assembleia Legislativa e especialmente ao Deputado Ribeiro Magalhães, conterrâneo do saudoso escritor. Enviamos o trabalho ao Presidente do Tribunal de Justiça e especialmente ao Desembargador Manfredi Cerqueira, nascido em Piracuruca - a mesma terra natal do homenageado. Enviamos esse resumo à Secretaria de Cultura, à Fundação Cultural, a colégios, à Universidade, a

todos os instrumentos de divulgação de massa de Teresina: jornais, rádios, televisões. Anísio deveria receber dos piauienses as homenagens que a sua memória reclama e merece. Anísio de Brito chegou a Teresina, vindo da modestíssima cidade de Piracuruca, onde exercia funções profissionais de dentista, nos primeiros tempos deste século. Pretendia tentar a vida na Capital, de mais horizontes, de mais conforto, de mais rentabilidade no exercício profissional. E em chegando a Teresina encontrou um ambiente de efervescência de idéias, um ambiente de renovação intelectual, pelo qual foram responsáveis Higinio Cunha, Clodoaldo Freitas, Anísio de Abreu, Abdias Neves. Justamente os bacharéis que vinham modificados no seu espírito e na sua inteligência pela famosa e ainda discutida Escola do Recife, com os seus pontífices

maiores: Tobias Barreto e Sílvio Romero. Neste ambiente de pregação naturalista, anticlericalista, ambiente de ateísmo confessado, neste ambiente, Anísio recusaria os instrumentos do odontólogo e aderiria a conceitos novos e seguia outros caminhos. Tornou-se professor. Ascendeu à direção do Colégio Estadual, na época Liceu Piauiense. No governo João Luis Ferreira, diretor da Instrução Pública. Mantido por Matias Olímpio, depois reconduzido por Landri Sales e finalmente sustentado por Leônidas Melo. Quatro vezes no cargo, hoje correspondente a secretário da Educação. Realizou reforma do ensino, abdicou dos métodos de Lancaster adotados na escola primária. Realizou modificações na educação física, contratando técnicos do sul para este mister nas escolas secundárias do Piauí. Inaugurou o gosto artístico do ca





orfeônico e só deixou a paixão pelos motivos educacionais quando Leônidas de Castro Melo lhe entregou tarefas que antes já havia exercido, as tarefas de organizar, dirigir, orientar a Biblioteca, o Arquivo e o Museu Histórico do Estado. Três instrumentos culturais que foram paixão permanente do seu espírito. Pena é que os tempos futuros lhe desmanchassem a obra, separando o Arquivo, a Biblioteca e o Museu, como se as três não fossem peças do mesmo processo, o mesmo processo de pesquisa, o mesmo processo de busca da verdade. Mas, senhores, seremos resumos sobre Anísio Brito. Desejamos levantar sobre ele questão nova, ainda não analisada, para revelar que Anísio Brito foi possivelmente o único, o verdadeiro, o exclusivo historiador científico do Piauí, aquele que serviu de luz, aquele que serviu de farol a todos os outros que que lhe sobrevieram, porque em Anísio de Brito está a verdadeira teoria da revisão da história do Piauí. História com a verdade. Não é possível separar a verdade da história, nem a história terá bases falsas. As bases da história serão científicas, do contrário existirá a anti-história, a negação da história. Quatro aspectos da vida social e política do Piauí absorviam a inteligência e a procura da verdade por parte de Anísio. Quatro assuntos sobre os quais talvez até hoje não se tenha chegado à decisão final. A primeira diz respeito ao desbravamento da terra. Domingos Jorge Velho esteve no Piauí? Se Domingos Jorge Velho esteve no Piauí a quem cabe a prioridade do des-

bravamento do Piauí? A Domingos Mafrense ou a Domingos Jorge Velho? A ainda hoje a polêmica se sustenta. Ainda

hoje se discute a presença ou a ausência do paulista. Ainda hoje se entrecam afirmações sobre se Mafrense aqui penetrou em primeiro ou segundo lugar. Ou se o segundo lugar ou o primeiro coube ao paulista. O visconde de Porto Seguro, uma das mais notáveis afirmações da historiografia e da histologia brasileira, sustenta que Domingos Jorge Velho nunca colocou a bota em território piauiense. Barbosa Lima Sobrinho escreveu obra de fôlego sobre a contenda e nela conclui que é absolutamente inverídico que o bandeirante haja pisado o território por ele escolhido para a sua riqueza - o território do Poti. Antônio José de Sampaio, o extraordinário Sampaio que sonhou com o Piauí industrializado, ainda no século XIX, admitiu que os dois vieram a esta terra, mas Mafrense chegou em primeiro lugar. Abdias Neves segue o mesmo roteiro. Ambos enriqueceram no Piauí, ambos mataram o índio no Piauí. Mafrense chegou em primeiro lugar. Anísio pesquisou, quis a verdade e concluiu que a prioridade da presença no Piauí pertence ao bandeirante, pertence a Domingos Jorge Velho. Mafrense chegaria depois. E a afirmativa se baseia na pesquisa séria, honesta, severa. É que o movimento das bandeiras no Brasil precedeu, foi anterior ao movimento praticado pelos criadores de gado. Refutou Alencastre, refutou todos os outros e admintiu não a sua verdade, mas a verdade científica apoiada sobre as lições da história. Admitamos que Anísio Brito inaugurou no Piauí aquilo em que ninguém havia pensado, a história genética, a história revisionista, história desprovida e destituída de fantasia. A segunda questão levantada por Anísio Brito, uma questão que envolve

a natureza provinciana de comunidades piauienses. E aqui se chocam os parnaibanos com os oeirenses. 19 de outubro ou 24 de janeiro a data da Independência do Piauí? É verdade que quase todos os historiadores asseguram que a Independência é aquela que figura no brasão - 24 de Janeiro de 1823. Mas, em 1937, pouco antes, alguns meses antes do famoso Estado Novo de Getúlio Vargas, quando, ainda funcionavam as Assembléias Legislativas, por inspiração de Anísio Brito, o deputado José Auto de Abreu propôs a primazia aos parnaibanos, fixando o dia 19 de Outubro como a data da Independência do Piauí. Com quem a verdade, meus senhores? Com a argumentação de Anísio Brito, sempre baseado no ensinamento da história? Porque a história possui causas e conseqüências, não pode basear-se na fantasia humana! Com quem a verdade? Com Anísio Brito, inspirador de José de Abreu, que deu aos parnaibanos a primazia, embora estes se refugiassem no Ceará e não tivessem a sustentação popular para tornar vitorioso o movimento. O comandante das Armas de Portugal se aproximava com 1.000 soldados e peças de artilharia. Argumenta Anísio Brito com as causas provocadoras dos fenômenos históricos. Se os parnaibanos não dessem o grito da Independência a 19 de Outubro, quando não se sabia se D. Pedro I havia pronunciado a Independência às margens do Ipiranga, Fidé continuaria em Oeiras, obediente às ordens de D. João VI, para manter-se no Piauí a qualquer custo porque Portugal queria criar o Estado do Grão-Pará, com as riquezas do Pará, do Maranhão e do Piauí. A riqueza do gado, do gado que era dinheiro, o gado que valia mais do que a própria moeda, o gado como mercadoria única e importante para sustentar o norte e sustentar o sul. Ainda se discute se os parnaibanos têm a glória ou se a glória cabe aos oeirenses. E um dos governadores do Piauí, inspirado em documento assinado por cinco historiadores e um leigo no assunto, quis estabelecer o Dia do Piauí a 24 de Janeiro. O fato é recente, o fato é de agora, e Parnaíba se rebelou, inclusive levantando na zona urbana da cidade forcas para que os autores da idéia pagassem o crime de revolver a história. Outro ponto, sobre que Anísio Brito colocou as suas idéias, está na Balaiada. Todos os compêndios de história do Brasil apontam os balaios como criminosos, assaltadores, ladrões. Anísio Brito, calmo como devem ser os que pesquisam, buscou a verdade histórica e provou

com seriedade que os balaíos eram vítimas de prepotências do governo imperial, e encontrou apoio num documento que o visconde da Parnaíba despachou para o Ministério do Império. Daí a revolta do negro Raimundo Gomes, uma revolta cívica contra o homem abandonado e espoliado, contra o homem que vivia sem terra, sem instrução, vendo apenas desde o amanhecer até o anoitecer a fome aviltante da família. E as circunstâncias permanecem ainda um século depois de ter vindo ao mundo Anísio de Brito Melo. Hoje se faz a justiça que lhes fez 40 ou 50 anos passados Anísio de Brito Melo. A mesma justiça que se faz hoje a Antônio Conselheiro, criador de uma república no interior da Bahia, um sindicato rural pra obrigar que os senhores da terra pagassem salários pelo menos condignos aos explorados na terra do cacau. Depois da justiça aos balaíos, Anísio quis que se estudasse a vida, os costu-

mes, a coragem, a dedicação de um homem que durante 20 anos governou a Província com mão de ferro mas com espírito da ordem para fazer que o Piauí mantivessem a sua independência e vencesse os movimentos contra a sua autoridade e contra a chefia da Província pelo seu partido dominante - que era ele próprio. Pediu justiça para o visconde. E a justiça foi feita. Hoje se reconhecem que o visconde da Parnaíba representa dos mais extraordinários governantes do Piauí. Se tinha defeitos, eram os defeitos que a sua época reclamava. Mas soube governar, e governou com o espírito lúcido a ponto de, quando lhe disseram que José Antônio Saraiva mudaria a capital para uma nova cidade criada às margens do Parnaíba e duvidaram que o fato se praticasse, o visconde, com lucidez, disse: "Ele leva a Capital de Oeiras para a nova cidade porque tem o poder na mão! e aí dos que têm o poder na

mão! Fazem o que querem". Pois senhores, Anísio Brito fez escola, fez a revisão da história do Piauí, e os seus discípulos verdadeiros aí se encontram seguindo as lições do mestre estudioso, porque formou cultura com as lições da pesquisa, e da ciência. Fez-se a revisão da nossa história. Monsenhor Chaves, Odilon Nunes, Esmeragdo de Freitas, Hermínio Conde... Os discípulos lembram sempre o mestre. Embora Anísio esteja um tanto esquecido dos que foram ingratos com a sua memória, com a sua inteligência penetrante, ele enriqueceu e preservou o repositório das nossas tradições, revisando os fatos principais da história do Piauí, presente aqui na lembrança do seu espírito público e falará sempre à posterioridade sobre a nossa história.

(*) Presidente da Academia Piauiense de Letras.

ANÍSIO BRITO

José Lopes dos Santos

Conforme comentei na edição do dia 26 próximo passado, o Conselho Estadual de Cultura, sob a presidência do professor, advogado e jornalista Benjamin do Rego Monteiro Neto, foi a primeira entidade a comemorar o centenário de Anísio de Brito Melo.

Complementando aquele comentário trago hoje resumo noticioso de como decorreu a sessão especial promovida pelo Conselho Estadual de Cultura. O resumo foi redigido pelo próprio Presidente do órgão, a que solicitei, e de quem obtive a devida permissão para transcrevê-lo. É o que farei a seguir:

"O Conselho Estadual de Cultura, sob a presidência do professor Benjamin do Rego Monteiro Neto, comemorou, na sessão semanal de quinta feira do mês passado, véspera do evento, o centenário de nascimento de Anísio Brito, transcorrido dia 26 próximo passado. Estavam presentes, além do Presidente do colegiado, os conselheiros Noé Mendes de Oliveira, Leopoldo Portela Barbosa, Zenon Rocha, Lina Celso Pinheiro Ribeiro e os suplentes em exercício José Airton Gonçalves Gomes, Francisco Miguel de Moura e Alcília Afonso Albuquerque Costa".

"Para falar sobre Anísio Brito fora convidado o professor José Camilo da Silveira Filho, historiador, com a autoria de vários trabalhos e Vice Presidente do Conselho Estadual de Cultura, licenciado para exercer o cargo de Secretário de Estado de Governo. Por motivo de inesperada viagem determinada por essa função, o professor Camilo Filho não pôde proferir a palestra em que analisaria a vida e a obra de Anísio Brito, mas enviou o artigo publicado pela Revista de Numismática, órgão da Sociedade Numismática Brasileira, com dados essenciais sobre o eminente historiógrafo, o qual foi lido pelo Presidente do CEC."

"Em seguida, o professor Benjamin Monteiro Neto, ex-aluno de Anísio Brito no Colégio Diocesano São Francisco de Sales e no Liceu Piauiense, discorreu evocativamente sobre o homenageado, dando a conhecer episódios do seu relacionamento com o mestre, cuja dedicação enalteceu, enfatizando ainda a abnegação e competência que o Piauí lhe reconhece, como protetor e colecionador das fontes documentais da história piauiense, e na organização básica do Arquivo Público e Biblioteca Estadual, por ele dirigidos durante muitos anos."

"Finalizando, o professor Benjamin do Rego Monteiro Neto leu

o artigo inaugural de Anísio Brito na polémica que fora levado a travar com Abdias Neves, então Senador, em torno da obra deste - "A Guerra do Fidié", antes divulgada como história da Independência do Piauí". Aquela peça jornalística com o desafio para uma prova pública dos dois, de que resultaria a perda dos cargos de Anísio, no Estado, ou de mandato parlamentar de Abdias."

"Também falou o conselheiro Zenon Rocha, de quem Anísio Brito foi professor".

"Depois da troca de impressões dos conselheiros, o Presidente do CEC designou o suplente, ora convocado, José Airton Gonçalves Gomes, que é diretor do Arquivo Público, para, oficialmente, entender-se, em nome do colegiado, com a senhora Carlota de Moraes Brito Melo, viúva de Anísio Brito e fiel cultora de sua memória, a respeito da existência de exemplar dos estudos por ele publicados, que o Professor Benjamin Monteiro Neto mencionou, e de inéditos que o Conselho Estadual de Cultura julgue devam ser editados. Os primeiros não são encontrados na própria biblioteca do Arquivo Público - acervo de obras piauienses, segundo o seu diretor."

Transcrito do Jornal O DIA - Teresina - 28/29/9/86.

Súmula do 1.º Encontro de Escritores do Piauí

Com a presença e a palavra do Secretário de Cultura, Pe. Solon Correia de Aragão, foi aberto o I ENCONTRO DE ESCRITORES DO PIAUÍ, em Teresina, no dia 17 de outubro de 1986, no Palácio da Cultura. Promovido pela UBE-PI, com apoio da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e da Fundação Cultural do Piauí, todos os itens da programação foram desenvolvidos nos 3 dias do Encontro, a começar pela Feira do Livro, no primeiro dia, até a eleição do Intelectual do ano, na noite de 19, sendo eleitos por empate de 20 votos contra 20, o escritor Magalhães da Costa e o jornalista Kenard Kruei. A outra candidata, poetisa Argelina Pinto de A. Dias, recebeu apenas 2 votos. A comissão de eleição e apuração esteve a cargo dos escritores Airton Sampaio Araújo e Beth Rego, e foi presidida por José Elias Leão, atual Presidente da Fundação Cultural do Piauí. Escritores de Parnaíba, Picos, Oeiras, Amarante e Corrente do Piauí estiveram presentes ao Encontro. José Expedito Rego, Alcenor Candeira Filho, Maria da Penha Fonte e Silva, Lauro Correia, Cândido de Athayde, Gilson Chagas, Cândido Carvalho Guerra, Alcides Baveira e Ozildo Batista de Barros não só participaram, apresentando seus depoimentos, como trouxeram importantes estudos sobre a realidade literária e histórica do Piauí; outros escritores vieram trazer a sua contribuição: o romancista J. Ribamar Oliveira, piaulense, mas atualmente residindo em Brasília, e o escritor Theobaldo Jarmundá, de Florianópolis (SC). Suas

presenças foram significativas e gratificantes. Na noite de 17 houve os concorridos lançamentos de livros de Francisco Miguel de Moura, Hardi Filho, Magalhães da Costa e Argelina Pinto Albuquerque Dias, respectivamente "Quinteto em mi(m)", "TEoria do Simples", "Casos Contados" e "Nas Grades da Vida". E na noite de 18 ocorreu o lançamento da revista "Presença", nº 17, apresentada pelo subsecretário de Cultura, Pedro Ferrer Freitas atual, seguido de show lítero-musical comandado por Ana Miranda, cantora, compositora e poetisa, o qual contou com a participação de vários artistas da terra.

Apesar do desestímulo a que os agentes de cultura se acham submetidos no Nordeste, sobretudo o Piauí, o I Encontro de Escritores abriu espaço amplo para reflexão e discussão dos nossos problemas, sem esquecer a comemoração cívica do 19 de Outubro, dia da Independência do Piauí—principal tema das palestras do domingo, último dia do Encontro—e os centenários de nascimento de Humberto de Campos e de Celso Pinheiro, cujas palestras do Dr. Cândido Athayde e da Profª. Lina Celso Pinheiro abrilhantaram o conclave.

Falou-se sobre o maior poeta do Piauí, Da Costa e Silva, ainda que de passagem, de quem a primeira e única obra publicada no seu Estado teve o selo da Editora Corisco (Cinéas Santos); falou-se dos nossos maiores romancistas, isto é, de Assis Brasil, Fontes Ibiapina e O. G. Rêgo de Carvalho, este último presente ao Encontro. Não pairou dúvida sobre a existência

de uma literatura piauiense ou de pelo menos autores nossos escrevendo sobre temas e costumes de uma cultura e linguagem comum, especialmente depois da explanação convincente do poeta Alcenor Candeira Filho. Entre os palestrantes sobre nossa História, citamos, por sua didática e oratória, Lauro Correia e Pe. Cláudio Melo, mas não ficaram esquecidas as palavras rápidas, atualizadas e descontraídas da Profª. Claudete Dias, sobre a história nova, seus métodos e sua importância, colocando-os a serviço do estudo específico do Piauí. A contestação de que a Universidade não promove a literatura piauiense, de certa forma predominante preocupação da assistência, foi bem desenvolvida por Cinéas Santos. Asseverou que não é fato de algum escritor constar no programa do vestibular que resolve a questão: a falta de critério, a falta de qualidade nos quesitos e na forma como são levados ao estudante, seriam óbices maiores. De resto, foram estendidas as críticas a toda a escola como sistema, onde o professor usa o livro de perguntas, questionários, exercícios dirigidos sobre o autor e sua vida, deixando o texto simplesmente no esquecimento.

A UBE-PI garante que prosseguirá em seu esforço de convocar os escritores e oferecer-lhes espaço. Quando mais não seja, é um estímulo a que produzam mais e melhor — além da própria função de congregá-los como classe, com os mesmos interesses e as mesmas obrigações. •

HUMBERTO

INÉDITO E SATYRICO

Por BERILO NEVES

Nem as "Memórias" — o mais humano dos seus livros de prosa, — nem a 1ª série de "Poeira" — o mais divino dos seus livros de versos — refletem, mesmo palidamente, todo o gênio satyrico de Humberto de Campos.

Sua família, por parte dos Veras, era conhecida em Parnahyba (minha cidade natal, onde Humberto passou grande trecho de sua meninice) pela veia satyrica, que teve em Franklim Veras o maior causeur de seu tempo. Humberto era uma bibliotheca ambulante de casos e cousas à Swift Mark Twain, com muito de Zola e Sterne.

Ouvi-lo era um prazer digno dos deuses. Sempre arredo da vida social (a que tinha, parece, invencível repugnância), das coteries literárias e das mesas de café onde se critica tudo, desde a obra do Padre Eterno à do mais obscuro poeta provinciano, Humberto a poucos concedia as graças riquíssimas da sua intimidade.

Vivendo profundamente a vida, parecia, entretanto, um displicente e um sceptico. Sua irreverência era implacável até consigo mesmo. Em 1930, ao visitar em Botafogo (onde morávamos, então) um parente de ambos, recém-chegado do Norte e que conosco se hospedara, dizia-me o grande estylista, à hora da despedida, já na porta da rua:

— Vocês não imaginam como es-

tou desolado.

— Porque, Humberto?

— Calculem que construí uma casa com mil sacrificios, arranjando empréstimos, e hypothecando o cérebro, e só agora é que os médicos descobriram que tenho areia na bexiga e pedra nos rins — isto é, todo o material, exactamente, de que eu precisava para a construção.

Outra vez, quando a agitação política no Maranhão era mais intensa, em época de eleição do governador, Humberto, então deputado, foi interpellado por uma prima, ansiosa de saber a marcha dos conflitos partidários em torno dessa eleição:

— Humberto: está alguma coisa assentada?

— Não — respondeu o escriptor, não: por enquanto, está tudo de cócoras...

Não há 15 dias, conversávamos pelo telephone (Humberto tinha um prazer especial em manter, com os amigos, longas palestras através do fio), quando aconteceu evocarmos factos e cousas da nossa longinqua parnahyba.

— O primeiro jornal em que escrevi 4 páginas — lembrou elle, a propósito de certo episódio de sua vida, relatado em "Memórias" e estava cheio de cousas da Grécia Antiga, enviávamos esse jornal aos maiores diários do Rio, inclusive, o "Jornal do Commercio", e punha-

mos, entre suas páginas, esta nota simples: pede-se permuta...

Dentro de um corpo enfermo, mutilado e irroído de dôres, o seu espírito nunca fraquejou nem deu o menor signal de desânimo. A Morte rondava-lhe a casa. Quando um amigo o chamava ao telephone, lá vinha elle a arrastar-se, e, uma vez em palestra, esquecia as misérias phisicas e era um espírito moço e alegre que impunha sua vontade à matéria fragilima. Tinha sempre um caso para contar. Mettia á bulha seu próprio interlocutor:

— Toda vez que toco para a sua casa dizem-me que V. está no banho. Nunca pensei que V. fosse tão sujo.

Numa das salas da Academia, deante do caixão dourado que, para sempre, recolhera o seu corpo e onde para sempre vae dormir agora, Ademar Tavares e Olegario Mariano contavam a um grupo de jornalistas como se dera a morte do grande escriptor.

— Humberto zombava da Morte, sempre que tinha oportunidade — disse-nos o poeta do "Caminho enluarado". Ao vestirem-lhe com que devia entrar para a sala de operações, indagou dos médicos em tom facetoso:

— Isso é roupa com que me apresente deante da Eternidade?

Depois, mettendo um pacote de balas no bolso da camisa:

— É para chupar durante a operação...

Foi, talvez, a sua última phrase.

uma pilhéria com a Morte — que já o esperava, disfarçada dentro do frasco de chloroformio — branca e subtil com um phantasma...

Morreu sem ter consciência de que morria. Deus poupou-lhe a última dôr, a mais terrível de todas: a angústia de saber que se vae morrer... Despediu-se da Vida com um sorriso, levando, no bolso, uma cousa com que se enganam as creanças medrosas: um pacote de balas...

TRANSCRITO DA REVISTA "O MALHO" Rio de Janeiro 20.12.1934.

Visite, em Campo Maior - PI
o Museu do Couro
e o Monumento do Jenipapo

CONCURSO

História da Evolução da Música Piauiense

Prêmio Louvação

SECRETARIA DE CULTURA,
DESPORTOS E TURISMO DO
PIAUI
FUNDAÇÃO CULTURAL DO
PIAUI

PROJETO "TORQUATO NETO"
PRÊMIO: Cz\$ 7.000,00
ENTREGA DOS TRABALHOS:
ATÉ 31.05.1987

INSCRIÇÃO:
SECRETARIA DE CULTURA,
DESPORTOS E TURISMO
PROJETO "TORQUATO NETO"
PRAÇA MARECHAL DEODORO,
Nº 816 - CENTRO
TERESINA - PIAUI
CEP - 64.000

REGULAMENTO

I - DO PRÊMIO

Art. 1º - O PRÊMIO "LOUVAÇÃO", instituído pela portaria nº 195/86, de 17 de outubro de 1986, no valor de Cz\$ 7.000,00 (SETE MIL CRUZADOS), será concedido à monografia classificada em primeiro lugar no concurso HISTÓRIA DA EVOLUÇÃO DA MÚSICA PIAUIENSE, estando incluídos, no valor do prêmio, os direitos autorais da primeira edição.

Parágrafo Único - A monografia premiada será publicada pela Fundação Cultural do Piauí.

Art. 2º - A Comissão Julgadora poderá atribuir menção honrosa a outro trabalho apresentado.

II - DO TEMA

Art. 3º - As monografias concorrentes têm por objetivo a história da evolução da música piauiense até os nossos dias.

Parágrafo Único - Só serão considerados monografias inéditas.

III - DA APRESENTAÇÃO

Art. 4º - Os trabalhos deverão ter, no mínimo, 20 (VINTE) páginas de texto corrido, além das relativas aos anexos, a ser datilografados em papel tamanho ofício, espaço dois, em 02 (duas) vias.

Art. 5º - No caso de citações, transcrições e notas, o candidato deverá indicar as fontes, com os elementos bibliográficos indispensáveis.

Art. 6º - O autor assinará o trabalho sob pseudônimo.

Art. 7º - Para efeito de identificação, os trabalhos deverão ser acompanhados de envelope lacrado, contendo o título, pseudônimo, nome completo do autor, endereço, telefone, CEP e número da cédula de identidade.

Art. 8º - Cada autor ou equipe só poderá concorrer com uma monografia.

Art. 10º - Os originais das monografias deverão ser entregues na Coordenação do "Projeto Torquato Neto" (Palácio da Cultura), sito à Praça Marechal Deodoro, nº 816 - Centro, Teresina Piauí, CEP - 64.000, impreterivelmente até às 12:00 horas do dia

31.05.1987, ou remetidos pelo Correio, sob registro prevalecendo, neste caso, a data do carimbo postal de origem.

IV - DA INSCRIÇÃO

Art. 11º - A inscrição se efetivará com o recebimento do trabalho, implicando na aceitação, pelo concorrente, das disposições regulamentares.

Art. 12º - O SECRETÁRIO DE CULTURA, Desportos e Turismo, designará uma comissão julgadora, composta de 03 (três) membros, escolhidos dentre profundos conhecedores da história da música piauiense.

V - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 13º - Só serão divulgados os nomes dos contemplados com o Prêmio LOUVAÇÃO e menção honrosa.

Art. 14º - Os trabalhos inscritos no Concurso ficarão arquivados na Coordenação do Projeto "Torquato Neto", para consultas e aproveitamento num futuro acervo.

Art. 15º - Os casos omissos serão resolvidos pela Coordenação do Projeto Torquato Neto e Comissão Julgadora.

Teresina, 17 de outubro de 1986

Pe. Solon Correia De Aragão
Secretário de Cultura,
Desportos e Turismo

ESTUDO SOBRE A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA

Alcilia Afonso *

A Igreja de Nossa Senhora da Vitória ou Catedral de Oeiras é o objeto em estudo. Localizada na antiga Vila do Mocha, hoje, Oeiras primeira capital do Piauí.

A Igreja e a cidade, a cidade e a Igreja, a Igreja e o povo... povo que habitava as antigas fazendas de criação de gado. Povo formado por índios, vaqueiros caboclos, bandeirantes paulistas, fazendeiros baianos vindos da Casa da Torre, e Padres. Padre que como veremos sofreram influências dos Padres jesuítas, franciscanos, carmelitas e que vão produzir uma arquitetura religiosa moldada nos padrões dos grandes centros da Colônia. E foi com esse povo, numa região árida quente e pobre que o Pe. Thomé de Carvalho construiu o templo dedicado a Nossa Senhora da Vitória.

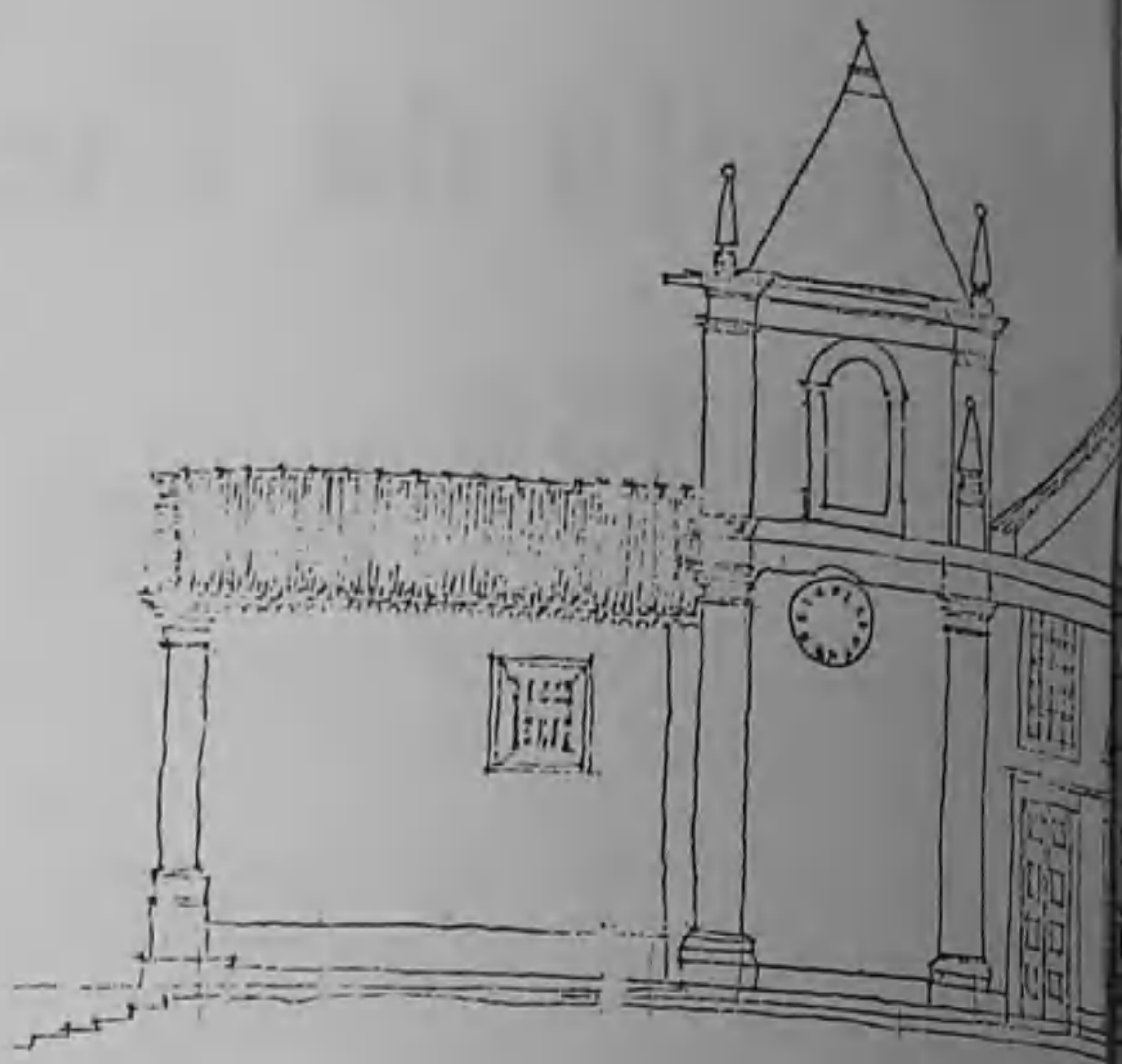
O povoado, transformado depois em Vila, e logo após em cidade, cresceu tendo sempre na sua paisagem a Catedral... simples mas imponente, sóbria, majestosa, forte, servindo como local dos mais importantes acontecimentos sociais, políticos e culturais da Capitania do Piauí.

Hoje, a Igreja já não é a mesma! Está bastante descaracterizada, sofreu várias reformas, chegando até a ser restaurada. Com tudo há resquícios que nos revelam um pouco de seu partido arquitetônico original, tais como os trabalhos em cantaria do arco-cruzeiro, das pias da sacristia e batismal, etc.

Sobre a Catedral e a sua arquitetura não há trabalhos escritos que nos informem a respeito de sua história, de suas características, ou mesmo, sobre as possíveis influências recebidas no seu partido.

A CAPELA PRIMITIVA...

No mês de novembro de 1796 chega ao Piauí, o Padre visitador Miguel de Carvalho, trazendo em mãos o docu-



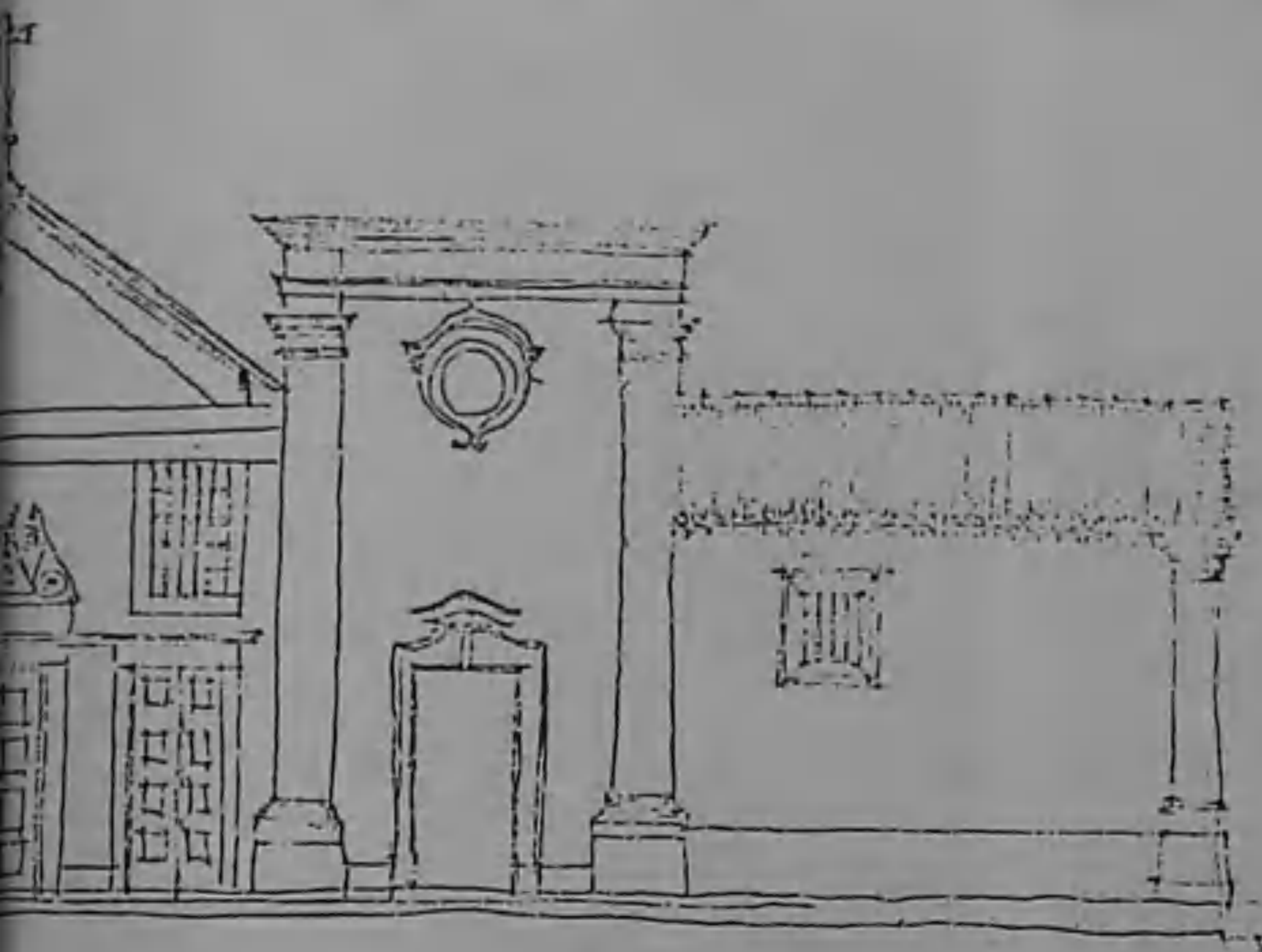
mento canônico da ereção da primeira matriz, enviado pelo Bispo de Pernambuco, D. Frei Francisco de Lima, que era Carmelita. O Padre visitador veio acompanhado do vigário que veio servir na freguesia e de uma Imagem, a Nossa Senhora da Vitória. (6).

O primeiro passo para a construção da matriz foi dado a 11 de fevereiro de 1697. Na residência do Sr. Antonio Soares Taughia houve uma reunião para decidir o local onde deveria ser edificada a Igreja. Nessa reunião, que foi presidida pelo pe. visitador Miguel de Carvalho e que teve como secretário o Sr. Antonio dos Santos Costa, ficou decidido que "se fizece a Ig. ia no Brejo chamado a Mocha por ser a parte mais conveniente aos moradores de toda a povoação, ficando no meio della com iguais distancias e caminhos para todos os riachos e parte povoadas..."

O vigário que veio com o Pe. visitador, foi o responsável pela construção da capela primitiva. O Pe. Thomé de Carvalho construiu a capela em vinte dias; iniciou no dia 11 de fevereiro e concluiu no dia 2 de março de 1697. A mesma, dizia o termo "consta de 24 passos de comprimento, e doze de largo, feita com a decência possível de taipa, e coberta de pindoba e nela se levantou um altar feito de tábuas com nove palmos de comprimento e quatro de largo. E assim mais benzeu o Rev. vigário um quadro que se redor da capela consignou com marcos de pedra para a sepultura de defuntos e donde se há de fazer a nova Igreja o qual tem cem passos de comprimento e sessenta de largo".

CONSTRUÇÃO DA IGREJA

O esforço do Pe. Thomé de Carvalho, sem dúvida, colaborou bastante na realização de tal obra. Não se pode



VISTA PRINCIPAL DA IGREJA

deixar de registrar o apoio dado pelos moradores locais, que doavam dois mil réis por cada e um mil réis pelos seus negros e suas famílias. Esses concordaram pagar a cura suas ordinárias, ou seja, seus salários enquanto el-Rei não os pagasse.

Além do apoio popular, a construção do templo, teve o apoio oficial, como pode ser constatado através de carta Régia anteriormente citada.

Quanto ao projeto arquitetônico, supõe-se que tenha vindo de fora, devido ao seu sistema construtivo que corresponde ao programa geral das Igrejas brasileiras mais modestas. É portanto uma Igreja encomendada, que não foi concebida pelo povo.

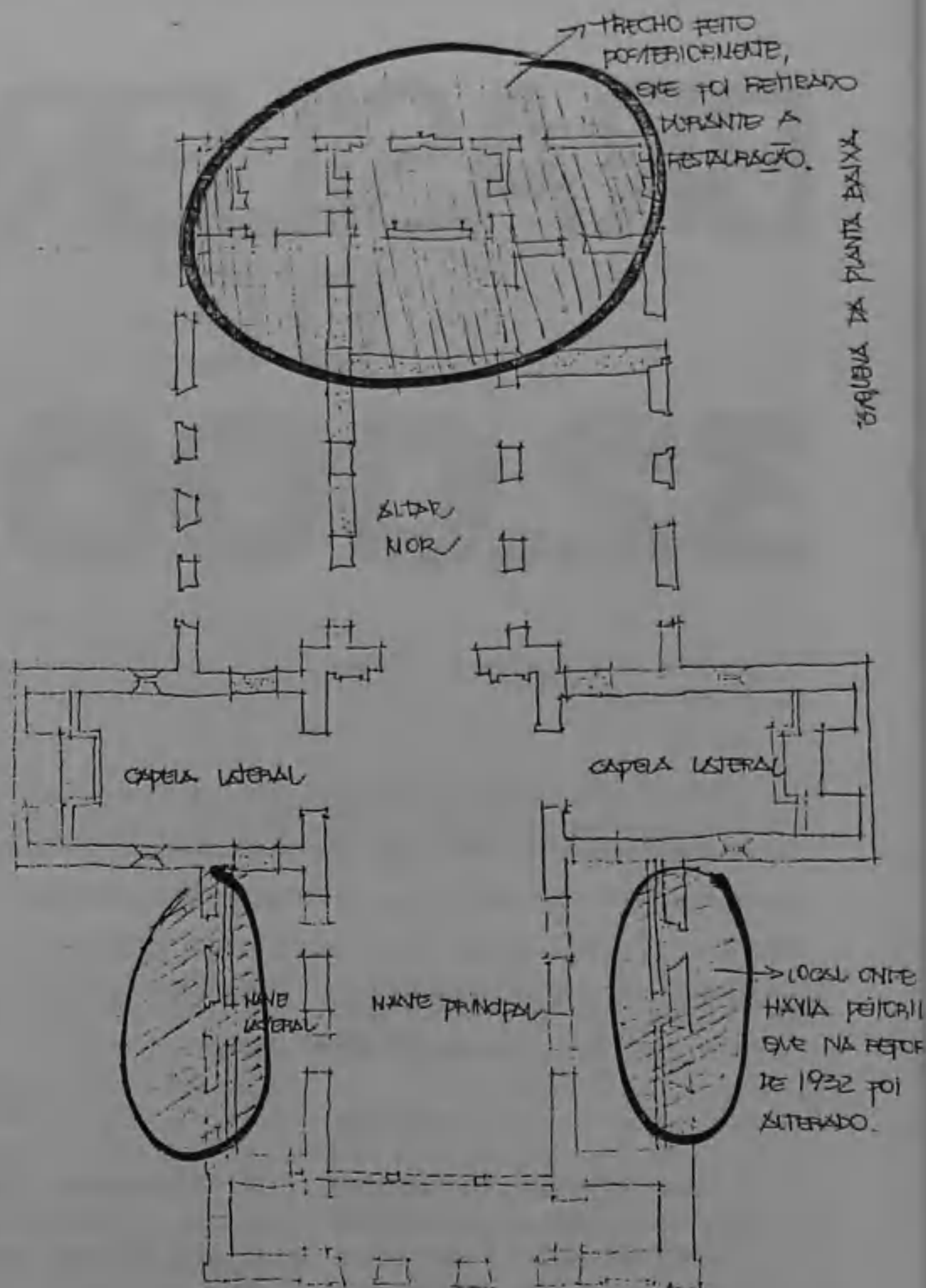
Não se sabe a data precisa do início da construção da Matriz de Oeiras. O documento que mais comprova o término da mesma é a inscrição, latina contida em pedra sobre a porta principal que diz: "Hae c Est Domus Domini Firmiter Aedificata Anno Domini 1733" (Esta é a casa do Senhor, firmemente edificada no ano do Senhor, 1733).

Durante a construção da Igreja sabe-se que os padres do Colégio da Bahia estavam na região, não se descartando a possibilidade de influências na definição do partido adotado.

A IGREJA E A CIDADE

Falar sobre a Igreja de Nossa Senhora da Vitória, sem dizer algo sobre a formação da cidade de Oeiras seria uma grande falha, já que uma influenciou sobre a outra de uma forma direta e constante.

A capelinha de pindoba inserida nas selvas piauienses, teve uma função disciplinadora na formação da malha urbana da futura cidade de Oeiras. Foi em torno da mesma, que se agregaram vários moradores e que deram origem



ao povoado, sendo elevado posteriormente à categoria de Vila, a vila do Mocha.

Contudo, essa cidade do sul do Piauí não cresceu espontaneamente, obedecendo a um plano, surpreendendo pelo número de praças, pela unidade arquitetônica, pela largura das ruas e pelo seu bom traçado.

Com efeito, isto pode ser explicado pelo fato de que o então governador José Pereira Caldas seguiu à risca a Carta Régia de 1716, cujo trecho referente à malha urbana é reproduzido a seguir: "sendo presente o povo, determineis o lugar mais próprio para servir de praça a cada uma das ditas vilas, fazendo levantar no meio delas (o pelourinho), assinando área para se edificar Igreja capaz de receber um competente número de fregueses, quando a povoação se aumentou, como também as outras áreas competentes para as casas de recreações e audiências, cadeias e mais oficinas públicas, fazendo delinear as casas dos moradores por linha reta de sorte que fiquem largas e diretas as ruas".

Pelo trecho da carta, vê-se uma preocupação na ordenação daquele espaço, cujo foco principal da composição urbanista era a Igreja.

* Arquiteta, prof. da FUFPI e Diretora do Patrimônio Cultural do Piauí.

BRASILEIROS DE 32.000 ANOS

Texto: Anselmo de Sousa. Fotos:
Daniel Renault.

Uma descoberta espetacular: a missão arqueológica franco-brasileira conclui que em São Raimundo Nonato, a 435 quilômetros de Teresina, viveram antepassados nossos há pelo menos 32.000 anos. Isso abre uma grande polêmica com a arqueologia norte-americana. Para ela, o homem chegou ao continente há apenas 12.000 anos.

A raça humana é uma semana do trabalho de Deus, canta Gilberto Gil. Os historiadores e arqueólogos costumam acreditar nisso, mas procuram descobrir onde e quando esse "trabalho" começou. E assim as pesquisas vão recuando no tempo. No Brasil, uma descoberta espetacular, contestada em princípio por pesquisadores norte-americanos, acaba de determinar que no município piauiense de São Raimundo Nonato, a 435 quilômetros de Teresina, viveram antepassados nossos há pelo menos 32.000 anos. E mais: 256 sítios já mapeados fazem de São Raimundo o mais importante parque arqueológico da América, tão significativo quanto os parques do Sul da França ou do Saara.

É por isso que no dia 30 de agosto de 1986, sábado, foi lançada na cidade a pedra fundamental do Museu do Homem Americano. Uma grande festa, que se somou às comemorações do padroeiro local e reuniu importantes autoridades e convidados, como o governador piauiense José Raimundo Bona Medeiros e o cônsul francês no Recife, Marcel Fleury, que levou caixas de champanhe de seu país e

ali materializou um original casamento cultural entre os dois países: a fina bebida francesa acompanhou o churrasco de jabá que se seguiu a cerimônia.

Uma placa foi pregada numa rocha da Serra da Capivara, onde se desenvolvem as principais pesquisas. Com o nome de todas as entidades empenhadas na pesquisa, a placa informa que "aqui será construído o Museu do Homem Americano", atestando a certeza dos cientistas e moradores locais quanto ao desenvolvimento futuro dos trabalhos em São Raimundo.

É dessa forma que poderá vir ainda, o reconhecimento internacional às pesquisas. A arqueóloga Niède Guidon, que lidera as escavações, diz que o recolhimento de material "foi conduzido com o máximo rigor e as análises feitas em laboratórios franceses, os mesmos que fazem todas as datações do período paleolítico europeu e de escavações que os arqueólogos franceses realizaram em outras regiões do mundo e para as quais não há qualquer contestação". A explicação da professora Guidon, líder da missão franco-brasileira que pesquisa os abrigos naturais



da Serra da Capivara, tem um endereço certo: O antropólogo Randall White, da Universidade de Nova York, que disse ter recebido com (ceticismo) a notícia das descobertas em São Raimundo. White, assim como parte de seus colegas americanos mais conservadores, prefere a versão histórica tradicional, segundo a qual o homem chegou ao continente, pelo Norte, há apenas 12.000 anos, durante a última glaciação, quando as geleiras permitiram a caminhada que teria começado na Sibéria. Na semana passada, arqueólogos norte-americanos anunciaram suas descobertas mais recentes em Sierra Nevada, 240 quilômetros a leste de São Francisco, Califórnia. Fazendo uma exploração arqueológica acelerada nessa área, antes que ela seja inundada pelas águas da represa de Spicer Meadow, na floresta nacional de Stanislaus, os arqueólogos concluíram que as ruínas de fornos e artefatos de pedras encontradas no local datam de mais de 10.000 anos — a confirmação final virá com os testes de carbono 14. Se a informação for correta, os americanos passarão a contar com os materiais mais antigos já encontrados em seu território, uma vez que o recorde atual é de 8.000 anos.

CERTEZA - "Se um laboratório é capaz de analisar correta-

mente o material que recebe da Europa, Ásia ou África, não vejo por que ele não seria capaz de analisar o material do Brasil", afirma enfaticamente a doutora Niède Guidon, ao demonstrar sua certeza de que os vestígios da Serra da Capivara têm mesmo os 32.160 anos determinados pelos franceses.

Até chegar a esse número, o caminho foi longo e difícil. Foi em 1970 que as pesquisas começaram e, no início, só mulheres se aventuraram pelo agreste nordestino, assustando os homens do lugar. A arqueóloga Sílvia Maranca, do Museu Paulista, da Universidade de São Paulo, lembra que "eles achavam aquilo uma loucura. Mulheres saindo para acampar na serra, guiadas por caçadores. Suspeitavam até de interesse por ouro ou pedras preciosas".

Aos poucos, essa desconfiança foi desaparecendo. Alguns moradores, como José Bastos Lopes, que hoje dirige o Centro de Pesquisas Interdisciplinares de São Raimundo Nonato, passaram a se interessar pelas pesquisas e agora oferecem um decidido apoio às pesquisas. Como faz também o prefeito da cidade, de 15.000 habitantes, Gaspar Dias Ferreira, que disse ter mostrado aos convidados do dia 30 "o que a região tem de mais bonito". São os planaltos, cortados por enormes gargantas. E os segredos que elas tentavam esconder vão formar o acervo do futuro museu.

Niède Guidon lembra que a primeira pista para se descobrir o que inquieta a comunidade científica norte-americana e de outros países surgiu em 1963. "Nesse ano, quando eu era arqueóloga do Museu Paulista, o prefeito de São Raimundo procurou o museu para mostrar uma das fotografias de pinturas feitas nas rochas daquela região. Eu olhei as fotos e notei que se tratavam de pintura diferente de tudo que se conhecia no Brasil, em partes arqueológicas como o de Lagoa Santa, em Minas Gerais. Então eu resolvi ir a São Raimundo, em 1963. Mas naquele ano havia chovido demais e uma ponte tinha rodado. Não pude chegar. Em 1964, eu deixei a Universidade de São Paulo e fui para a França. Fiquei, porém, com aquelas imagens na cabeça. Em 1970, vol-



tei ao Brasil e fui a São Raimundo Nonato. A partir daí nós constatamos a importância desse parque arqueológico. Hoje nós temos na região, já mateados, 256 sítios - o que é uma imensidade. Dos conhecidos na América é o mais importante. A quantidade de arte rupestre que existe lá é uma coisa incrível".

O APOIO - na França, Niède Guidon passou a trabalhar na École des Hautes Études en Sciences Sociales, que se interessou pela descoberta. A partir daí, várias entidades têm apoiado o projeto. Entre elas estão o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Ford Foundation, americana, Ministério da Relações Exteriores da França, o Centro Nacional de La Recherche Scientifique e a Fundação Universidade do Piauí. Ao todo são 35 especialistas, entre ecólogos, botânicos, químicos, físicos, parasitologistas, geólogos e antropólogos, interessados em compreender "a interação homem e meio em épocas remotas", diz Niède Guidon. Ela acha que o "pré-historiador não pode esquecer o lado biológico do homem. O estudo do meio ambiente é extremamente importante, porque o Nordeste é uma zona com problemas cíclicos da seca, problemas de sub-desenvolvimento. E a compreensão das potencialidades do ecossistema pode abrir caminhos para um projeto de desenvolvimen-

to em acordo com os princípios da ecologia", acredita Niède Guidon, otimista.

Portanto, os pesquisadores do passado estão, também, preocupados com o futuro, por isso, consideram necessário compreender "O homem do Sudeste do Piauí, da Pré-História aos Dias Atuais, a Interação Homem e Meio". Esse é o nome do ambicioso projeto. Os homens daquela época usavam ferramentas, para ampliar forças de suas mãos. Eles mesmos fabricavam essas ferramentas, com pedras lascadas. E também se expressavam através da arte. Eram pinturas feitas nas rochas. Os especialistas observaram uma evolução dos instrumentos, associados aos fragmentos de pinturas, encontrados há 32.000 anos. Notaram, ainda, quatro estágios dessa evolução, até a data de 25.000 anos. A partir daí as pistas desapareceram, ressurgindo em grande quantidade depois dos 17.000 anos. "Estão-nos faltando dados, mas isso é simplesmente uma questão de continuar trabalhando que a gente consegue preencher essas lacunas. Começamos com datas da ordem de 2.000 a 3.000 anos e, conforme foram progredindo as escavações, nós fomos cada vez mais descendo nas camadas arqueológicas e encontrando novas datas", esclarece Niède Guidon.

RITUAIS - Se realmente conseguirem estes resultados, os pes-

quisadores complementarão o círculo pré-histórico, porque a partir dos 14.000 anos há uma farta coleção de material, que permite reconstituir a arte e os costumes no Sudeste do Piauí. Os instrumentos de pedra, ou líticos, são muito mais perfeitos e as pinturas têm traços bem definidos. Mostram cenas de caça, representações sexuais, episódios da vida cotidiana e até cenas de partos. Em alguns casos, os desenhos parecem representar rituais demonstrando possíveis crenças em espíritos. Foram encontrados muitos fogões, feitos de pedras, onde o homem pré-histórico assava a caça e também aquecia os corantes minerais, usados na pintura. Niède Guidon acredita que as pinturas, pelos tipos de traços, eram feitas com os dedos e com a palma da mão. A arqueóloga e sua equipe estão, atualmente, concentrando esforços nos estudos dos fogões. Guidon já sabe que são variados, de acordo com a época, porque cada época correspondia a uma fase cultural. Graças a escavação que foi feita na Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada, que tem cerca de 250 metros quadrados e que chegou a uma profundidade de 4 metros, nós conseguimos datar a presença do homem desde 32.000 até 5.000 anos. Então fomos encontrando nas camadas sucessivas diferentes fogões e pudemos ver que a sua forma ia mudando. Nós temos, por exemplo, fogões que são construídos de forma circular. Dentro, encontramos carvão e cinzas. Misturados com restos de ossos de animais que foram assados e comidos. Existem outros fogões que têm forma triangular. Esses fogões foram utilizados durante muito tempo. E quando eles estavam cheios de cinzas, os usuários colocavam novas pedras para levantar a construção e continuar utilizando os mesmos fogões.

ASTRONOMIA — Em outra região do Nordeste, no município de Central, na Bahia, a arqueóloga Maria da Conceição de Moraes Beirão descobriu o mais antigo observatório astronômico do Continente, de 3.300 anos. O observatório era formado por gruta com pinturas que mostram o sol, em várias fases, estrelas e cometas de caldas curvas, com até 1,6 metros de comprimento. Do lado de fora,



Silva Maranca: Jegues, rede, carne frita e farinha.

a pesquisadora identificou uma fenda escavada pelos astrônomos primitivos. Próximo a esta fenda na tocas dos búzios, há um ponto de observação do céu e um grande painel, representando a trajetória do sol.

Nessa região foram encontrados alguns exemplares de arte rupestre parecidos com as pinturas de São Raimundo Nonato. Aqui, durante os 16 anos de trabalho, foi possível catalogar centenas de painéis e coletar uma enorme quantidade de objetos arqueológicos. Foi assim também em épocas pré-históricas. Niède Guidon está convencida de que "os primeiros que estiveram aqui evoluíram. Talvez tenham chegado outras tribos e tocado as mais antigas. Isso a gente pode ver porque há um momento em que o material é diferente, a arte é diferente. Deve ser o resultado da chegada de um grupo mais forte. E assim foi se sucedendo e diferentes tribos foram vivendo lá. E depois chegou um dia em que o homem branco apareceu, na região povoada por muitas tribos indígenas. Acontece que o homem branco chegou lá e queria a terra. Então matou todos os índios". Os pesquisadores sustentam essas conclusões a partir de resultados obtidos nas análises de 8.000 figuras, pintadas em vermelho, amarelo, cinza, e preto, principalmente. Há também marrom e branco. A tinta, de uma durabilidade incrível, era feita de farelo de minerais. E ainda, mais de 10.000 instrumentos líticos descobertos nas escavações.

OS TESTES — Mas foi a lenha queimada pelo nordestino pré-histórico que permitiu a segurança das datas. Desenterrado com métodos científicos, o carvão que resistiu ao longo dos milênios foi levado para a França. Os especialistas da École des Hautes Études en Sciences Sociales e Centre National de la Recherche Scientifique fizeram exames para estabelecer as datas, através da técnica do carbono 14. Enquanto viva, a matéria orgânica recebe isótopo 14 de carbono, que é radioativo. A madeira, por exemplo depois de queimada, passa a liberar uma quantidade anual de radioatividade. O grau de radiação permite, portanto, estabelecer a data da queima. Há também a termoluminescência, uma técnica utilizada para medir a idade de pedras, usadas nos fogões e cacos de cerâmicas encontrados pelos pesquisadores nos sítios arqueológicos. A ação é exercida pelo calor, num vaso de arquila, por exemplo, faz desaparecer a radioatividade. Depois esse vaso recomeça a receber, por ano uma certa quantidade de radiação. Milhares de anos mais tarde, quando aquecido, esse vaso vai liberar novamente a radioatividade que pode ser captada por um aparelho, onde um visor luminoso mede a radiação. Assim se descobre há quantos anos o vaso, ou caco foi feito.

De Jegue

Silvia Maranca, que foi uma das pioneiras nas pesquisas da região, conta como é o cotidiano



Njéde Guidon: primeiras pistas apareceram em 1963.

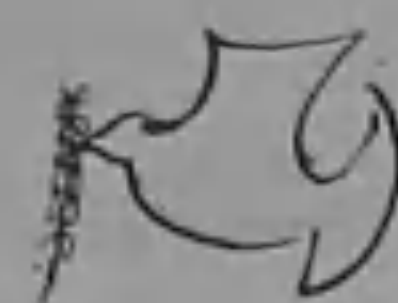
desse trabalho: "Nós usamos um prédio onde antigamente funcionava o Quartel do Exército de São Raimundo, que nos foi cedido pela Prefeitura. O prédio serve ao mesmo tempo como centro de pesquisa e base para as nossas missões. É ali que nós fazemos os últimos preparativos. Alugamos jegues, redes e preparamos alimentos. Antes nós conversamos com os guias, para saber se tem água na região onde ficaremos acampados. Levamos sopa, dessas prontas, arroz, feijão e também lataria. Agora, se não tiver água, então o básico é a carne frita, que vai numa lata com farinha, que a conserva por mais tempo. Nós ficamos uma vez durante 5 dias sem água. Foi na região do Congo. Os nossos guias são caçadores, geralmente. São

eles que nos protegem de todos os perigos. Com a transformação da serra em parque nacional, a caça foi proibida mas já houve casos em que a gente se alimentou de bichos. Já comí carne de cotia e uma vez tivemos que assar um tatu, sangando ainda, por que não tinha água para lavá-lo". Os caçadores, conta a arqueóloga, são pessoas alegres e muito inteligentes. Gostam de contar histórias e enfrentar a hostilidade do clima com a força física. Em São Raimundo Nonato, por exemplo, chega a ficar nove meses sem chuva. "E quando alguém se impressiona com a capacidade física de seu Nilson um dos nossos guias ele costuma dizer que aqui só sobrevivem os fortes", conta Silva Maranca.

Transcrito da Revista Afinal de São Paulo de 9/9/86



Os animais, presença constante nos desenhos.



1-EN-1977

SETE CIDADES

Encantos e Mistérios Desconhecidos

Enéas Barros



Os 6.221 hectares de área do Parque Nacional de Sete Cidades estão distribuídos entre os municípios de Piri-piri e Piracuruca. Devido à sua posição geográfica e à área de maior abrangência, o Parque situa-se no município de Piracuruca. O que lá existe é tão impressionante que só vendo para crer.

As informações aqui escritas foram colhidas de Antonio Alves Bezerra, Agente de Defesa Florestal do IBDF e Guia Local, ali trabalhando desde 1961, quando da transformação de Sete Cidades em Parque Nacional (08/jun/61).

Para facilitar o trabalho de compreensão do que muito se propaga, foi preferível optar pela apresentação das formações rochosas e estórias de cada uma das sete cidades, intercalando-se

informações complementares.

É válido lembrar que os atrativos não são somente os aqui apresentados. Os seus nomes são dados por pessoas que visitam o Parque e que conseguem identificar formas pitorescas nas formações existentes. Assim, os atrativos que não forem acompanhados por relato assemelham-se às formas dos nomes, facilitando o entendimento.

PRIMEIRA CIDADE

1. Piscina Térmica - atrativo também conhecido como "piscina milagrosa", não por ter a capacidade de curar, mas porque foi a única das 22 nascentes que não secou durante aqueles cinco anos de seca, mantendo suas águas límpidas reservadas para o banho delicioso

dos que a visitam.

2. Máquina de Costura
3. Banco da Praça
4. Pedra dos Canhões - dizem que os canhões encravados nas pedras são troncos de árvores petrificadas.
5. Cabeça do Dragão
6. Pedra da Ema
7. Casa do Guarda - atrativo que lembra um guarda de prontidão numa cabana, como se vigiasse a cidade.
8. Pagode Chinês - várias cabanas que se assemelham a uma vila.
9. Pedra da Gia - pedra que lembra uma gia com a boca aberta.
10. Serra Negra e Campo Serradão
11. Pedra do Sentinela - lembra uma pessoa morta, deitada, e duas outras de sentinela, uma de cada lado do corpo.

12. Pedra do Portão - é uma numa rocha, que proporciona o formato de um portão.
13. Arca de Noé
14. Salão do Pajé - enriquecido por inscrições rupestres, em cima do salão há o dragão chinês.

SEGUNDA CIDADE

1. Arco do Triunfo - conhecido internacionalmente pela divulgação de suas fotos em materiais promocionais, o atrativo proporciona uma passagem que lembra o arco do triunfo francês.
2. Morro das Oliveiras - área com semelhança ao morro bíblico.
3. Pedra do Castelo - não confundir com a Pedra do Castelo, no município de Castelo do Piauí.
4. Igreja Velha - apresenta duas torres.
5. Soldado Velho - atrativo que lembra uma pessoa alta, com capacete, em posição de descansar, com as mãos para trás.
6. Pé do Gigante - lembra a marca de cinco dedos do pé esquerdo de um gigante.
7. Pedra do Trem
8. Pedra da Casa do Japonês
9. Pedra do Sapo
10. Pedra do Americano - em 1951, quatro americanos armaram barracas e mandaram que moradores cavassem a base de uma rocha, orientados por uma inscrição rupestre em formato de seta, que apontava para o sentido que deveria ser cavado. Os americanos não disseram o que levaram, mas no local foi encontrado carvão, que afirmam servir para conservar metais preciosos e outros objetos de valor. Em 1961, os americanos retornaram ao local, mas o IBDF proibiu qualquer tipo de escavação.
11. Cavalo de Xadrez - uma pedra que lembra o cavalo no jogo de xadrez.
12. Edifício do Rei e Auditório
13. Teatro de Arena - formação rochosa que apresenta inclusive as arquibancadas num teatro aberto.
14. Biblioteca - atrativo que lembra um local de leitura, com livros e papéis empilhados.
15. Pedra do Pombo - uma grande pedra com um pequeno pombo pousado no topo.
16. Vista Panorâmica - 181 metros acima do nível do mar, é o ponto mais alto de Sete Cidades. De lá, é possível obter uma visão global de grande parte do Parque, distinguindo-se inclusive as diferenças entre as sete cidades de pedras.



TERCEIRA CIDADE

1. Pedra do Beijo - atrativo que lembra duas pessoas beijando-se.
2. Cabeça de D. Pedro I - conhecida internacionalmente.
3. Os três Reis Magos - conhecidas internacionalmente.
4. Pedra do Segredo - batizada com esse nome por um jornalista de São Paulo, que viu na pedra o formato do órgão sexual feminino.
5. Dedo de Deus.
6. Pedra do Pombo - lembra um pombo querendo alçar vôo.
7. Mapa do Brasil - com a divisão dos estados.
8. Cavalo Marinho.
9. Cara do Índio.
10. Pedra do Gorila - pedra que lembra um macaquinho sentado e batendo palmas.
11. Passagem do Vento - uma pequena abertura em uma rocha.
12. Salão dos Índios.
13. País da Lua - lembra uma lua grande.
14. Pedra da Pirâmide - somente identificada de longa distância.
15. Pedra do Cachorro e do Gato - são duas pedras juntas, que lembram um cachorro e um gato.
16. Pedra do Sacrifício - local onde os povos antigos faziam suas orações e seus rituais. Há uma cena no filme "O Guru das Sete Cidades", de José Pinheiros que foi tomada na Pedra do Sacrifício, onde a atriz Rejane Medeiros, nua, foi "queimada" em ritual.
17. Totem do Sol
18. Cabeça do Preto Velho
19. Caro do Diabo - atrativo muito interessante pela nitidez do perfil de uma pessoa, onde há duas ondulações no alto da testa. Vale a pena notar a perfeição dos olhos, do nariz e da boca.

QUARTA CIDADE

1. Arco do Archete
2. Mapa do Brasil e Mapa do Ceará - os mapas são formados por uma abertura na rocha. De um lado, o mapa do Brasil; do outro, o mapa do Ceará. Os mapas mudam na medida em que se atravessa a abertura da rocha. Conhecidos internacionalmente.
3. Fortaleza.
4. Cabeça de Águia
5. Pedra dos Dois Lagartos - um de frente para o outro.
6. Passagem dos Índios - Acesso por uma caverna e saída por uma pequena escada de madeira.
7. Pedra dos Dois Irmãos - duas pedras juntas que lembram dois garotos.
8. Leão Deitado.
9. Gruta do Catirina - José Catirina, depois que perdeu a esposa, em 1936, foi morar numa gruta em Sete Cidades, juntamente com o filho Martinho, que sofria de epilepsia, com a alegação de que o local era encantado. No Centro da Gruta há um buraco redondo no chão, de aproximadamente 20 (vinte) centímetros de diâmetro, onde Catirina fazia as suas rezas e os seus preparados de ervas (remédios). Toda a população local o procurava, para curar os seus males. Em 1946 morreu Martinho, fazendo com que Catirina retornasse a Piri-piri. Dizem que ele deixou registrado, em um livro, os encantos de Sete Cidades, bem como os preparados de ervas do mato. O livro teria sido adquirido por alguém em Piracuruca. O velho Catirina era baixo, passava o tempo todo rezando e recebia muitos presentes, sendo a maioria de gêneros alimentícios. A sepultura de seu filho pode ser vista nas proximidades da Gruta, embora em maus estados.

QUINTA CIDADE

1. Rei com a Coroa
2. Pedra do Camelo - também conhecida internacionalmente, por sua divulgação em materiais promocionais.
3. Furna do Índio - supõe-se que lá servia de ponto de encontro dos indígenas.
4. Cabeça do Padre
5. Pedra do Dinossauro
6. Pedra do Elefante - lembra um elefante, com a tromba em destaque.
7. Pedra do Tubarão
8. Pedra do Tatu
9. Pedra do Leão

SEXTA CIDADE

1. Pedra do Buldogue
2. Pedra da Tartaruga - conhecida internacionalmente
3. Pedra do Galo

SÉTIMA CIDADE

É uma reserva ecológica para preservação da fauna e da flora. Os animais mais comuns são:

- onça jaguatirica
- onça maçaroca

- peba
- tatu
- mocó
- tamanduá bandeira
- guachinim
- raposa
- gato maracajá
- gato vermelho

Os cinco anos de seca contribuíram para a diminuição dos animais, que eram abatidos fora do Parque quando para ali se destinavam em busca de água. De qualquer maneira, os cuidados com a Sétima Cidade induzem à preservação de diversas espécies de animais. Lá, não há acesso e também existem inscrições rupestres. O acesso somente pode ser feito com autorização especial do IBDF.

As aves mais comuns são:

- jacú
- sariema
- nambu (perdiz e pé vermelho)
- papagaio
- sabiá
- periquito
- sericora (galinha d'água)
- aracoan
- galo de campina
- canário
- rolinha

As árvores comuns são:


- cajú
- faveira
- jatobá
- sambaíba
- tingui
- araticum
- piqui
- aromã (mama cachorro)
- amargoso
- gameleira
- pau terra
- murici
- tucum

Segundo informações de "seu" Bezerra, Sete Cidades é 15% rocha, 5% água e 80% vegetação, com 36 quilômetros de cerca.

A Cachoeira não faz parte dos atrativos "municipais". Sua altitude é de 16,4 metros na primeira queda e 7,2 metros na segunda queda. A escada tem 79 degraus até o lago.

Esta é a nossa querida Sete Cidades, que esconde muito mais mistérios do que o nosso vão conhecimento. Lá é proibido caçar, pescar, cortar árvores, subir nas pedras, tudo, enfim, que contribua para prejudicar as suas belezas e a paz dos seus atrativos, que sempre levam os 2.000 visitantes mensais às maiores ousadias em termos de imaginação.

Economista



**Visite em Oeiras, o Museu
de Arte Sacra e o Centro Cultural
Sobrado Major Selemérico**



Em Busca da LIBERDADE

* Claudete Maria Miranda Dias

A realidade histórica de um país nem sempre é examinada sob uma mesma perspectiva analítica e nesse caso, tanto a história do Brasil quanto a do Piauí necessitam de mais estudos e pesquisas que desvendem fatos e acontecimentos obscuros até hoje ou mal interpretados, omitidos ou deturpados.

Neste artigo, nos propomos lançar algumas questões em torno da Independência do Brasil e a participação do Piauí partindo de um estudo historiográfico sucinto e de caráter introdutório sobre o assunto que realizamos durante as pesquisas, estudos e redação de nossa dissertação de Mestrado defendida e aprovada em outubro de 1985 pela Universidade Federal Fluminense. Queremos com isto colocar algumas idéias novas sobre o processo de independência do Brasil, sem a menor intenção de esgo-

O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA POLÍTICA DO BRASIL NÃO SE ESGOTA OU NÃO SE SE LIMITA A UMA DATA, NEM SE RESUME NA PROCLAMAÇÃO TEATRAL DE UM IMPERADOR".

tar a questão, até porque acreditamos que não existe uma verdade histórica, uma vez que as fontes documentais nas quais os historiadores se baseiam para escrever a história, não são absolutamente as donas da verdade, elas também mentem, como diz o famoso historiador Eduard Carr.

O processo de independência do Brasil foi longo, penoso e violento, embora a visão da historiografia tradicional em nosso país mostre o contrário afirmando durante esses anos todos que o Brasil se tornou independente a 7

de setembro de 1822 pelas mãos do jovem imperador D. Pedro.

A maioria dos autores que estudam este período, apesar das diferentes formas de análise, privilegia os acontecimentos ao nível dos grupos ou classes sociais dominantes da época. A visão dominante é a de um processo político pacífico, sem a participação popular, sem a participação de outros setores, grupos, segmentos ou classes sociais que não sejam os dominantes.

Tendem a considerar a maioria da população brasileira vivendo na maior ignorância e completamente alienada do que acontecia na sociedade. Mostram ainda uma independência realizada pelos senhores proprietários de terras e de escravos e comerciantes, os "únicos capazes de intentar tão grande feito histórico".

Caio Prado Jr., por exemplo, diz que as classes populares não estariam

politicamente maduras para fazer prevalecer suas reivindicações e nem tampouco as condições objetivas do Brasil eram favoráveis para sua libertação econômica, política e social e, que por isto, a independência não iria além daquilo para que o Brasil estava preparado, ou seja, a libertação do jugo colonial e a emancipação. Porém este autor se contradiz quando diz também que a independência foi feita à revelia do povo e que não passou de um arranjo político.

Entendemos que o processo de independência política do Brasil marca uma importante etapa na formação e organização do Estado nacional brasileiro e, sendo um processo, não se esgota ou não se limita a uma simples data. Não se resume na "proclamação" teatral do gesto de um imperador. Foi um processo marcadamente violento em vários pontos do país, com movimentos sociais, lutas e conflitos com ideias liberais e republicanas que propunham não só o rompimento do Pacto Colonial, como o fim da escravidão e do monopólio da terra. Este processo tem início ainda no século XVIII. As "conjurações" mineiras e baianas são um exemplo disto. Muitas cabeças rolaram corpos mutilados em praça pública, casas incendiadas, líderes exilados (ou desterrados). A insurreição pernambucana de 1817, de caráter nitidamente anti-colonial, provocou tensões no velho regime colonial e estabeleceu também uma aceleração do processo de independência.

"UMA DAS CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA NO PIAUÍ, É A PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO POBRE, LAVRADORES, VAQUEIROS E ESCRAVOS".

A repressão deflagrada para impedir o desenvolvimento de movimentos contrários ao regime colonial foi uma prática bastante usada pelas autoridades portuguesas. As devassas, prisões, exílios, enforcamentos em praças públicas e fuzilamentos são alguns dos exemplos da ação repressiva. Na Bahia, onde ocorreu a "Revolução dos Alfaiates" - como é conhecida também a "conjuração" baiana - a repressão foi intensa, com muitas mortes, prisões e desterros. A maioria dos que foram mortos pelas forças portuguesas era gente simples, do povo: alfaiates principalmente - mestiços, e mulatos, que queriam a liberdade política e o fim



da opressão. Estes movimentos marcam a participação de amplos setores e camadas da sociedade brasileira em busca de mudanças políticas, econômicas e sociais. Escravos, índios, artesãos, vaqueiros, lavradores, trabalhadores urbanos, alfaiates, fazendeiros, comerciantes, entre outras categorias sociais, participaram dessas lutas e movimentos que se estenderam até 1850, data que consideramos como um marco do processo de independência. Ou seja, nesta data, consolida-se a Monarquia e praticamente são extintas as lutas por uma real independência do país.

A "independência" proclamada em 1822 serviu para manter e garantir os interesses e privilégios dos grupos dominantes, conservar um regime monárquico, manter a escravidão e a grande propriedade latifundiária e monocultora. Esta "independência" foi também uma tentativa de frear os ideais republicanos.

As elites que tomaram as rédeas do movimento pela independência não estavam interessadas em mudar a estrutura de produção escravista nem tampouco a economia de exportação. Apesar de se autodenominarem liberais, o seu liberalismo esbarrava no escravismo e receavam uma revolta popular que pudesse modificar essa estrutura. O fim do Pacto Colonial com seus entraves econômicos, constituiu a garantia de liberdade comercial e autonomia política, suficientes para estes grupos dominantes que a nosso ver, tomam a frente do movimento e proclamam a "independência" à sua maneira, de forma a impedir que o movimento revolucionário em curso, que contava com a participação popular ansiosa por mudanças profundas, se concretizasse. A república foi adiada e somente no final

do século é que ela se tomará uma realidade.

Poderíamos aqui fazer uma analogia com o processo histórico atual, mais especificamente à luta pelas "Diretas Já", quando milhares de pessoas de todas as camadas sociais se juntaram para lutar pacificamente pelo direito de eleger o presidente da república depois de vinte anos de ditadura militar, e que significaria uma mudança profunda nos rumos do país. No entanto, uma elite reciosa de ver seus interesses ameaçados tomam em suas mãos o direito de comandar os destinos da sociedade brasileira e no Congresso Nacional derrota a emenda constitucional que introduziria a eleição direta para presidente da República.

Mas uma vez as reivindicações da população foram caladas em detrimento dos interesses de uma minoria privilegiada que detém o poder, e que não abre mão dele.

O Estado que se organizou após a "proclamação da independência" é um Estado elitista, autoritário, a serviço dos senhores de terra e escravos e grandes comerciantes - os grupos sociais dominantes e dirigentes da época - que assumiram os novos papéis políticos e jurídicos ou administrativos em todas as esferas da organização do poder, conforme diz Florestan Fernandes em seu livro *A Revolução Burguesa no Brasil* (Rio de Janeiro, Zahar, 1976). Estes grupos ascenderam ao poder tomando-se durante todo o Império a força política e socialmente dominante.

No Piauí não foi diferente: a independência foi a oportunidade para as grandes famílias proprietárias de terras e de escravos e comerciantes, se afirmarem no poder e assegurar seus interesses políticos, sociais e econômicos.

Ao contrário do que divulga a historiografia regional dominante, o Piauí não vivia isolado do resto do país apesar do analfabetismo da sua população e do atraso cultural. Desde o final do século XVIII, o Piauí se constituía em importante canal de comunicação com diferentes regiões do país. Por sua posição estratégica, Oeiras (capital) foi escolhida pela corte portuguesa como ponto central das comunicações comerciais entre as colônias portuguesas, como assinala Pe. Joaquim Chaves. (O Piauí nas lutas pela independência, Teresina, Comepi, 1975). Na primeira década do século XIX efetiva-se Oeiras como este ponto central com a instalação de linhas postais para o Ceará, Bahia, Pernambuco e Maranhão. Além

"A INDEPENDÊNCIA" NÃO BENEFICOU A MASSA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA, QUE CONTINUA SUFOCADA E HUMILHADA.²¹



Um exemplo claro desta realidade é o movimento revolucionário pernambucano de 1817 cujas idéias liberais e republicanas repercutiram em várias capitanias do Nordeste e foram sufocadas logo no seu início pelas autoridades portuguesas locais não tendo eco no Piauí. Como diz Odilon Nunes, o único propagador destas idéias foi imediatamente preso além de tomarem outras medidas como reforçar o destacamento militar de Parnaíba e impedir a exportação de gado para Pernambuco e toda e qualquer comunicação com a mesma capitania além de guarnecer as fronteiras com um grosso destacamento, e pôr em armas todo o Piauí.

Apesar de todas as medidas preventivas, no ano de 1821, a efervescência intranquilizava as autoridades lusas, e o ambiente na capital piauiense era de tensão. As principais vilas como Campo Maior, Parnaíba e a própria capital, se agitavam com o aparecimento de "pasquins sedeciosos" "boletins subversivos" ou panfletos" de conteúdo liberal, concitando o povo a rebelar-se contra os portugueses.

Neste mesmo ano é eleita uma nova Junta Governativa seguindo as ordens de Lisboa, porém é praticamente impossível obstruir as manifestações a favor da independência, e é assim que, em pouco mais de um mês após o ato oficial de rompimento com Portugal, comandado por D. Pedro em 7 de setembro de 1822, num ato que surpreende alguns historiadores piauienses pela rapidez, em 19 de outubro os parnaibanos aderem à independência tendo à frente destacadas personalidades locais. Imediatamente, as forças militares portuguesas sediadas na capital se mobilizam e marcham para Parnaíba para sufocar e reprimir o movimento. O comandante das armas cerca a vila,

e suas principais lideranças são forçadas a retirarem-se para o Ceará a fim de escaparem da repressão e buscarem apoio.

Os acontecimentos, a partir daí, se desenrolam no resto do Piauí com sucessivos combates armados entre as tropas portuguesas e a população que, aos poucos, se engaja na luta. Uma das características do processo de independência, além da intensa violência é a participação da população pobre, na sua maioria trabalhadores das fazendas, lavradores, vaqueiros que na visão da historiografia tradicional não passava de mão armada, "bucha de canhão" e instrumento para as elites manterem seus interesses e privilégios.

Estes homens que lutaram pela independência não deixaram documentos, pois eram analfabetos. Lutaram corajosamente somente pelos interesses dos poderosos ou lutaram também pela esperança de terem um pedaço de terra e de serem donos de suas vidas? Ou foram apenas massa de manobra? Seriam homens totalmente massacrados pela ideologia dos grupos dominantes sem nenhuma autonomia? Acreditamos que durante as lutas, as contradições sociais e políticas podem ter aflorado com a participação popular.

Um dos mais importantes e sangrentos combates, tornou-se um marco das lutas pela independência: a Batalha do Jenipapo. A característica marcante deste episódio está na composição das forças em luta: enquanto as tropas portuguesas eram bem armadas, municiadas, disciplinadas e treinadas sob o comando do Major Fidié, os brasileiros - sertanejos piauienses e cearenses - formavam um verdadeiro exército guerrilheiro, organizado por voluntários e convocados, armados de facões, chuzço, ferrões, machados, foices, algumas espingardas e até paus tostados utilizados como lanças, como nos informa Odilon Nunes. Estes dois exércitos se confrontaram num combate no qual houve muita morte, feridos e presos.

A história deste combate apesar de já ter sido estudada por vários autores precisa ainda ser mais aprofundada. Ele ocorreu durante o percurso das tropas portuguesas comandadas por Fidié, que deixava Parnaíba em direção a Ceiras onde a independência é também proclamada a 24 de janeiro de 1823.

Foi um combate violento com duração de mais ou menos cinco horas, sob um sol escaldante do mês de março, com a vitória das tropas portuguesas que impõem sua superioridade militar. No entanto tiveram que se retirar

do mais o Piauí era o mais importante fornecedor de carne bovina da região Norte/Nordeste, o que sem dúvida favorecia uma permanente comunicação e a penetração das idéias de independência que a esta época eram intensas na Bahia e Pernambuco principalmente. O Piauí era uma importante zona de transição entre as duas grandes unidades administrativas em que se dividira o Brasil ainda durante todo o século XVII (Estado do Maranhão e Brasil).

Vale ressaltar que as províncias do norte brasileiro mantinham estreitas ligações com a metrópole portuguesa, estando realmente muito mais ligadas administrativa, política e comercialmente a Portugal do que ao Rio de Janeiro, quer pelas facilidades de navegação quer pelo interesse que Portugal tinha em transformar o norte do Brasil em uma colônia separada do resto do país, a exemplo do que fizera com o Estado do Maranhão. Em vista dos processos de independência nas colônias da América Latina, Portugal planeja assegurar esta parte do Brasil.

Com as idéias de independência se propagando por todo o território nacional, a corte portuguesa toma algumas medidas concretas: envia armas e munições para o Piauí que são desembarcadas em São Luís em outubro de 1820, despacha às pressas como Governador das Armas, um major, militar experiente, feroz defensor dos interesses portugueses, veterano de guerra contra as tropas de Napoleão Bonaparte, João, José da Cunha Fidié. E em 1821, envia ordens expressas para a Colônia prestar juramento à Constituição lusa, exercendo pressão política através de cartas régias e decretos que tinham um caráter de recolonização. O governador das armas passa a receber instruções diretamente de Lisboa.

As informações eram totalmente controladas pelas autoridades governamentais - proprietários portugueses antes da "independência" e brasileiros após - que detinham o poder administrativo, comercial e militar. Não havendo imprensa no Piauí até as primeiras décadas do século XIX, e com o controle das informações, era relativamente fácil para os donos do poder impedir as manifestações que já ocorriam em várias capitanias brasileiras.

para o Maranhão fustigadas por grupos que resistiram e que adotando táticas de guerrilha tomam praticamente todo o armamento e munições do exército português.

Na continuidade das lutas que se prolongaram durante aproximadamente seis meses, as táticas de guerrilha estiveram presentes nas "forças brasileiras" que conseguem derrotar as portuguesas em combates sucessivos. As vilas piauienses, pouco a pouco, uma a uma, vão aderindo à independência.

O processo de luta pela independência no Piauí está intimamente ligado ao Maranhão: as forças brasileiras e portuguesas lutam nas duas capitânicas com ambas se ajudando mutuamente. O governo do Maranhão mantinha-se firme na repressão aos que se posicionavam a favor da independência. Quando Fidé é obrigado a sair do Piauí e invade o Maranhão, as forças independentes também penetram no Maranhão. Somente em julho de 1823 é que o Maranhão consegue aderir, após inúmeros combates. Lá, a exemplo do Piauí, a participação de grupos sertanejos tornou possível a participação de camadas inferiores da sociedade, como negros e mestiços, na ação revolucionária.

Durante estas lutas, destacam-se no Piauí algumas figuras que a historiografia costuma enfatizar como heróis, como os Sousa Martins de Oeiras e os Dias de Parnaíba que tiveram efetiva participação. O brigadeiro Manoel de Sousa Martins, grande proprietário de terras e de escravos, chefe político de uma numerosa família era vice-presidente da Junta Governativa que prestou juramento à Constituição portuguesa em 1821.

Em 1822, antes de proclamada a independência, por força de Carta de Lei de Portugal, elege-se nova Junta, sendo derrotado o referido brigadeiro, que se candidatara. A partir daí se incompatibiliza e rompe com as autoridades portuguesas, aderindo ao movimento da independência tornando-se liderança de destaque quando "proclama" oficialmente a independência em Oeiras, assumindo como presidente a primeira Junta de Governo Provisório. O Imperador havia indicado o rico comerciante parnaibano Simplicio Dias da Silva, que recusou, sendo então nomeado o brigadeiro, que ainda recebe o título de Barão da Parnaíba.

O então Barão usou de toda sua força e autoridade para implantar um poder oligárquico e clientelista, mantendo-se no poder durante vinte anos, pre-



cisamente de 1823 a 1843 quando é afastado.

O Piauí após a proclamação da independência passará por um período que a maioria dos historiadores retrata como de "tranquilidade interna", mantida sob o domínio rigoroso de um aparato militar dirigido pelo Barão e por um controle absoluto sobre qualquer manifestação contrária a seu governo. Por isto é também conhecido como um "ditador rural".

Em termos econômicos o Piauí permanece estagnado, com a pecuária, que ainda era a base da sua economia, em franca decadência. Praticamente não funcionava nenhuma escola e havia apenas um velho hospital sem nenhum aparelhamento.

A sociedade estava organizada a partir dos grupos proprietários e comerciantes - formando a classe dominante - e uma massa de homens livres despossuídos e de escravos. A população se espalhava por todo o interior, em péssimas condições de vida e trabalho, sujeita a constantes epidemias e à fome.

A tal independência não mudou em nada a situação de pobreza e miséria da população que continuou sufocada e humilhada como nos tempos colo-

niais, agora com diferença de que eram os próprios brasileiros poderosos que os dominava. Esta realidade é a mesma em todo o país.

O sentimento de nacionalidade foi sufocado e a maioria da população continuará sem ter acesso à condição de cidadão. Predominou os interesses de uma minoria rica que detendo o poder político, econômico e social, detém também o poder de escrever a história, que privilegia os seus feitos heróicos omitindo ou deturpando fatos ligados à outros setores sociais.

As transformações que ocorreram com a independência não beneficiaram a massa da população brasileira. A estrutura sócio-econômica permaneceu a mesma: escravista. A grande propriedade não foi tocada - e permanece até hoje - e os poucos proprietários de terra e de escravos e alguns comerciantes são os grandes beneficiados. A população pobre é alijada do processo de formação do Estado Brasileiro e da história.

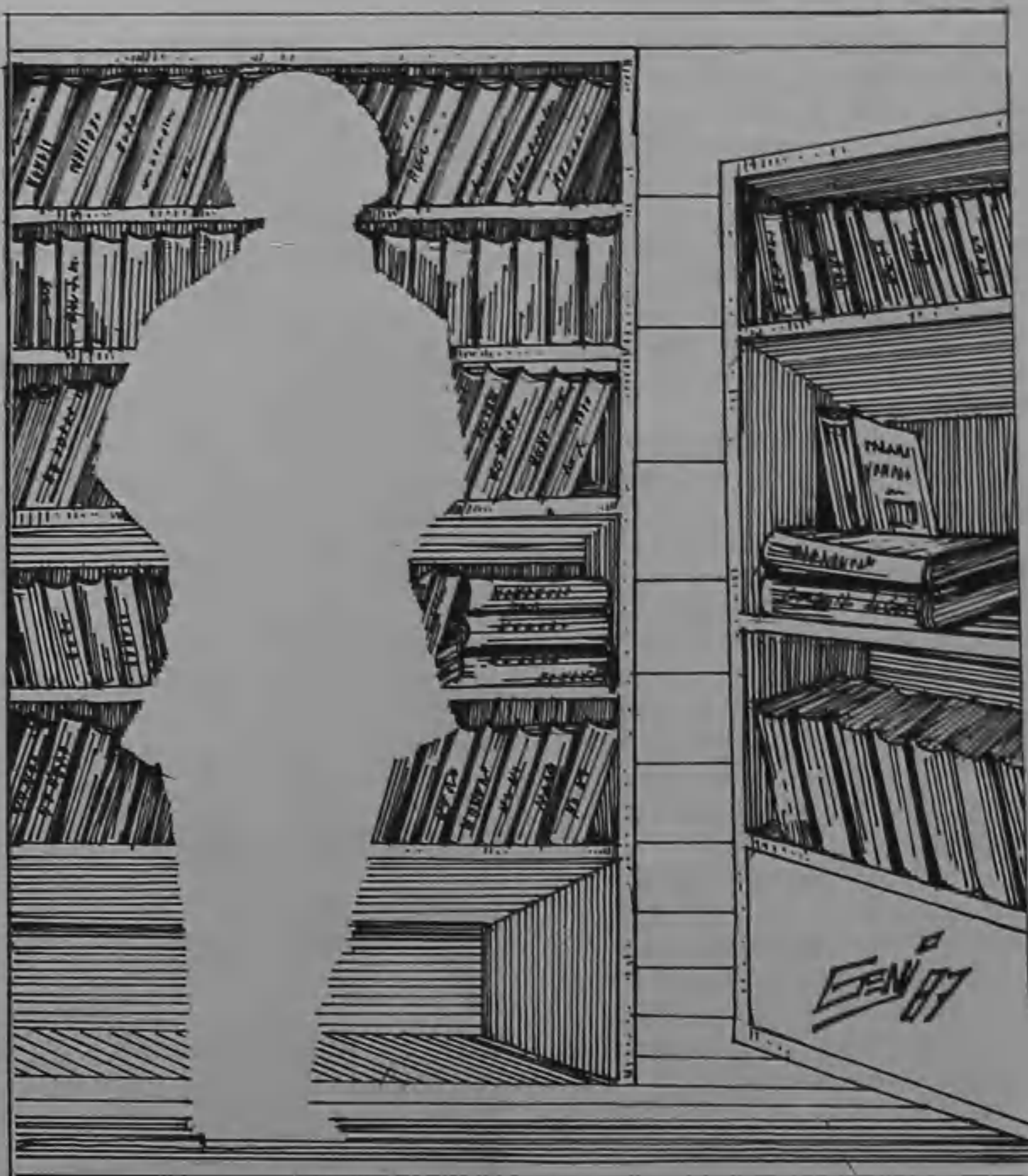
* A autora é piauiense, mestra em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PARA LEMBRAR O OUTRO

- Humberto Guimarães -

Percorrendo com os olhos o pequeno mundo de minha biblioteca, deparo-me com as obras completas de Humberto de Campos enfileiradas em bela encadernação, num total de vinte e nove volumes: 11 da série Conselheiro XX, de conteúdo anedótico, e dezoito outros abrangendo poesias, memórias, críticas e crônicas de bom sabor; lá mais adiante, depois da curva da segunda prateleira, estão os livros: espíritos, entré quais, Reportagens de Além-Túmulo e Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho - ambos psicografados por Chico Xavier, com mensagens e estilo de Humberto de Campos.

É interessante observar-se a curva-de-vida literária desse escritor, Humberto, nascido menino obscuro e pobre, a 25 de outubro de 1886 na cidadezinha maranhense, então Miritiba, e criado menino sofrido e revoltado, já órfão de pai, na cidade piauiense de Parnaíba: nos primeiros anos de letras o apego pelo anedótico. Abrindo por acaso e desfastio o décimo primeiro volume - Alcova e Salão - deparo-me exatamente à página 89, com uma piada de sabor espírita... Talvez, e é quase certo, ele não soubesse que viria a ser um dos principais timoneiros da doutrina kardecista. A piada é boa:



— Sabes quem deu agora para o espiritismo? A Cora, mulher do Absalão! E é tão aperfeiçoada, que faz falar a mesa.

— Ainda bem, para mim.

— Por quê?

— Porque pusesse a cama de casa dela para falar, eu estaria frito."

Ele brincava com a História, com a Política, com a Religião e com o mundanismo, expondo, com arte, burlesco das facetas humanas: "Quando Afonso XIII chegou às portas do céu, São Pedro estava acabando de tomar café com bolachas. Ao se inteirar de quem chegava, foi examinar o fichário, viu que estava tudo em ordem, mais foi pedir a confirmação do Padre Eterno. Este, depois de coçar a barba, de pensar um pouco, responde um tanto contrafeito: — Olha, Pedro, vem cá. Manda-o entrar... Antes porém manda trancar as 11.000 virgens."

A preocupação do escritor

nos dezoito outros volumes é bem outra: a seriedade de quem vive concentrado no sofrimento alheio, porque também sofre: sofre pela miséria humana e sofre as agruras da saúde que vai periclitando sem esperança, pelo que, ao invés de lamentar-se, eleva o espírito a confortar, desprendido de apegos egoístas, os leitores que lhe escrevem confidências e pedem conselhos para este ou aquele problema existencial.

Estive à sombra do seu cajueiro parnaibano, a árvore bem anosa, no terreiro da sua casa situada na rua que naquele tempo era oficialmente chamada de rua Pará, mas era popularmente identificada como sendo "a rua que fica por trás, do sr. Leôncio." Faz alguns anos hoje, contemplando a foto que minha esposa bateu daquele flagrante, sinto a presença de Humberto de Campos, mais do que nunca, dentro da minha biblioteca. Olho o seu retrato emoldu-

rado, em cores, envergando o fardão da Academia Brasileira de Letras, e volto o pensamento novamente para o espiritismo, lembrando da demanda judicial que, em vão, a família do escritor moveu contra a Federação Espírita Brasileira para receber os direitos autorais dos livros assinados pelo espírito daquele que, aqui, chamara-se Humberto de Campo ou Conselheiro XX.

Ainda assinando-se com o nome terreno, em 1942, ao ditar Reportagens de Além-Túmulo, no inquérito, intitulado "Do Noticiarista Desencarnado", disse o seguinte: "A sepultura não é a porta do céu, nem a passagem para o inferno. É o bangalô subterrâneo das células cansadas — silencioso depósito do vestuário apodrecido." Para evitar encrencas agora o mensageiro do além identifica-se apenas como o espírito X.

Por experiência ele passou, e não foi para o inferno por ter contado anedotas picarescas, delas cabeludíssimas, que ainda hoje passam de boca em boca, como já passavam antes dele registrá-las na singularíssima literatura.

x

Presume que seus pendores para as letras venham do pai, espírito esportivo alegre e irreverente, admirador da mitologia grega, amante de poesias, chegando a preencher dois cadernos com estrofes narrando aventuras no bom metro e na rima ao gosto camoneano. Sua irreverência fê-lo para gozar o padre de Miritiba, batizar a primeira filha (da fase de amancebamento, com outra mulher) com o nome de Prosérpina, e uma sobrinha com o nome de Eurides, em homenagem, disse ao vigário, a duas célebres habitantes da corte de Vulcano, o inferno.

A verve do escritor não surgiu do nada, como se vê; e ainda mais, se por um lado tinha o pai, amante das boas letras e da gozação, por outro havia um tio materno, o comerciante Franklin Veras, rico folgazão e conquistador, amante da picardia européia. Conta seu sobrinho que, certa feita, um seríssimo Juiz de Direito de Parnaíba, foi aconselhar-se com Franklin sobre questão de rabo de saia: é que ele tinha uma bela comadre, cujo mari-

do fora embora, e que lhe estava dando em cima persistentemente, mas os escrúpulos, por ser padrinho do filho dela, não vinha permitindo um bom entendimento.

— E o doutor, que fez? Ainda não aproveitou? — pergunta Franklin.

— Não, não Coronel — responde o juiz.

E Franklin: — Ora, doutor! Que escrúpulos, que nada! Diga-me uma coisa: O doutor não se deita com a mãe de seus filhos? E então? Se o doutor pode se deitar com a mãe de seus filhos, por que não poderá fazer o mesmo com a mãe dos seus afilhados?

Como poeta deixou-nos um substancioso volume — Poesias Completas — assim organizado: Poeira... (Primeira série — 1904/1910), contendo os livros



Beatriz, Livro de Hilda, Pó dos Desertos, Coração, Símbolos Selvagens e Alma Primitiva; Poeira... (Segunda Série 1911/1915), contendo as seguintes partes: Vozes da Coisas, Os Descobridores, Poemas Amazônicos, Orquestras Humanas, Montanhas e Planícies, Vitória-Régia, Oblações a Dionísio, Origens e Metamorfoses, Vida Sonora, Mármore e Painéis, Viagem de Recreio e Tumulto Final; Poeira... (Terceira Série — 1916/1931), com Cinza do Crepúsculo, Átomos e Areia Solta, remontando 181 composições, assim distribuídas: Beatriz - 14, Livro de Hilda - 14, Pó dos Desertos - 12, Coração - 19, Símbolos Selvagens - 9, Alma Primitiva - 11, Os Descobridores - 13, Poemas Amazônicos - 9, Orquestra Humana - 6, Montanhas e Planícies - 6, Vitória-Régia - 4, Oblações a Dionísio - 6, Origens e Metamorfoses - 6, Mármore e Painéis - 6,

Viagem de Recreio - 6, Tumulto Final - 7, Cinza do Crepúsculo - 7, Átomos - 13 e Areia Solta - 7.

Apesar da boa qualidade de suas poesias não foi como poeta que ficou realmente conhecido para a posteridade, pois que as demais produções em prosa escorreita, tomaram a palma e assumiram a condição de carro-chefe. Mas foi um grande poeta de sonetos metrificados em decassílabos e de rima cruzada, também cultivando irrepreensíveis alexandrinos, como poemets, onde, igualmente, revela sua sensibilidade de engenheiro e de arte na elaboração simbolista do verso e na limpeza do estilo suavemente lírico. Que beleza, por exemplo, este soneto Samaritana:

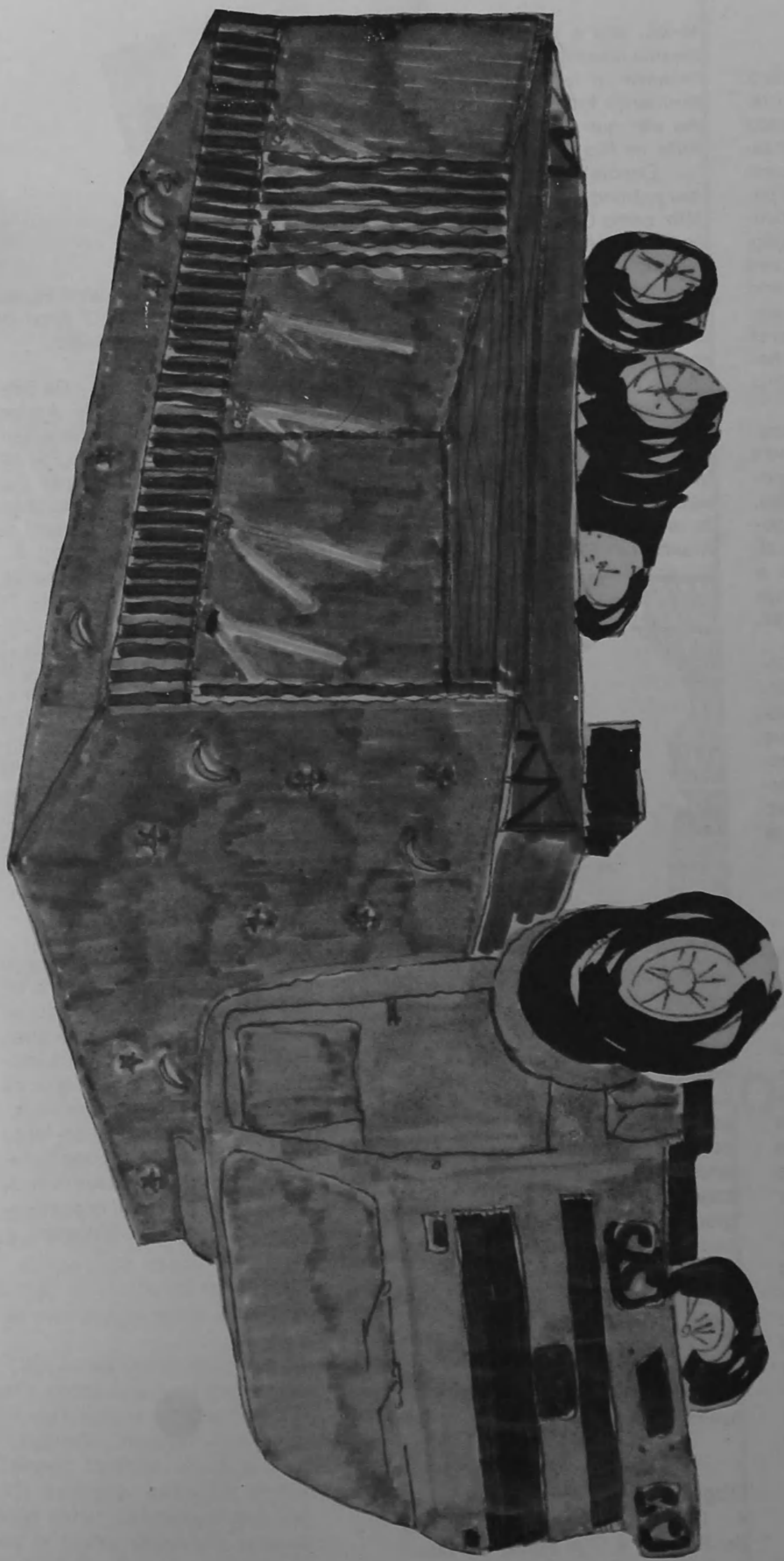
*Da Vida pelo inóspito caminho,
Da Juventude ao languido sol-pósto,
Eu, Jesus sem discípulos, sozinho,
Vinha com sede, a palidez no rosto.*

*Vinha... E vi-te; e, de súbito, me encosto
Ao poço de Jacó do teu carinho...
A ânfora do coração me dás, e o gosto
Da água tem o poder do ascádio vinho.*

*Para Junto de ti, sedento e exangue
E quedo-me a beber; porém, bebendo,
Beber pareço do meu próprio sangue.*

*Bebo, e a sede me aumenta: em vão apago-a,
Bebo; e, mais fraco, de beber morrendo,
Mais sede tenho de beber dessa água!*

Humberto de Campos nunca se preocupou em assumir posições vanguardistas dessa ou daquela escola literária. Nascido nos últimos anos do século passado, quando os parnasianos estavam em plena efervescência, e vindo a falecer em 1945 (5 de 12), viveu os dias do simbolismo, a que mais se adapta sua energia criadora, cheia da sensibilidade que estuda com admirado espanto as maravilhas da natureza, deixando-se seduzir pela busca dos significados das coisas, seguindo as pegadas de Mallarmé e de Eugênio de Castro, "pari passus" com Alphonsus de Guimaraens, Cruz e Souza, Bernardino Lopes, Joaquim Nabuco, seu coetâneo e não menos prolífico Henrique Coelho Netto, Monteiro Lobato, Afonso Arinos de Melo Franco, Lima Barreto, Afrânio Peixoto, Farias Brito, Jackson de Figueiredo, Tristão de Atahyde e Eduardo Prado.



projeto arte em toda p'arte

Sua prosa é de estilo claro, direto, sem artifício ou recurso preciosista ou gongórico-compensador da carência de síntese dos pensadores prolixos useiros dos lugares-comuns; flui autêntica e singela para todas as compreensões, particularmente as carentes de afeição, que nela encontram identificações lenitivas. É bem como ele mesmo afirma: "Não há na minha vida ambição maior, que a de escrever obras que se tornem úteis aos homens de hoje e fiquem na memória dos homens do futuro."

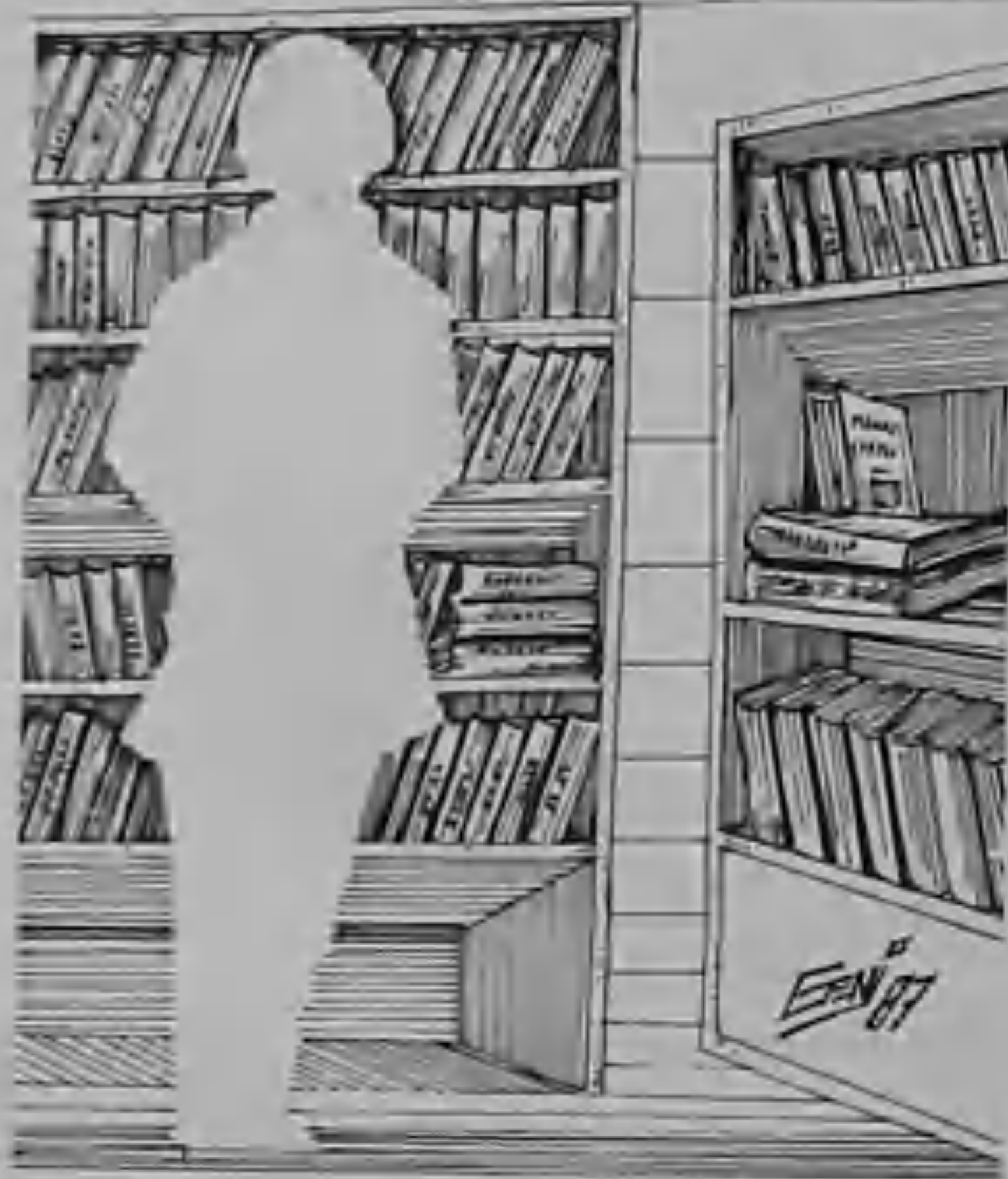
Escritor popular, a sua popularidade se fez sobretudo através da coluna diária dos jornais cariocas, cujos leitores de classe média, predominando as mulheres, elegeram-no a consultor sentimental, dando ele educadas respostas a todas as cartas que recebia, cujo extrato se insere em os Párias, Sombra que Sofrem e Destinos.

Depois porém suas obras foram-se tornando raras, popularizando-se mais as suas Memórias. Hoje Humberto de Campos, ao que o saiba só é encontrado nas luxuosas edições a elevado preço, portanto fora do alcance aquisitivo daqueles a que suas mensagens se destinam.

No dia 8 de maio de 1920, sucedendo ao irreverente-dócio poeta Emílio de Meneses, Humberto de Campos, então deputado federal, e já com uma vasta produção literária, no seu discurso de posse, entra lembrando a desgraça da cegueira de Homero e do autor de O Paraíso Perdido, o inglês John Milton, como a chamar a atenção de si próprio para não se deixar conduzir pelas ondas da vaidade, pois que a natureza pode destruir um homem apenas atirando-lhe uns grãos de areia aos olhos; a seguir proclama a vitória dos humildes, desses que se fazem por si arrastando dificuldades, sem antepassados que glorifiquem seus nomes genealogicamente, sem padrinhos que lhes dêem a mão, mas que, nem por isso, deixam de subir, pelo desassombro, a escadaria da aristocracia cujas portas arrombam, e elas os tem que receber, odiando-os embora, e aplaudí-los, e supor-

tá-los. Isto é válido tanto para si mesmo quanto o fora para seu antecessor, o ferino-meigo, o gigante-criança Emílio, um forasteiro como ele, que viera a se tornar um forte no Rio de Janeiro.

Depois de traçar o perfil do seu patrono, como o de um gigante feliz como Celini, cheio de meiguice e selvageria, dá uma lição sobre o humorismo e a sátira de que tanto gosta, e foram o sal da vida de Emílio, o freqüentador da Colombo ao lado de Olavo Bilac, Guimarães Passos e Paula Nei. Ao assumir a condição de acadêmico não dorme sobre os louros, mas continua a faina, mesmo quando doente da enfermidade endócrina que viria a ceifar sua vida. Tendo assistido ao Movimento Modernista encabeçado pelo senhor Graça Aranha em 1922, a ele não se en-



quadra, fiel aos seus princípios modestos.

Com Antenor Vieira de Mello ousou contestar Agripino Grieco quando se refere a Humberto de Campos com a expressão de "personalidade um tanto imprecisa", pois esse miritibano parnaibano soube traçar como ninguém a sua trajetória literária e política, dando grandes lições e bem servindo as causas que abraçava.

x

A Editora Jackson difundiu sua obra em várias edições. A que possuo é da Editora Mérito, que assim se compõe:

A — Conselheiro XX

- 1 - Vale de Josafá; 2 - Tonel de Diógenes; 3 - Serpente de Bronze; 4 - Gansos do Capitólio; 5 - Bacia de Pilatos; 6 - A Funda de Davi; 7 - Grãos de Mostarda; 8 - Pombos

de Maomé; 9 - Antologia de Humoristas Galantes; 10 - O Arco de Esopo; 11 - Alcova e Salão.

B — Outros

- 1 - Poesias Completas; 2 - Da Seara de Booz/Mealheiro de Agripa; 3 - Lagartas e Libélulas/Sepultando os Meus Mortos; 4 - Os Párias/Reminiscências; 5 - Sombras que Sofrem/Contrastes; 6 - Destinos/Um Sonho de Pobre; 7 - Notas de um Diarista (Primeira Série); 8 - Notas de um Diarista (Segunda Série); 9 - Perfis (Primeira Série); 10 - Perfis (Segunda Série); 11 - Últimas Crônicas/Brasil Anedótico; 12 - O Monstro e outros Contos/À Sombra das Tamareiras; 13 - Crítica (Primeira Série); 14 - Crítica (Segunda Série); 15 - Crítica (Terceira Série); 16 - Crítica (Quarta Série); 17 - O Conceito e a Paisagem na Poesia Brasileira; 18 - Antologia da Academia Brasileira de Letras.

x

Em o Conceito e a Imagem da Poesia Brasileira Humberto de Campos apresenta o resultado de uma exaustiva pesquisa, fazendo um apanhado do conceito e da imagem poética brasileira desde as suas origens ao pré-modernismo, colhendo a essência artístico-fenomenológica do que à nossa natureza inspirava aos nossos vates, inserindo nove citações conceito-imagens de Emílio de Meneses, a saber:



a) - **Sobre embarcações**

"As fortes naus afeitas às tormentas,
ora, na quietação dos embarcadouros,
parecem grandes aves sonolentas." - Dies Irae.

b) - **Sobre Esperança**

"Deixa que suba a prece e que a esperança fique
à flor dos corações como algas sobre o mar." - Retorno.

c) - **Sobre Romã**

" - Na forma hostil, porém, de arremço e de estrago,
lembra um dardo fatal que o espaço cruza e atroa
nos prélios imortais de Roma e de Cartago!" - A Romã.

d) - **Sobre Humilde**

"Doce orgulho o de ser humilde e igual à vaga
que após, altiva, inflar o seio ao mar medonho,
morre escravo no vil beijo que a areia apaga..."

A um Possesso.

e) **Sobre Mastros**

"O pontetoso mastro...
... árvore que sem folhas e sem rama
herois abriga à sombra que derrama". - Dies Irae.

f) - **Sobre Pestana**

"Negros cílios
imponderáveis como asas de borboletas" - Olhos Fúnebres, IV.

g) - **Sobre Tristeza**

"Deus, a maior das grandezas,
em quatro letras se encerra...
Da minha vida as tristezas
não cabem dentro da terra!" - Tristeza.

h) - **Sobre Vestido**

"- Creio, seguindo o teu saudoso rastro,
que vejo um cofre de ébano retinto
resguardando uma estátua de alabastro!" - Flor Lutuosa.

i) - **Sobre Vida**

"A Vida é assim: - É o temporal que chega,
ruge, esbraveja e passa, ecoando, serra a serra,
no furioso raivar da indômita refrega,
que as montanhas abala e os troncos desenterra." - Germinal.

Com essas demonstrações de empatia conceitual e da impressão afetivo-perceptual do grande vate da Sorveteria Colombo, Humberto de Campos carimba, em exercício de útil erudição, excertos líricos daquele cultor parnasiano que lhe cedeu o trono, deixando para a posterioridade lições inolvidáveis

de como cortejar inteligentemente a natureza, com o temperamento oriundo da nossa étnica de que ele mesmo, Humberto, é expressivo exemplo na suavidade simbolista das suas construções.

Em

Amarante

visite o

Centro

Cultural

Odilon Nunes

EDUCAÇÃO & CONSTITUINTE

Luiz Pires de Freitas

Os profissionais da educação, no momento presente, quando se fazem ensaios de uma nova Constituição, estão alerta e declaram-se cientes de suas responsabilidades na construção deste Brasil de amanhã. Sabemos que a educação é capaz de, através da transformação de pessoas, transformar a sociedade.

O que transformar no Brasil atual através de uma nova Constituição a ser outorgada a este país, para que se tenha uma nova sociedade brasileira no ano 2.000?

Abordam-se múltiplos problemas e quer dar-se à Constituição a tônica de salvadora de todos os males. Quer-se uma Constituição que resolva o problema da dívida externa, para melhor distribuição de riquezas, para se diminuir a violência, para minimizar a miséria para se mudarem os rumos de uma explosão demográfica incontrolável, para acabar com a seca do Nordeste ou com as secas, cheias e geadas do Sul, para colocar um ponto na deficiência educacional, ou dos serviços de saúde, para aumentar a insuficiente produção de alimentos, ou para conter a inchação das grandes metrópoles, etc.

Lei, simplesmente lei, nem mesmo a melhor das leis, não resolve, num passe de mágica, questões estruturais básicas. A mudança da lei não traz a mudança social. Antes, necessita-se reformar as pessoas o que somente se consegue com a educação.

Ora, se a educação é capaz de,

através da transformação das pessoas, transformar a sociedade - então ela tem importância vital para o processo do desenvolvimento completo.

No âmbito da educação, o país continua convivendo com problemas crônicos referentes à universalização e qualidade do ensino, à gratuidade escolar, às condições de trabalho do magistério e à escassez e má distribuição das verbas públicas. Onde é triste olhar-se o cenário da educação nacional.

Não será ocioso, em véspera da nova Constituição Nacional, lembrar que, no campo da educação, em nosso Brasil, existem de longa data erros, falhas, e omissões e não deveriam perpetuar-se, ferindo a dignidade dos cidadãos. Não podemos continuar a desconhecer que o sujeito do direito à educação e aos meios necessários, é o cidadão, independente de sexo, cor, idade, confissão religiosa e filiação política, assim como da classe e ou nível social.

Nós temos no Brasil oito milhões de crianças na faixa etária de 7 a 14 anos sem matrículas no 1º grau por falta de escolas. Mais um milhão de crianças que, a cada ano, completa os 7 anos de idade. Vinte e nove milhões de crianças na faixa etária de 0 a 7 anos, sem educação, pré-escolar. Trinta e um milhões de analfabetos, um quarto da população brasileira. O custo-aluno no ensino oficial é de quatro a seis vezes maior do que no ensino privado. Temos 22% de professores leigos, precária formação e aperfeiçoamento profissional; salários aviltados; milhões de menores abandonados perambulam por aí.

Os educadores brasileiros se colocaram em clima de positiva expectativa que tomou conta da sociedade brasileira quando cessou o longo período do regime militar. E havia razões para tanto. Profissionais da educação foram chamados a ocupar postos administrativos e técnicos. Outras áreas da administração pública passaram a contar com profissionais comprometidos com ideais e práticas convergentes com os interesses majoritários da sociedade, como seja, a priorização do ensino de 1º e 2º graus anunciadas pelos governos federal e estaduais. Persistindo em práticas políticas arcaicas, os governos federal e estaduais continuam recorrendo a programas de impacto político e de favorecimento de grupos, que colocam a educação a serviço de interesses menores.

Vivemos o momento em que a Nação se prepara para elaborar uma nova Constituição. A Constituição é a lei que organiza um Estado e a vida de seu povo. Os educadores brasileiros renovam sua disposição de luta, exigindo que os problemas educacionais sejam tratados de maneira responsável e coerente.

Os participantes da IV Conferência Brasileira de Educação, realizada em Goiânia, de 2 a 5 de setembro de 1986, reivindicam que a nova Carta Constitucional consagre os princípios do direito de todos os cidadãos brasileiros à educação em todos os graus de ensino e do dever do Estado em promover os meios para garanti-la. Ao mesmo tempo se comprometem a lutar pela efetivação destes princípios, organizando-se nas suas entidades, exigindo compromissos dos candidatos às Constituintes a nível federal e estadual e colocando o cumprimento de medidas propostas para a democratização da educação.

A carta de Goiânia propõe que

os princípios formulados a seguir sejam inscritos no texto constitucional.

1. A educação escolar é um direito de todos os brasileiros e será gratuita e laica nos estabelecimentos públicos, em todos os níveis de ensino.
2. Todos os brasileiros têm direito à educação pública básica comum, gratuita e de igual qualidade, independentemente de sexo, cor, idade, confissão religiosa e filiação política, assim como, da classe social ou da riqueza regional, estadual ou local.
3. O ensino fundamental com 8 anos de duração é obrigatório para todos os brasileiros, sendo permitida a matrícula a partir dos 6 anos de idade.
4. O Estado deverá prover os recursos necessários para assegurar as condições objetivas ao cumprimento dessa obrigatoriedade, a ser efetivada com um mínimo de 4 horas por dia, em 5 dias da semana.
5. É obrigação do Estado oferecer vagas em creches e pré-escolas para crianças de 0 a 6 anos e 11 meses de idade, com caráter prioritariamente pedagógico.
6. São assegurados aos deficientes físicos, mentais e sensoriais, serviços de atendimento pelo Estado, a partir de zero anos de idade, em todos os níveis de ensino.
7. É dever do Estado prover o ensino fundamental, público e gratuito, de igual qualidade, para todos os jovens e adultos que foram excluídos da escola ou a ela não tiveram acesso na idade própria, provendo os recursos necessários ao cumprimento desse dever.
8. O Estado deverá viabilizar soluções que compatibilizem escolarização obrigatória e necessidade de trabalho do menor até 14 anos de idade e, simultaneamente, captar e concentrar recursos orçamentários para a criação de Bolsas de Estudos a ser destinado às crianças e aos adolescentes de famílias de baixa renda, matriculados na escola pública.
9. O ensino de 2º grau, com 3 anos de duração, constitui a segunda etapa do ensino básico e é direito de todos.
10. O ensino, em qualquer nível, obrigatoriamente ministrado em Língua Portuguesa, sendo assegurado aos indígenas o direito à alfabetização nas línguas materna e portuguesa.
11. Será definida uma carreira nacional do magistério, abrangendo todos os níveis e incluindo o acesso com o provimento de cargos por concurso, salário digno e condições satisfató-

rias de trabalho, aposentadoria com proventos integrais aos 25 anos de serviços no magistério e direito à sindicalização.

12. As Universidades e demais instituições de ensino superior terão funcionamento autônomo e democrático.
13. As Universidades públicas devem ser parte integrante do processo de elaboração da política de cultura, ciência e tecnologia do país, e agentes primordiais na execução dessa política que será decidida, por sua vez, no âmbito do Poder Legislativo.
14. A lei regulamentará a responsabilidade dos Estados e Municípios na administração de seus sistemas de ensino e a participação da União para assegurar um padrão básico comum de qualidade dos estabelecimentos educacionais.
15. Os recursos públicos destinados à educação serão aplicados exclusivamente nos sistemas de ensino criados e mantidos pela União, Estados e Municípios.
16. Será de responsabilidade exclusiva dos setores da saúde pública a atenção à saúde da criança em idade escolar.
17. A merenda escolar e qualquer outro programa assistencial a ser desenvolvido nas escolas devem contar com verbas próprias, desvinculadas dos recursos orçamentários para a educação "stricto sensu", porém gerenciadas por órgãos da área educacional.
18. É permitida a existência de estabelecimentos de ensino privado desde que atendam às exigências legais e não necessitem de recursos públicos para sua manutenção.
19. O Estado deverá garantir à sociedade civil o controle da execução da política educacional em todas as esferas (federal, estadual e municipal), através de organismos colegiados, democraticamente constituídos.
19. O Estado assegurará formas democráticas de participação e mecanismos que garantam o cumprimento e o controle social efetivo das suas obrigações referentes à educação pública, gratuita e de boa qualidade, em todos os níveis de ensino.
21. Fica mantido o disposto pela Emenda Calmon (EC 24, § 4º do Art. 176 da atual Constituição), assim como pelas Emendas Passos Porto (EC 23) e Irajá Rodrigues (EC 27) e a lei estabelecerá sanções jurídicas e administrativas no caso do não cumprimento destes dispositivos.

Os Educadores presentes à IV Conferência Brasileira de Educação consideram indispensável que seja elaborada uma nova lei de diretrizes e bases da educação nacional, a partir dos princípios inscritos na Constituição.

Consideram, outrossim, essencial sua participação, através das entidades de representação na área, tanto na elaboração da Constituição, quanto da lei acima referida.

Consideram, ainda, que devem ser mobilizados todos os recursos no sentido de tornar público este posicionamento e de conclamar os candidatos dos diversos partidos à Constituinte, para a defesa dos princípios, aqui, enunciados.

É evidente que a linha geral de nossa política educacional como agente de transformação terá de ser inserida no projeto Constitucional.

Estamos partindo para uma Constituinte e será aí que os representantes de todos os segmentos da população vão examinar os problemas do ensino e definir uma orientação capaz de traduzir um projeto nacional na presente etapa histórica.

Qual é o nosso ideal? Parece-me que não podemos falar de progresso real do País enquanto não estivermos em condições de liquidar com o analfabetismo, e mais do que isso, enquanto não formos capazes de evitar, a cada ano, a formação de novos analfabetos. Assim há uma tarefa a enfrentar que é um grande desafio: Como proporcionar educação básica a todos os brasileiros? Sem que tenhamos conseguido atender vitoriosamente a este desafio, não é possível resolver a contento os demais problemas do ensino.

Caberá à futura Constituição definir as prioridades bem como os princípios gerais que hão de presidir a política educacional no Brasil. O que podemos fazer é procurar aprofundar o debate e tratar de contribuir com a nossa experiência e os nossos conhecimentos para que o Brasil possa dar efetivamente um passo à frente na questão da educação nacional. A nova Constituição deverá oferecer a urdidura dos Direitos e Deveres fundamentais de todos os brasileiros - em pé de igualdade democrática, e impor a sua visão, sobre o problema da educação e conseqüentemente a saída mais acertada. Dentro dessa urdidura deve evidenciar-se a educação no Brasil sinônimo de transformação, desenvolvimento, ordem, progresso e dignidade nacional.

Prof. Adjunto do Departamento de Fundamentos da Educação



Fas Ferramentas do Novo

Durvalino Filho
Poeta e Compositor

Semana Mário Faustino

Entre os dias 4 e 14 de novembro de 1986, a Fundação Cultural Monsenhor Chaves promoveu a **I Semana Mário Faustino**, com a organização de uma grande exposição e ainda uma série de debates e conferências, em que foram discutidos os aspectos mais diversos da obra do poeta piauiense falecido em 1962, num desastre aéreo.

Os temas abordados abraçaram um amplo espectro da vida-paixão-morte de Mário Faustino ao público piauiense através do depoimento de convidados muito especiais: de Belém vieram a professora Albeniza Chaves (da Universidade Federal do Pará, que proferiu conferência com o título "Mário Faustino: Um Poeta entre dois Mundos") e Benedito Nunes, filósofo e ensaísta de renome, além de amigo particular e editor de Mário (Benedito discorreu, em sua conferência, sobre a poética faustiniana em seus aspectos gerais); o professor piauiense Carlos Evandro Eulálio fez as honras da casa, defendendo o seu ensaio os "avanços e vacilações" na obra de Faustino; e de São Paulo, horando-nos com sua presença, veio o poeta, crítico, ensaísta e tradutor Haroldo de Campos que, além de nos brindar com uma brilhante conferência, não satisfeito, deixou-nos um belo poema em homenagem ao poeta. Imbuído da **persona** de Faustino, Haroldo de Campos, no poema, faz alusões à paisagem piauiense e ao nosso "sol tigrino".

Durvalino Couto Filho, coordenador-geral da **Semana**, preparou para este número da revista **Presença** um apanhado jornalístico do que foi levantado nas discussões que marcaram a tônica da **Semana**.

Grandes foram os propósitos de Mário Faustino. Exercitando uma crítica de caráter experimental, alto-reflexivo, em que a poesia entra como um princípio capaz de agir sobre o mundo (vide os "Diálogos de Oficina") — Mário levou em frente sua utopia, aquela em que, mediante um projeto, o poeta parte em busca de sua própria definição. O professor Carlos Evandro Eulálio, em sua conferência, citando Ernst Bloch, focalizou as três funções básicas do pensamento utópico: 1) aquela que favorece a crítica da realidade; 2) a que permite à inteligência visualizar o real, de modo a descobrir as perspectivas de sua transformação; e, finalmente, 3) a que diz respeito à responsabilidade de introduzir a exigência da radicalidade, permitindo assim ao artista tomar uma atitude radical no contexto em que vive.

Assim foi desencadeada a "reaceleração do processo de criação literária, no final dos anos 50." (1) Para Mário Faustino, a poesia existiria enquanto criação verbal, e a oposição entre vida e linguagem passaria a ser resolvida "nos acordes do poema". Benedito Nunes, discorrendo sobre a poesia faustiniana, ressalta que, "a modernidade nos trouxe um novo limiar de acesso ao passado", já que só podemos nos aproximar deste "através da densidade histórica do presente." Daí Benedito Nunes notar que Mário desenvolvia seu exercício poético, como um "work in progress", onde vida e poesia estariam conectadas como uma oração contínua. Tanto assim que

os "fragmentos" do sonhado poema longo de Mário São dotados de estrutura própria, com senso de montagem ordem e harmonia (vide "juventude"). Ainda Benedito, citando Mário: "Penso poesia (...) vou escrevendo "takes" (...) meu trabalho se confunde com minha vida." Através de poesia-vida, o poeta alcançaria o "dizer essencial". Benedito salienta ainda que, ironicamente, a interrupção da morte veio dar uma unidade de conjunto à obra inacabada do poeta "paraense nascido no Piauí" (Albeniza Chaves).

Dentro dessa postura crítica e poética, Mário Faustino ergueu sua plataforma de investigação e experimentação, tornando-se, inegavelmente, um inovador da produção poética no Brasil, uma vertente capaz de canalizar os esforços de uma geração em busca de suas próprias ferramentas de apreensão do real e do novo.

O grupo Noigandres representaria outra vertente, outro caminho, embora calçado em afinidades, simpatias e formação semelhantes às de Mário (Haroldo de Campos, citando Pound: "A excelência de um crítico se mede não por sua argumentação, mas pela qualidade de sua escolha." (2)). Nascida na Grande São Paulo, a tríade Noigandres (composta por Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos) passou a cumprir a exigência de radicalidade que a época podia. Também conscientes da crise da poesia, o grupo Noigandres e adesões preconizaram a supressão radical do verso e, em lugar dos nexos sintáticos que formavam o estilo "retórico-discursivo, floral e ornamental" da geração de 45 (3), passaram a praticar uma poesia onde pontificavam novos padrões estruturais, em que as relações semânticas, fonêmicas e visuais da palavra adquiriam uma dimensão inédita até então: a descoberta do "momento zeroológico" da linguagem estava sendo posta em prática (4), na medida em que a palavra, sendo levada aos limites de sua significância, aproximava-se de um grau absoluto onde, depois dele, só existiria um silêncio. Daí a fase geométrica da poesia concreta, da "sintaxe especial" mallar-

meana, minimalista, e ideográfica — funcionando como contra proposta ao discurso esgotado da geração anterior.

A excelência da crítica de Mário permitiu-lhe perceber a dimensão do que ocorria em São Paulo, pelas mãos da tribo **Noigandres** (palavra misteriosa de um poema de Arnout Daniel, traduzido por Augusto de Campos: "(...) Então todo o meu ser quer que eu colora o canto / de uma flor cujo fruto é só de amor, / o grão só de alegria e o olor de **Noigandres**" ou "olor livre de tédio") (5). Deu-se um encontro inevitável, onde as diferentes grandezas puderam se avaliar no que tinham de comum e de divergente. Mário Faustino: "E poemas nossos — aspectos ainda que marginais de nossa poesia em elaboração, em transformação, em avanço e recuo, (...) têm aparecido." (6); Augusto de Campos: "Para nós, interessavam os autores que, de certa maneira, questionavam a linguagem poética, a sintaxe, a estrutura do verso." (7); Haroldo de Campos: "Faustino recusava-se, por motivos respeitabilíssimos de temperamento e vocação (...), a submeter-se ao violento processo "coletivização" e "anonimização" poética, a que nós, de Noigandres, nos sujeitamos voluntariamente." (8); Décio Pignatari: "O ideograma não tem sinônimos. A poesia também não tem." (9).

A linguagem poética brasileira — que vinha de um impasse aparentemente sem solução, onde o poeta desmerecia os "novos meios de comunicação postos a seu dispor pela técnica moderna" (João Cabral de Melo Neto) (10) — no momento daquele encontro de duas posturas distintas, bifurca-se numa encruzilhada, se não de todo resolvida, mas duplamente criativa, pois as possibilidades de renovação ganhavam um fôlego de inquietação e descoberta. De um lado, Mário e o poema longo ainda apegado à tradição discursiva, mas já, por força dessa aproximação com a "gang" paulista, ensaiando possibilidades semânticas de ruptura do verso tradicional; de outro lado, a poesia concreta, assimilando o que poderíamos citar como "a contribuição milionária de todos os erros" (Oswald de Andrade), mas anexando ao já feito uma gama de novos fatores que iriam, de fato, chegar ao que Haroldo de Campos chama de "mínimo múltiplo co-

mo" do momento poético daquela fase. Além disso, era estratégico, naquele momento, aproximar-se de uma vanguarda de estudos e descobertas que aportavam no país, como fontes de interesse: os trabalhos de Roman Jakobson na área da lingüística, de Peirce na semiótica, de Norbert Wiener na cibernética, os diversos "círculos lingüísticos", o futurismo, o cubo-futurismo, o minimalismo, a música de vanguarda, o cinema, etc.

Hoje, os rumos que essas duas vertentes tomaram são objeto de avaliação e considerações. O tempo sedimentou uma e outra num mesmo caldeirão (ou seria melhor tubo de ensaio?, ou floclador?, agite e use), em que pese a morte de Mário. Uma e outra posturas críticas geraram um complexo poético em andamento, cuja unidade na morte decompõe-se em mediunidade na vida; como diria Haroldo de Campos: "(...) sobretudo a esta altura, em que está por se completar um trintênio do lançamento da poesia concreta: em que a restituição da trama complexa das inter-relações já pode ocorrer, sem que a inteligibilidade do problema e a equação dos termos da comparação sejam anuviadas pela constatação da sua labilidade e riqueza". (11)

14 p.c 9.9 814

NOTAS:

- (1) EULÁLIO, Carlos Evandro: "A Realidade do Poeta Inocente e a Inocência do Poeta Real"; revista "Presença", n.º 9, Teresina, 1937.
- (2) CAMPOS, Haroldo de: "Metalinguagem"; Ed. Cultrix, São Paulo, 1976.
- (3) CAMPOS, Haroldo de: "Mário Faustino — a Impaciência Órfica (Depoimento de um Companheiro de Geração)"; conferência proferida em Teresina, a 06 de novembro de 1986.
- (4) ————: Idem ibidem.
- (5) CAMPOS, Augusto de: "Verso Reverso Controverso", Ed. Perspectiva, São Paulo, 1978.
- (6) FAUSTINO, Mário: "Poesia Completa e Traduzida"; Ed. Max Limonad, São Paulo, 1985.
- (7) CAMPOS, Augusto de: em entrevista à revista "Brê a Brac", n.º 2, Brasília, 1986.
- (8) CAMPOS, Haroldo de: na conferência já citada.
- (9) PIGNATARI, Décio: "Informação, Linguagem, Comunicação"; Ed. Cultrix, São Paulo, 1985.
- (10) FAUSTINO, Mário: Op. cit.
- (11) CAMPOS, Haroldo de: na conferência já citada.

Turismo



Governador Bona Medeiros, Pe. Solon Aragão, Secretário de Cultura, Sérgio Barbour, Secretário dos Esportes do Est. de São Paulo, Lena Monteiro de Carvalho, Presidente da Piemtur e Almir Bitencourt, Secretário de Planejamento.

No segundo semestre de 86, foram inúmeros os acontecimentos no setor de turismo, cujo registro é oportuno.

Ouidos a PIEMTUR, Órgão Oficial de Turismo no Estado e entidades de classe do setor levantaram-se os principais eventos ocorridos nesse período.

VERÃO EVENTOS 86

No terceiro ano consecutivo aconteceu a promoção Verão Eventos, no litoral do Estado, com a articulação da PIEMTUR, apoio dos municípios de Parnaíba, de Luiz Correia e empresas do setor privado.

Mereceram destaque o II Enduro das Dunas que alcançou repercussão nacional; a III Mini-Maratona do Litoral (26/07); o II Campeonato de Bicycross 11, 18 e 25-07; o Campeonato Piauiense de Kart - GP PIEMTUR 15 Anos - 27/07; o III Campeonato de Pesca - 23/07; Show Musical - anos 2.000 e muitas outras atividades ligadas à animação turística.

SECRETARIA DA RECEITA FEDERAL APOIA O TURISMO

A partir de 15 de agosto, confor-

me instrução normativa da Receita Federal, SRG nº 093 de 01.08.86, somente será permitida a saída de veículos de transporte coletivo em viagens de turismo no território nacional, mediante prévia autorização do DNER.

CAMPANHA PROMOCIONAL EM SÃO PAULO

Dia 13 de agosto a PIEMTUR lançou em São Paulo (SP) a campanha PIAUÍ, SIM!, quando foi apresentada a moderna folheteria aos profissionais e autoridades de Turismo, reunidos no Hotel Brasilton.

Estiveram presentes o Governador José Raimundo Bona Medeiros, Secretários de Estado do Piauí, a Presidente da PIEMTUR, além do Secretário de Desportos e Turismo de São Paulo, Dr. Sérgio Barbour e dirigentes de entidades de classe ligadas ao setor.

CONGRESSO DA ABAV

Conforme vem acontecendo, anualmente, a PIEMTUR integrou a representação dos Estados do Nordeste no Congresso Nacional da Associação Brasileira de Agências de Viagens - ABAV / Nacional, ocorrido em Belém,

no período de 19 a 23/07.

Empresários do setor de turismo, autoridades e técnicos piauienses tiveram oportunidade de viver uma intensa programação, num dos Congressos mais bem organizados já empreendidos pela ABAV / Nacional.

CONCURSO MONOGRAFIA SOBRE TURISMO

Como iniciativa para comemorar o seu 15º aniversário de constituição a PIEMTUR realizou um concurso de monografia sobre turismo, cujo encerramento ocorreu dia 21/08.

ALBERGUES DA JUVENTUDE E CLUBES DA 3ª. IDADE

Dentro da programação de turismo social, foram constituídos e entraram em funcionamento - o Clube da Terceira Idade e a Associação de Albergues de Juventude do Piauí - ASA / PI. O Albergue da Juventude funcionará no VERDÃO, com capacidade para 20 leitos femininos e 20 masculinos.

SEMINÁRIO TÉCNICO E ENCONTRO DE EMPRESÁRIOS

Dias 03, 04 e 05 de setembro a EMBRATUR, em articulação com a PIEMTUR, promoveu em Teresina um Seminário para técnicos dos Órgãos Oficiais de Turismo do Norte e Nordeste e, no dia cinco, aconteceu um encontro com empresários do setor turístico de todo Estado, oportunidade em que os profissionais e técnicos apreciaram os principais problemas do sistema, principalmente, os assuntos relacionados com a legalização e o controle de qualidade.

PIEMTUR RECEBE TROFÉUS

A PIEMTUR, entre suas múltiplas atribuições e atividades marcou dois gols que alcançaram grande repercussão, em 1986.

Em primeiro lugar, foi o lançamento da Campanha Piauí, Sim!, em São Paulo.

O segundo acontecimento do ano foi o prêmio RÁDIO TURISMOC, concedido pela Rede Bandeirantes de Rádio do Rio de Janeiro, categoria Incentivo.

Além dessa distinção a PIEMTUR recebeu, ainda, a medalha do Mérito Turístico/86, outorgada pela Empresa de Turismo da Bahia - BAHIA-TURSA. ■

PÂNICO

Jamerson Lemos

A gente vive a comer a ração da vida.
Brilhar foi a ordem, brilhar foi.
Brilhar brilhar a ordem à gente. Ôi?!
Como vai? Não bonde e trem, tudo se.

Há momento pastel, farinha e gíria.
Doce azul do bosque, dói?
Morre-se vida e a vida remói
tudo, engalfinhando tudo. Tudo lí.

Alí semana douda douda e seu stress.
No ângulo água e a prece -
Águia branca tresloucada musical.

A gente vive a comer além do muro
o lixo da cidade, o suicídio escuro,
a corda, o tiro, a sopa, a cal.

AMOR

SINTO QUE NA VIDA,
O AMOR É:
ALÉM DOS VERSOS, RIMAS E POESIA,
UM RITMO FELIZ DE DOIS,
INSTRUMENTOS HUMANOS.
AS VEZES SE TORNA TRISTE,
QUANDO O SENTIMENTO QUE,
NELE EXISTE
TORNA-SE DOR, OU SOLIDÃO,
ESQUECE A PRÓPRIA VIDA,
SE PERDE NOS LABIRINTOS,
ENCONTRA-SE, NUM OLHAR,
AO LONGO DO INFINITO,
UM GRITO DE LIBERDADE.

RACHEL FRÓIS

BRASIL: BRASILEIROS

El día que mi quieras, democracia
& Cia
& eticetara & tal...
nesse brasil, brasileiro
onde Hum dollar estrangeiro
vale mai\$
vale mai\$\$\$\$
vale mai\$\$\$\$\$\$\$\$

Mas, ainda misturo numa mesma cumbuca
Argentina, Bolívia, Brasil, Uruguai
Equador, Colômbia Chile, Paraguai
só prá ver se dá a tal da democracia

que Deus permita e a CIA
chega prá lá com o ABC
que se dane! KGB
& a moral prá PQP

... nos exportamos corrup-samba
outros, comprem muamba
"os homi" ficam c'grana
e no final da estória
ninguém entra em cana

esse Brasil! brasileiro...

ha\$ haaa! esse Brasil
que dá bolero
já falou DeGaulle
"aqui não é um país sério"
mas não tem nada não,
a gente anda mesmo é na contra-mão
cachaça, mulher, futebol
é a emoção
no meu Brasil, brasileiro.

Ehrlich Cordão

A LEI DO VENTRE LIVRE

Ao João Pretinho

... e veio a lei do ventre livre
mas lá fora irreverente persistia
esperava-o no mundo suas sentenças
veio a abolição
não nos corações dos algozes
o tempo avançou pelos anos
os pastores fizeram sua ablução
mas não ficou ovelha carnívora
e não se sabia onde morava seus lamentos
um século de existência dentro e fora da vida
nessa incoseqüente dicotomia
tombou numa noite de fim de semana
arrotado pra fora da vida
por um auto móvel tresloucado
fará parte de alguns objetos jogados fora da pista
de ruídos inaudíveis
o velório sem os pastores felinos:
seu corpo exangue

Carlos Alberto Gramoza

Sucinta Análise em torno de um soneto de

DA COSTA E SILVA

Bugyja Britto.



Para quem viveu algum tempo numa propriedade fornecedora de produtos derivados da cana-de-açúcar, não é estranha a operação dum engenho de madeira, — esse afamado **device** do interior do Brasil, que pertence a um ciclo da civilização da nossa história econômica.

Com a instalação da usina — esse grande estabelecimento fabril em que se alinharam a mecânica e a técnica, — desapareceu a poesia bucólica que existia nas antigas propriedades agrícolas, é que o banguê — palavra que veio a ser dada ao engenho de madeira — foi substituído, deixando-nos apenas a pungidora recordação da sua existência, pontilhada de rústicos encantos que jamais poderão morrer.

Um soneto de Da Costa e Silva traduziu o assunto. Assim, o leitor verá, a seguir, uma breve análise da composição poética que vale por um poema, inigualável na literatura brasileira. É cer-

fo que há outros sonetos ou poesias de vates nacionais, considerados como extraordinários e que se tornaram populares: **Estranhas Lágrimas**, de Félix Pacheco, **As Pombas**, de Raymundo Correia, **À Carolina**, de Machado de Assis, **Santas**, de Hermeto Lima, **Monólogo de um Cego**, de Zito Baptista, **Ouvir Estrelas** (soneto nº XIII do **Via-Lactea**), de Olavo Bilac, etc.

O soneto dacostiano é admirável. Considero-o, mesmo, uma preciosidade da nossa língua. Eu não conheço produção poética mais bonita, mais harmoniosa em usar consoantes e vogais para estrutura de frases e orações, de comparações justas entre palavras de significações reais e figuradas, de sentido condensando um fêcho de ouro, surpreendente no aparecimento do objeto final (no caso, o álcool). O soneto anteriormente à época atual (ele consta, aliás, do livro **Zodiaco**, aparecido em 1917), tinha o título de **O Engenho**

Na remansosa paz da rústica fazenda,
À luz quente do sol e à fria luz do luar,
Vive, como a expiar uma culpa tremenda,
O Engenho de Madeira a gemer e a chorar.

Ringe e range, rouquenha, a rígida moenda,
E, ringindo e rangendo, a cana a tritular,
Parece que tem alma, advinha e desvenda
A ruína, a dor, o mal que vai, talvez, causar...

Movida pelos bois tardos e sonolentos,
Geme, como a exprimir, em doridos lamentos,
Que as desgraças por vir sabe-as todas de cor.

Aí! Dos teus tristes ais! Aí! Moenda arrependida
— Álcool para esquecer os tormentos da vida
E cavar, sabe Deus, um tormento maior!

de Madeira, e a sua primitiva publicação vem de 1909, estampada n'A **Carta**. Entre os órgãos que o publicaram com esse título está a coletânea de **Sonetos Brasileiros** (500 sonetos) de Laudelino Freire, do ano de 1.913. O título **Moenda**, que apareceu posteriormente, parece-nos, **data-vênia**, não seria completo, pois a moenda é apenas uma peça do instrumento — que é o engenho. Acresce que o próprio soneto traz, no primeiro quarteto, a designação de **Engenho de Madeira**, quando declara:

*"Vive, como a expiar uma culpa tremenda,
O Engenho de Madeira a gemer e a chorar"*.

Ele, como se sabe, dispõe de várias peças ou itens: a almanjarra, a canga (dos bois), a dorna, de feitio cilíndrico, que é feita da madeira candeia, mas que pode ser também de ferro, dentada. O conjunto, aliás, no português antigo, tinha o nome de atafona, que não deixava de ser um engenho de moer. Eram semelhantemente conhecidos a azenha, a nora (para água) e o moinho. É certo ainda que, naquilo que se chamou **Engenho**, estavam incluídos outros índices que completariam a faina de moer ou tritular a cana, como os animais (força propulsora fazendo as vezes de um motor), a vara de ferrão, o tangedor de animais ou o seu aboio, ora tristonho, ora autoritário para animar o trabalho, a garrafa, os tachos e as gamelas, o processo de fermentação, a destilaria, etc.

No 1º quarteto encontramos, como realces, o verbo expiar no sentido de remir a **culpa tremenda**, os verbos gemer e chorar, o primeiro magnificamente colocado significando um ruído

lento e monótono, e o segundo (chorar) significando queixa para exprimir arrependimento. O engenho de madeira, como se lê no primeiro verso, está na **Remansosa paz da rústica fazenda**.

O 2º quarteto é de alto impressionismo, eis que a alteração do r traz uma agradável sonoridade. A eufonia sensibiliza. A musicalidade está patente. Uma onomatopéia bem concebida proporcionada pela letra "r", — fonema alveolar, sonoro, pertencendo à classe das consoantes, da mesma forma que o "l". No último verso do segundo quarteto — tal seja **A ruína, a dor, o mal que vai talvez causar...** — há uma concordância verbal permitida, isto é, aparece o verbo ir no singular (3ª pessoa do singular do indicativo) porque os substantivos a que o verbo se refere são sinonimizadas (**ruína, dor, mal**), ou melhor são partes integrantes de um todo que se uniu.

A palavra rouquenha funciona como advérbio, embora ela seja um adjetivo. A adverbialização do adjetivo é fenômeno normal em português, à maneira do que ocorre em francês, como registram os **experts** deste último idioma: Chanter, **juste**, chanter **faux**, voir **clair**, parler **bas**, parler **haut**, marcher **droit**, coûter **cher**, etc. — exemplos esses constantes do livro **Grammaire Francaise et Grammaire Comparée**, à pag. 140 (Rio, 1954), da talentosa professora Blanche Jacobina.

A respeito, por exemplo, da função adverbial do adjetivo **todo**, diz o exímio latinista e mestre de filologia, Napoleão Mendes de Almeida: "**Todo**, ao mesmo tempo que exerce função de advérbio, conserva a propriedade de adjetivo de flexionar-se, fenômeno a que se dá o nome de **flexão eufônica** ou **flexão por atração**". O mestre da **Gramática Metódica da Língua Portuguesa** cita estes casos: "Ele está **todo** molhado (totalmente molhado). Ela molhou-se **toda** (totalmente). Ele é **todo** carinhoso, ela é **toda** meiguíça".

Por outro lado, outra ilustre autoridade, o autor da **Gramática Fundamental da Língua Portuguesa**, Gladstone Chaves de Melo, diz nesse seu livro, à pág. 169 (Rio, 1968): "**Palavras Adverbiadas**, assim se podem chamar certos adjetivos que, cristalizados na forma do masculino singular, se empregam adverbialmente: comprar **caro**, vender **barato**, falar **alto**, cantar **baixo**, andar **direito**, escrever **rápido**, chegar **primeiro**".

Todavia, na forma do feminino, dizemos nós agora, observa-se também



o fenômeno da variabilidade, como se vê do adjetivo **rouquenha** (feminino) no verso dacostiano e no **toda** (feminino) do exemplo, atrás, de Napoleão Mendes de Almeida.

Quanto ao francês a regra é de que o adjetivo, nessa língua, torna-se invariável; quando adverbializado não deixa o masculino singular:

"La rose sent bon,

Les places pour ce concert content cher".

Observe-se, entretanto, a respeito do emprego do advérbio **tout**, no francês, que ele é variável diante de adjetivos femininos começando por uma consoante ou mesmo por uma vogal.

Assim, além da função adverbial a palavra **rouquenha** encontra-se no feminino para concordar com o substantivo moenda, estando otimamente colocada, porquanto o ruído da moenda não é rouco, mas meio rouco, misturando-se às vezes a um som ora estridente, ora cavernoso.

A moenda — parece que tem alma — advinha o mal que vai talvez causar. Um **talvez** no meio do verso é claro que deixa uma dúvida; é que o álcool, por certo, não é somente uma bebida prejudicial ao metabolismo da vida humana, ele pode além de fazer **esquecer os tormentos da vida** ser, se ingerido em doses medicinais, um bom auxiliar da circulação em um ativador das células mentais.

O fabricante do álcool, que é o Engenho com a sua moenda vigorosa,

sabe, entretanto, de cor, as **desgraças por vir**, como está expresso no 1º terceto. A conjunção **que** é empregada como uma causal, valendo **porque** ou **porquanto**. O verbo saber está reforçado com o pronome oblíquo, plural, **as** (**sabe-as**, referindo-se às desgraças, deu uma expressiva oração pleonástica).

Para o 2º terceto — chave do soneto — chave de ouro como já frisamos, o poeta lança a interjeição **ai** para exprimir um apelo queixoso, e, evocando os **ais** (substantivo) da moenda pesada ou denotadora de arrependimento, dá o motivo expresso no terceto referido: a fabricação do álcool **para esquecer os tormentos da vida e cavar, sabe Deus, um tormento maior!**

Note-se no soneto, ainda, o emprego dos adjetivos e substantivos em que está vivo o **sentimento da palavra**, isto é, a sua colocação para afirmar e realçar o acasalamento fidalgo da idéia no preciso e no sentir, como se os vocábulos tivessem alma...

Da Costa captou, aliás, nas suas produções poéticas, ao longo da composição dos seus trabalhos, o princípio parnasiano (**sentimento da palavra**) da Théodore de Banville, — aquele que Sainte-Beuve batizou como o cinzelador do verso, jungido quase sempre ao jogo das rimas ultra-ricas e dos valores rítmicos...

Da Academia Piaulense de Letras



O Projeto "Caminhos do Piauí", visa melhorar e desenvolver o sistema receptivo nos municípios do roteiro Norte (Campo Maior, Piripiri, Pedro II, Piracuruca, Esperantina, Parnaíba e Luiz Correia), proporcionando maiores condições aos turistas com informações.

Com o objetivo de facilitar a informação turística, serão implantados "out-doors" e sinalização nas estradas, postos de informações turísticas, além da confecção de material promocional.

Numa etapa posterior, será realizado um "FAM-TUR" (viagem de familiarização), dirigida a operadores de turismo dos principais mercados emissores de turistas ao Piauí, transportadores, agentes de viagens, hoteleiros, editores de revistas e jornais especializados, diretores de televisão, artistas, etc... O objetivo principal é mostrar as potencialidades turísticas do Estado, proporcionando uma viagem pelos "CAMINHOS DO PIAUÍ".

EMBARQUE VOCÊ TAMBÉM NESTA VIAGEM MARAVILHOSA

Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo

Empresa de Turismo do Piauí
PIEMTUR



FONTES IBIAPINA ESTÁ VIVO

Francisco Miguel de Moura
Poeta e Presidente da UBE

No dia 10 de abril deste ano, depois de ter passado a noite em busca do difícil cometa Halley, morreu Fontes Ibiapina, um dos escritores mais fecundos do Brasil. Deixou um saldo de 33 obras, entre contos, romances, teatro, folclore e outros gêneros, das quais 15 ainda permanecem inéditas. Por isso me vem de sopetão a pergunta: que será feito dos inéditos de Fontes Ibiapina? Pergunto meio atarantado. Com a morte de um homem sua obra chega ao fim, aí começam as perquirições, a crítica de conjunto, ou a memória e a biografia. A história do homem, seja ele artista ou não, começa muito antes. Talvez mesmo com os seus ascendentes. Mas este levantamento inicial, quero advertir, não pode ter um sentido crítico à sua obra. Pretende, antes ser uma espécie de cumprimento do meu dever de testemunho. Precisamos cuidar do patrimônio cultural dos outros, não só do nosso. Todos somam a riqueza comum. Quem cuidaria de mim, quando eu morresse, não existindo a solidariedade com que conto e o reconhecimento de minha contribuição? O poeta, o escritor, o artista não morrem.



Também o escritor é um homem público. Nesse sentido Fontes Ibiapina foi um dos homens mais públicos que conheci. Consciente de suas responsabilidades, sempre querendo saber mais, dono de uma fabulosa memória, posso considerá-lo profundo e honesto como poucos. Quem puser os olhos neste escrito, feito quase em cima do fato, não me venha retrucar:

— Olhem, basta o cristão morrer para tornar-se bom.

Nada disto. Certas verdades têm que ser ditas e repisadas, gritadas, como bem soube fazê-lo seu colega de magistratura, Dr. José de Anchieta Mendes de Oliveira, à beira do túmulo, no dia 11 do corrente:

— “Fontes Ibiapina foi um homem bom; atrás de si deixa viúvas e órfãos que atendeu através da jus-

tiça distribuída; não falemos de sua obra literária, no valor de seus livros; falemos no homem bom que foi João Nonon de Moura FONTES IBIAPINA, por toda sua vida” (1).

Não posso garantir tenham sido essas as palavras textuais, porque o discurso saiu de improviso. E me precavenho: Sei que discursos de beira de cova, como quase todos, guardam hipocrisia, ou então são simples formalidades a que nos obrigamos por não sei que dever moral ou lei dos homens. Mas aquele não foi, pois eu conhecia Fontes Ibiapina de vinte anos antes. Aquelas palavras me comoveram, apesar de não crer em imortalidade da alma, céu, inferno e outras ficções do tipo, exceto no inferno que já padecemos aqui. Acredito, sim, na luta do homem na terra,

na bondade do homem, e respeito a memória dos mortos. Este meu respeito anda de braços dados com a verdade. Não há respeito com mentira, desculpem-me a dura franqueza.

Por respeitar a memória dos mortos é querer a verdade da história dos homens, aqui me abalanço a registrar dois episódios na minha amizade com Fontes Ibiapina, escolhidos pela aproximação que marcaram com as atividades literárias que ambos exercíamos, em cada ocasião. Não éramos compadres nem chegados demais a modo de destruir de um andar frequentando a casa do outro e vice-versa. Tudo por causa das suas andanças de comarca em comarca deste Piauí (2) velho de queijo, no seu dizer bem despachado, em contraste com o meu imobilismo bancário de vinte

e dois anos batidos em Teresina (só interrompidos por estes dois últimos anos que vivi em Salvador).

O primeiro episódio data de 1966. Chegado eu de pouco tempo a esta Capital, inventei de publicar um livro. Meus poemas datilografados foram entregues a Fontes Ibiapina, então o nome de maior projeção, para um possível prefácio: eu o escolhi para o meu batismo de fogo da estréia. Ele foi legal comigo. Não pôde antecipar nada. Ia ler meus versos, depois "iria alguma coisa. Essa "alguma coisa" era: se prefaciaria o trabalho, ou não. Três meses depois encontro o mesmo Fontes Ibiapina: cordial, sorridente. E me dá o chamado sinal verde para a literatura.

— "Já estou rabiscando o prefácio, daqui a alguns dias pode ir apanhá-lo lá em casa. Você é poeta".
— Foi mais ou menos o que me disse.

Já o segundo episódio difere muito daquele. Tinha que ser assim, porque em situação diferente, quando a relação de poder mais se exercia, havendo de permeio uma instituição consagrada. Tratava-se agora do Fontes Ibiapina membro da Academia Piauiense de Letras (3), não mais tanto meu parente pelo lado dos Mouras, não mais meu padrinho literário como descrito acima, não mais meu conterrâneo piccense. Foi há uns cinco anos, mais ou menos. Incentivado pelo poeta Herculano Moraes, candidatei-me a uma cadeira da "Casa de Lucídio Freitas". Fui a Parnaíba, onde Fontes Ibiapina exercia a magistratura, apanhar seu voto e o do Mons. Sampaio, lacrados, como era praxe entre os candidatos à Academia que pensavam ter aqueles votos. Eu pensava tê-los, pois não havia nenhum sinal negativo no ar. Não pressionei ninguém, não havia por quê. Principalmente o Fontes Ibiapina, de quem ganhara a certeza de ser o preferido. Depois, houve o que todos sabem: os outros dois candidatos (4) não aceitaram a praxe antiga, protestaram e o Presidente da Academia, pressionado, cancelou os votos trazidos em mão e acolheu outros vindos pelo Correio, (5) Pessoas da intimidade de Fontes Ibiapina me disseram que ele, com certeza, não votou em mim e, ainda, com sua influência, retirou-me o voto do Mons. Antônio Sampaio. Nada de mais, nada de menos. Não condenei o Fontes Ibiapina por não ter votado em mim. Longe disto. A minha restrição toda foi contra a falta de franqueza que me



pareceu peculiar à sua personalidade. Tivesse dito: "não, Chico Miguel, não voto em você por isto ou por aquilo", tudo bem. Qualquer desculpa seria suficiente, ou nenhuma desculpa, desde que me fizesse entender não estar disposto a me apoiar.

Todas as minhas experiências com o poder foram frustrantes, inclusive essa de candidatar-me a uma cadeira da Academia Piauiense de Letras. Ou talvez eu esteja mais me julgando que julgando a ele, Fontes Ibiapina. Em semelhante situação, não deixaria de ser franco como sou. Mas quero explicitar que compreendi Fontes Ibiapina, e do episódio não me ficou mágoa. Se aqui o relembro é para ressaltar a sua falta de firmeza como homem público, o homem político — que na minha concepção foi conservador e reacionário. Diferentemente do homem artista que foi Fontes Ibiapina: revolucionário, consciente, mestre do que fez: conto, romance, pesquisa folclórica. Mesmo de dentro da perspectiva histórica alienada em que se situou, o autor de CHÃO DE MEU DEUS e de VIDA GEMIDA EM SAMBAMBAIA (6) foi extraordinário. Em seus escritos teve uma visão abrangente e solidária com a humanidade, especialmente com o homem sofrido do nosso sertão. Contista de fôlego, um dos últimos representantes autênticos do regionalismo a deixar marca na literatura brasileira, entendedor profundo da língua do interior do Piauí como ninguém, seu patrimônio literário é valioso demais para ser entre-

gue às moscas. Sugiro aos filhos, aos parentes, aos donos dos seus direitos autorais que, não podendo promover por conta própria ou através de órgãos governamentais, a edição dos seus inéditos, ponham-nos rapidamente à disposição do INL/MEC ou até da Prefeitura Municipal de Picos, sua cidade.

O homem amolda-se facilmente às injunções políticas de sua classe, do seu grupo e até de sua família, dado que sua natureza é eminentemente social. Uns são mais vulneráveis que outros. Injunções políticas que não cabe aqui serem analisadas levaram Fontes Ibiapina a agir daquela maneira. E tais conformações político-sociais fazem parte de sua história. Lembro-me do que Graciliano Ramos disse certa vez: "Se me tirarem meus defeitos, deixarei de ser eu mesmo, tornar-me-ei noutro". Provavelmente ou com toda certeza, também o homem Fontes Ibiapina era singular e tinha seus defeitos.

Porém não seria justo que tentasse passar aqui uma imagem falsa do homem Fontes Ibiapina somente porque faleceu. Cada homem com a sua história, cada um com o seu passado e com a sua obra. Todo ser humano tem defeitos, ou então não seria humano. Não estamos mais em época de fabricar deuses. Do homem Fontes Ibiapina fui aluno, em outra oportunidade. Uma de suas lições inesquecíveis pus em prática a partir mesmo do meu conhecimento pessoal com ele. Foi a contida numa frase sua que ainda me soa ao ouvido:

— "Chico, na minha casa recebo todo mundo bem, ainda que seja meu maior inimigo".

Mas não recebia só em casa. Em qualquer lugar que estivesse espalhava otimismo. Não obstante os achaques que vinha sofrendo há anos, provenientes da queimadura de uma perna por choque elétrico, sua alegria, seu bom humor eram constantes. Quero crer que Fontes Ibiapina tivesse algum inimigo, mas devia ser gratuito, pois dessa categoria todos nós temos. Mas isto já se esfumou na nuvem do tempo e não é bom que busquemos essas coisas tão comuns, que remexamos em cinzas. A morte de Fontes Ibiapina é como a de um meteoro: deixa fortes sinais. Deixou o rastro de sua fabulosa obra de ficcionista e de pesquisador e a luminosidade de uma vida dedicada ao bem do próximo. Eis o que conscientemente quis fazer. Esse meteoro

que viveu entre nós 65 anos não viveu em vão: sacrificou-se materialmente, na sua carreira de magistrado (morreu sem chegar ao topo) e no seu conforto familiar, tudo por conta do cultivo do espírito diuturnamente, por causa do seu trabalho incansável.

A seguir farei uma análise dos seus romances — que os entendo como contos extensos — como já fiz dos de O. G. Rêgo de Carvalho (7) e como hei de fazer da Tetralogia Piauiense (de Assis Brasil). Mas neste trabalho inicial é o perfil do homem artista, do homem político, do homem profissional, do homem amigo que pretendi esboçar. Perdoem-me os que me julgam excessivo. Não, não o faço para projetar-me. Conscientemente não almejo isto. Minha humildade de crítico de província não me impulsionaria a tanto, se para isto não contasse a minha idade. Que poderia ganhar aproveitando-me do cadáver de outro? Os políticos políticos que assim o façam, não nós artistas.

No sentido do espiritual que entendo, Fontes Ibiapina está vivo. Mais vivo do que nunca. Não ganhou fama. Mas a fama é ilusória. Não ganhou bafejos da crítica nacional institucionalizada, nem teve seus livros editados e distribuídos por grandes editoras. Sugeri a uma pessoa de sua família, Prof^a. Mundica Fontes, de Picos, que tirasse cópia de todo o material inédito deixado e mandasse arquivá-lo na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, presumível lugar mais seguro. Um dia algum pesquisador o encontrará e algum editor o editará, caso o poder público não o faça antes. De qualquer forma, com o que já foi levado ao público leitor, Fontes Ibiapina conquistou um alto lugar na história literária do Piauí e na história da cultura do Brasil. Mais: a crítica da história lhe há de fazer justiça.

Notas: 1) Fontes Ibiapina nasceu no município de Picos, Piauí, no dia 14 de junho de 1921 e faleceu em Parnaíba, também no Piauí, em 10 de abril de 1986. Foi sepultado na manhã de 11 de abril, no Cemitério São Judas Tadeu, em Teresina.

2) Quando faleceu era Juiz da Vara de Família, em Parnaíba.

3) Ocupava a cadeira nº 9, da



Academia Piauiense de Letras, cujo patrono é Lucídio Freitas.

- 4) Os outros concorrentes eram Benjamin do Rego Monteiro Neto e Lili Castello Branco, Fontes votou em Lili Castello Branco, que foi eleita em 2º escrutínio, do qual não mais participei. Tive 9 votos no 1º, os outros dois empataram com 14.
- 5) Não sei se a nova praxe passou a vigorar em todos os pleitos posteriores.
- 6) As outras obras editadas de Fontes Ibiapina são: Brocotós, Pedra Bruta, Sambaíba, Palha de Arroz, Tombador, Congresso de Duendes, Destinos de Contratempos, Paremiologia Nordestina, Nas Terras do Arabutã, O Cesório da Pafunça, Lorotas e Pabulagens do Zé Rotinho, Quero Posso e Mando, Passarela de Marmotas, Mentiras Grossas, do Zé Rotinho, Curral de Assombrações e Eleições de Sempre e Até Quando. Estreou com Chão de Meu Deus, em 1958. Teve apenas 4 livros publicados nacionalmente: Vida Gemida em Sambamba (1º prêmio do VII Concurso Nacional do Clube do Livro), Lorotas e Pabulagens do Zé Rotinho (Prêmio do Mobral), Palha de Arroz (Editora Cátedra, Rio, 2ª edição) e Eleições de Sempre e Até Quando (Editora Soma, São Paulo). Os demais livros foram publicados na província e distribuídos pelo próprio Autor.
- 7) "Linguagem e Comunicação em O. G. Rêgo de Carvalho", editado pela Artenova, Rio, 1972.

VISITE O

MUSEU

DO PIAUÍ

Praça

Marechal

Deodoro

VISTO POR QUEM VIU

Hardi Filho

A realização do I ENCONTRO DE ESCRITORES DO PIAUÍ, em Teresina, que teve como objetivo, além do conagraçamento natural, o de integrar os escritores do interior à luta pela valorização da nossa literatura no contexto sócio-educacional, e para o qual foram convidados, salvo alguma omissão involuntária, todos os que de uma maneira ou de outra exercitam a atividade da escrita em nosso meio, constituiu-se para nós uma maravilhosa aula de vida.

O Encontro em si, numa análise fria e superficial, não foi um sucesso, principalmente se comparado com as realizações modistas da sociedade mundana e com os eventos das aculturadas tribos de consumo. Entretanto, visto na realidade de suas condições e na dimensão de seus propósitos, de um ângulo que não desprezo o idealismo, a garra e a abnegação que felizmente ainda existem nesta terra. O I ENCONTRO DE ESCRITORES DO PIAUÍ excedeu as expectativas, considerando-se o ineditismo da promoção em Teresina.

Houve pouca divulgação? Não. A imprensa, os meios de comunicação, conscientes de seu papel, deram o apoio necessário. Ademais, foram endereçados e distribuídos pessoalmente mais de quatrocentos convites/programas a escritores, jornalistas, artistas e assemelhados.

Os "expressivos valores" da intelectualidade piauiense que não se fizeram presentes ao ENCONTRO, apesar de insistente e educadamente convidados, tiveram ou têm certamente os seus motivos concretos ou imaginários. A nossa formação moral não nos permite entrar no mérito ou demérito das empatias individuais. Mas, publicamente, de já, não as aceitamos como justificativas da omissão.

A participação do povo foi a esperada, ou seja, diminuta. O encontro era de escritores.

Há mais de vinte anos participando do meio litero-cultural deste Estado, sem a mínima vocação para imitar São Francisco, temos, todavia, adotado o modesto compor-

tamento do servidor sem a preocupação de ser servido. O que estamos tentando fazer da UBE-PI é um prolongamento, uma continuação de serviço. Assim não podíamos imaginar impossível uma atitude coerente, um gesto educado, uma pequena atenção por parte de muitos daqueles que, além do respeito pela condição de escritores, sempre mereceram o nosso acatamento.

O ENCONTRO foi realizado. Quem foi viu, falou, ouviu e aplaudiu.

E não venham contestar-nos eventuais arautos da empáfia egocêntrica e do negativismo cultural-comunitário. Só podem falar, de bem ou de mal, conscienciosamente, com conhecimento da causa, os que compareceram, os que lá estiveram constantes, colaborando, participando, ou singela e espontaneamente dando a todos nós um exemplo de altruísmo, de educação e responsabilidade, através de suas valiosas presenças.

Todo(a) aquele(a) que não atendeu nem foi sensível à sua própria consciência e condição de elemento útil às nossas letras, negou-se a si mesmo(a). Não apareçam agora essas efígies, despidas ou não da egotista, para negar ou renegar o fato a que nos reportamos.

A verdade - e a verdade às vezes fere - é que a ausência de conhecidas e aplaudidas figuras da intelectualidade da Capital não perturbou nem abateu o ânimo dos encontristas. Estamos tecendo estas considerações pessoais porque sentimos compulsivamente esse dever.

Mas, meus amigos, decididamente os indiferentes e os omissos não mereciam o exemplo dignificante de Cândido Carvalho Guerra e de Maria da Penha Fontes e Silva, o poeta de Corrente, extremo-sul do Piauí, viajando 900 quilômetros, e a cronista parnaibana vindo do extremo-norte, para prestigiar o Encontro. Os omissos não mereciam a percuciente eloquência oratória de Lauro Correia (Parnaíba) e de José Expedito Rego (Oeiras), na abordagem histórica das lutas da independência; nem mereciam ouvir a palavra abaliza-

da, consciente, de Alcenor Candeira Filho, sobre a nossa realidade literária. Os omissos não mereciam o convívio amigo, uma conversa mais demorada com os romancistas William Palha Dias, Gilson Chagas (Picos) e José Ribamar Oliveira, nem com as personalidades simples, cultas e corretas do Pe. Cláudio Melo, de Fabiano de Cristo Rios Nogueira, de Noé Mendes e de Claudete Dias. Os omissos não mereciam presenciar a argumentação crítica do Prof. Júlio Caribe, nem a delicadeza doutoral de Lina Celso Pinheiro Ribeiro; e especialmente não mereciam sequer apertar a jovem mão veneranda de Cândido de Athayde, que, descendo do patamar octogenário da sua sabedoria, se igualou conosco no calor da festa e na troca de impressões humanas. Os omissos não mereciam a convivência querida, durante três dias, com O. G. Rego de Carvalho - glória viva da literatura piauiense - e que, instado, ao microfone falou somente uma vez, e breve, mas disse tudo: "ouvi bastante e aprendi muito". Quem não compareceu não mereciam a bela presença artística de Ana Miranda na coordenação e apresentação da noite de arte lileto-musical, nem o talento vocal de dona Dionísia, nem a harmonia do "Coral de Florianópolis".

Os participantes e os presentes cempáfia não só mereceram, viveram tudo isso. E podem dizer como nós: Não somos indiferentes, somos imperfeitos; erramos em alguns pontos, acertamos em outros. O referencial é positivo - aquisição de experiência para o futuro.

Deliberadamente não citamos os nomes dos que ajudaram, dos que se envolveram por inteiro na realização do I ENCONTRO DE ESCRITORES DO PIAUÍ. Foram poucos mas fizeram, se não muito, o que podiam e deviam fazer. Estes não precisam de elogios; desejam apenas que o seu trabalho seja respeitado.

A vida é uma lição permanente. E é bom que assim seja para que não só as personalidades se aprimorem ao longo dos anos, mas também para que os caracteres se definam e os princípios que regem o bom relacionamento entre as pessoas se direcionem convenientemente.

Hardi Filho é poeta e Secretário da UBE-PI

UM RIO

IMITA OS OUTROS

Cinéas Santos



Inundações

Alcide Filho

aos esforços dos que se uniram ao tempo para destruí-lo. Já em 1867, o engenheiro alemão Gustavo Luiz Guilherme Dodt, em ofício dirigido ao Presidente da Província do Piauí, Adelino A. de Luna Freire, advertia: "...Ocorre que o estado do rio tende a piorar de ano para ano pelo motivo de que os habitantes da margem do rio cortam o mato, que cobre as ribanceiras para plantarem nestas fumo. As enchentes encontram desta forma as ribanceiras despidas de qualquer vegetação e sendo elas formadas de areia muito fina e pouco barrenta não podem resistir ao ataque das águas e partes consideráveis delas são arrojadas todos os anos no meio do rio, aumentando ali a quantidade de areia movediça, que já existe". No mesmo ofício, Dodt aponta as soluções para o problema: "...devem-se plantar nestas ribanceiras arbustos próprios que as cubram com seus ramos e, formem para o futuro a resistência energética e menos dispendiosa, como o galumbi e outros semelhantes. Que é necessário proibir-se o corte do mato que ainda existe e a cultura do fumo ou de outra qualquer lavoura; não carece ser mencionado que esta proibição se deve estender a uma zona de 25m de largura, em ambos os lados do rio".

Ao recomendar que o reflorestamento das margens do rio se fizesse com vegetação típica da região, citando, inclusive, o galumbi, Gustavo Dodt, que além de enge-

Paira sobre os rios brasileiros uma maldição, a de se transformarem, mais cedo ou mais tarde, em escoadouro natural do lixo das cidades que banham. O Parnaíba, infelizmente, não será uma exceção. Ao longo de todo o seu curso - 1485 km, aproximadamente - o "Grande Rio dos Tapuios" demonstra evidentes sinais de cansaço. É um rio enfermo.

Veza que outra, notadamente em época de campanha eleitoral,

aparecem os "salvadores do rio" com projetos que, de tão irrealistas, oscilam entre o mirabolante e o risível. Nos seminários cujo tema é o Parnaíba, as discussões centram-se, quase sempre, na questão de sua navegabilidade, esquecendo-se de que, independentemente de prestar-se ou não a navegabilidade, um rio é, antes de tudo, fonte de VIDA.

É preciso que se diga que o Parnaíba tem resistido bravamente

nheiro era também filósofo, demonstra respeito pela ecologia do Piauí, procedimento bem diverso do que se vê hoje, quando governantes planejam reflorestar as margens do Parnaíba com eucalipto.

Ao longo de todos esses anos mais de um século, nada se fez de concreto no sentido de preservar as matas ciliares que protegiam as margens do rio. É verdade que na última semana do governo Lucídio Portella, o secretário da Agricultura, Ocair Soares, que estava há 8 anos no poder, fez aprovar a toque de caixa lei estadual criando a 1ª IA-PA (Área de Proteção Ambiental) do Piauí, "para preservar as nascentes do Parnaíba". Na prática, essa lei serviu apenas para aguçar o apetite dos especuladores que, num passe de mágica cartorial, conseguiram transformar o que era "terra de ninguém (ou de todos) em propriedades de meia dúzia de vivaldinos", na exata expressão de Alcide Filho.

Em 1985, pesquisadores ligados à Universidade Federal do Piauí, Associação Piauiense de Defesa do Patrimônio da Comunidade e Secretaria da Agricultura do Piauí, visitaram as nascentes do Parnaíba e constataram que os danos ali causados pelas freqüentes queimadas são praticamente irreparáveis. Todos os anos, a partir do mês de julho, os fazendeiros da região mandam atear fogo à mata para "renovar" o capim-agreste que serve de pasto para o gado. Atiçadas pelos ventos, as chamas propagam-se rapidamente e, não raro, ultrapassam as fronteiras do Piauí e se estendem pelos Estados vizinhos.

Segundo o biólogo Alcides Filho, que já esteve duas vezes na região, "O problema é bem mais grave do que se imagina. Além das queimadas que comprometem a flora, há os caçadores profissionais que abatem e aprisionam animais e aves para exportação. Onde o pesquisador ainda não pôde chegar para conhecer, estudar, o caçador



Alcides Filho



Assoreamento

já instalou sua barraca para destruir”.

Além do problema do assoreamento do seu leito, o Parnaíba começa a sofrer os efeitos da poluição que, em alguns trechos já chega a níveis preocupantes. Não custa lembrar que só no município de Teresina existem três curtumes instalados na margem do rio, despejando diariamente, sem qualquer tratamento, centenas ou milhares de litros de resíduos químicos em suas águas. Como se não bastassem, instalou-se a montante da cidade o Distrito Industrial do Piauí que, quando estiver funcionando regularmente, transformará o Parnaíba, exatamente num trecho que banha Teresina, num monumental esgoto a céu aberto cujas consequências são previsíveis. Deve-se lembrar, também, que a estação captadora de água da AGESPISA, empresa responsável pelo abastecimento de água da capital, está situada um quilômetro abaixo do Distrito Industrial, o que demonstra o descaso das autoridades competentes (?) para com a saúde da população teresinense.

Em lugar de infundáveis discussões sobre “as potencialidades turísticas do Parnaíba” (sic) e coisa do gênero, seria bem mais interessante, para o Parnaíba e para os piauienses, fazer cumprir o que determina o Código Florestal Brasileiro, no que tange à proteção dos rios. Quanto à questão do reflorestamento de suas margens, bastaria uma lei específica estabelecendo determinado lapso de tempo para que os proprietários de terras ribeirinhas desenvolvessem projeto de reflorestamento, compatível com a realidade ecológica do Piauí, sob pena de terem suas terras desapropriadas.

Enquanto não houver a firme determinação de adotar medidas práticas e corajosas em defesa deste rio agonizante, seminários e debates, por mais interessantes que sejam, correm o risco de se transformarem em simples exercício de retórica. □

Poeta e Presidente da APDPC



"Albert Piauí" — o nome do autor é também o nome do livro deste artista piauiense: "um desenhista finíssimo" (Chico Caruso), o melhor desenhista de humor do nordeste" (Jaguá) e "uma das maiores vocações para o desenho de humor da nova geração" (Ziraldo). O livro é uma coletânea de charges, cartuns, ilustrações, cartazes e capas de livros que o autor fez ao longo de vinte anos de trabalho. Segundo o editor Cinéas Santos, este álbum extraordinariamente desorganizado, reflete bem o temperamento corrosivo do autor que bem cedo descobriu que seria desenhista de humor, sempre que tentava desenhar uma cebola saía um abacaxi. O livro foi publicado por edições Corisco, em 1986, e além dos inúmeros trabalhos do autor em 98 páginas, está ilustrado nas contra-capas com desenhos de amigos seus, dando uma conotação íntima e aconchegante a este álbum maravilhoso.

"Aboio ou saga do nordeste em busca da terra prometida", poema título do livro de Salgado Maranhão, que a Livraria Corisco lançou pela Coleção Patativa, em agosto de 1986. Segundo o editor Cinéas Santos, este aboio, na verdade, é um conto coletivo. Salgado é o intérprete do silêncio (carregado de significados) de milhões de nordestinos, exilados em seu próprio país. Animal essencialmente telúrico, continua Cinéas, o nordestino forçado pelas contingências, vira ave de arribação e se dilui nos desvãos das grandes cidades. Perdidas as referências culturais e efetivas, torna-se um excêntrico, no sentido termo.

* Contista e crítico literário

Por Magalhães da Costa Eleições de Sempre

Com o título acima, e pouco antes de desaparecer, Fontes Ibiapina lançou, pela Editora Soma, de São Paulo, o seu último livro de contos, onde reuniu 10 histórias de conteúdo político e social das melhores que já se produziu entre nós, onde se salienta a unidade temática e o estilo, muito pessoal, do grande escritor, que aqui aparece cada vez mais senhor do seu ofício. O livro, escrito em linguagem saborosa, que sempre foi a sua, nos revela todo um mundo de poder, artimanhas, costumes, artes e barganhas, que é um pleito no Piauí, além de denunciar fatos e colocar valores, recriando tipos que jamais esqueceremos, porque encontrados por todos rincões nossos, como ele Fontes gostava de dizer. Ele faz aqui o que quer com a linguagem, dando um verdadeiro baile de escrita, em narrativas que podem ser colocadas entre as melhores do gênero, como verdadeiras obras-primas, mas que não tiveram a necessária divulgação entre nós, especialmente para aproveitar o momento político, o que lamentamos profundamente. Merecia, e merece, melhor sorte, não só porque se trata de sua última obra em vida, mas porque realmente, sem dúvida, é seu melhor livro de contos depois de "Chão de Meus Deus".

□

Viração, de Pádua Santos.
Poesias, edição do autor, 1985, 50
págs. Mais conhecido como

ABOIO

OU SAGA DO NORDESTE EM
BUSCA DA TERRA PROMETIDA



contista, já com alguns prêmios no bolso do jibão, Pádua Santos mostra, com este Viração, que também é poeta, dos bons, dominando algumas formas com segurança e não deixando de ser, até, atrevido na sua criação poética, com poemas expressivos, que nada deixam a desejar quanto à idéia e modelo, quanto à concepção modernista. Sabe também fazer um soneto, com todos os seus ingredientes, inclusive com métrica, rima e ritmo. Sua poesia, na maioria, é feita do barro de sua região, da alma da boca nordestina, do sentimento de gente deste pedaço de chão abandonado. Poemas que são verdadeiras mensagens de fé, de esperança no destino do nosso sertão bruto, sofrido. São também registros fiéis da interior condição dos homens do Nordeste, de seu penar, miséria, sofrimento ignorado, mas em que o poeta nutre grande esperança. Pinta também a paisagem, que conhece tão bem, e a aula de sua gente, que analisa em versos não só de sentimento, mas de protestos e revolta. Poeta preso a seu pedaço de chão querido, que ama e eleva, mostrando não só miséria, mas a sua grandeza de coisa boa e pura. Não só a gente é motivo para a poesia de Pádua Santos, mas o acontecimento simples, as árvores, a viração, os bichos também são elementos que entram no seu fazer poético, para dar-lhe força e beleza, simplicidade, a nosso ver uma das melhores qualidades do estreante seguro, que é PS. Apenas aqui aconselharíamos ao poeta, para quando publicar novamente — e isto esperamos — venha com um livro maior, já que amostra é boa.

□

MAIS UM LIVRO DO MESTRE

O Mestre A. Tito Filho acaba de entregar ao público mais um de seus livros. Trata-se da plaquete "A Igreja do Alto da Jurubeba", editado pela Fundação Cultural "Monsenhor Chaves", da Prefeitura Municipal de Teresina, escrita para comemorar o centenário da construção da Igreja de São Benedito, levantada pelo Frei Serafim de Catânia, com a ajuda e a solidariedade do povo teresinense, com grande sacrifício e amor. É a história desse monumento que aí está, desafiando o tempo, num alto bonito, mostrando sua arte e sua imponência. Todos os detalhes da construção e da luta para o seu levantamento narrados em precisão, em síntese extraordinária de quem sabe dizer muito com poucas palavras. Uma história verdadeira e um registro feliz de um estudioso que sabe colher fatos sem fazer lenda. De parabéns a Prefeitura de Teresina pelo lançamento, muito oportuno, agora que se comemora o centenário da monumental Casa de Deus do São Benedito humilde.

CASOS DE POLÍCIA

Com o título acima, o advogado e jornalista Macário Oliveira lançou seu livro, há muito esperado. A obra, escrita em bom estilo, narra coisas e fatos interessantes e espirituosos, passados nos meios policiais, num levantamento, não só anedotário, mas social e humano, fixando tipos e valores, criaturas e entes que jamais esqueceremos, porque fazem parte do nosso dia-a-dia e de nossa relação de trabalho. O importante é que Macário Oliveira revela-se aqui um fino humorista, e também o escritor social e denunciador firme o crítico mordaz de costumes. Valorizaram o livro as ilustrações do mágico do traço - Albert Piauí.

□

UM CONTISTA DE MÉRITO

Por **Gentil Ursino Vale** *

Acabo de receber do Piauí, ou

mais precisamente, de Teresina, enviado por Magalhães da Costa, seu último livro "Casos Contados" - edição Fontes 1986, 80 páginas.

A obra compõe-se de duas partes que o autor chamou de livro I e livro II. No livro I estão reunidos quatro trabalhos, sobre o título "Casos Contados". No livro II, cinco contos sobre o título de "Apartº. 5, JT".

Trata-se de uma coletânea de histórias curtas, mas de estilos diversos. Em "Casos Contados", Magalhães da Costa, como em "Estação da Manobras", se revela um escritor regionalista da melhor qualidade, um narrador de mérito, reeditando um artesanato caboclo bem alaborado, fiel intérprete do falar interiorano piauiense. Seus contos aliciam, prendem por sua linguagem e temática saborosas. Suas personagens, bem delineadas psicologicamente tem vida e transitam, como se fossem reais, pelo "hinterland" do grande Estado do Meio-Norte.

Em "Apartº. 5, JT", o autor se transfigura, veste seus contos com uma linguagem citadina, asfáltica, erudita. Mas nele Magalhães da Costa, mostra, com proficiência, a outra face de seu labor estético. São dois Magalhães e ambos se completam.

Li todo o livro numa noite, e fui compensado, mais uma vez, pelo prazer de haver convivido com um ficcionista de vanguarda, desses que valorizam qualquer literatur.

Na obra, tudo é bom. Mas por uma questão, digamos, de osmose, de identidade como o que escrevo, faço destaque especial para "Casos Contados", pelo contexto pela espontaneidade dos diálogos, por sua urdidura formal regionalista da melhor cepa.

Ao lado de Fontes Ibiapina, o festejado autor de "Nas Terras do Abutã" e "Curral de Assombrações", recentemente desaparecido, representa Magalhães da Costa, o que existe de mais significativo na atual ficção piauiense e brasileira.

Gentil Ursino Vale, é advogado em Divinópolis, membro da Academia de Letras daquela

cidade, memorialista fiel e um dos melhores contistas mineiro.

□

Eventos Culturais

SEMANA DE BRECHT

Durante a Semana Brecht que ocorreu de 8 a 15 de dezembro, de 1986, a Federação do Teatro Amador do Piauí, realizou a X Mostra de Teatro que contou com a presença de diversos grupos teatrais (local) e da presença do diretor teatral Aderbal Júnior. No período da Mostra de Teatro, foi realizado palestras, cursos, debates e avaliação da Semana Brecht. O evento contou com o apoio do Instituto Nacional de Artes Cênicas, S.B.T., MINC, Fundação Cultural do Piauí e da Fundação "Monsenhor Chaves".

Apoio ao Teatro Amador

Dentro da política de incentivo ao teatro amador piauiense, dez grupos teatrais receberam, no mês de novembro de 1986, verbas de auxílio montagem para seus espetáculos no valor de Cz\$ 120.000,00. Este auxílio é proveniente de um convênio entre o Instituto Nacional de Artes Cênicas (INACEN), Fundação Cultural do Piauí e Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, e foi distribuído de acordo com uma seleção feita por representantes do Fetapi e Fundação Cultural do Piauí. A liberação desta verba objetiva melhorar as difíceis condições dos artistas teatro no Piauí.

ASSINE

PRESENÇA

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Existe LITERATURA



PIAUIENSE?



Alcenor Candeira Filho *

Palestra proferida
em Teresina, 1º En-
contro de Escritores
do Piauí.

1. INTRODUÇÃO

Ocupamos espaço no importante encontro de escritores do Piauí para, em atendimento a convite formulado pela União Brasileira de Escritores (UBE-PI), falar sobre a questão da existência ou não da Literatura Piauiense.

De início, queremos lembrar que esse tipo de problema, relativo à existência ou não de determinada literatura, vem sendo objeto de discussões há muito tempo. E o problema não se coloca apenas em relação à literatura da Província, em oposição à da Metrópole, mas em relação à própria Literatura Brasileira.

Com efeito, os historiadores literários do século passado, calcados numa crítica histórico-sociológico-cultural, produto da doutrina de Taine e das teorias romântico-realistas que enfatizam os elemen-

tos extrínsecos do fenômeno literário (a raça, o meio físico, o instante social, os fatores políticos e econômicos), sempre defenderam a tese de que as obras literárias feitas no Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII não eram mais que uma literatura gerada no país sob as influências de Portugal e que, conseqüentemente, essa literatura não passava de um prolongamento da literatura portuguesa, tendo a brasileira sido iniciada somente com o Romantismo, ou seja, depois da nossa independência política.

É certo que o teatro e a poesia de Anchieta, ambos de finalidade catequética, a literatura barroca do século XVII e a neoclássica ou árcade do século XVIII não espelhavam nitidamente as nossas condições sociais, políticas e culturais, como também é certo que a linguagem usada nessa literatura não reflete um discurso propriamente nacional, isto é, uma fala" diferente da lusitana.

Mas se deixarmos de examinar o fenômeno literário dentro do foco de interesse da crítica historicista e extrínseca, que estabelece uma subordinação da literatura à política e uma dependência da autonomia literária à idéia nacional, para o apreciarmos sob a ótica de uma crítica intrínseca, segundo a qual o fenômeno literário é compreendido como fenômeno estético, — veremos que existe a Literatura Brasileira a partir do século XVI com a poesia e o teatro de Anchieta, enriquecida, paulatinamente, através da exploração de novos temas e do desenvolvimento de novas formas de expressão, nos séculos XVII e XVIII, especialmente com as obras de Gregório de

Matos, Padre Antônio Vieira, Cláudio Manuel da Costa, Silva Alvarenga, Tomás Antônio Gonzaga, Basílio da Gama e Frei José de Santa Rita Durão. O sentimento de brasilidade se acentua com o Romantismo e, no século XX, com o Modernismo, intensifica-se através do verde-amarelismo, da poesia pau-brasil, da autropofagia e de outras correntes, surgindo então a idéia de literatura igual a produto de exportação.

Tem inteira razão Afrânio Coutinho (1), o mestre da nova crítica no Brasil: "A velha divisão da história literária, adotada por José Veríssimo e outros, em colonial e nacional, divisão periódica de sentido político, deixa de ter razão de ser. A literatura produzida no Brasil é **brasileira**, desde o primeiro século, e uma literatura não é colonial só porque se produz numa colônia e não se torna nacional só depois da dependência política, com a criação de uma nação.

A literatura brasileira primitiva — acrescenta o mestre — não é **colonial**, mas brasileira: barroca, arcaica, neoclássica."

2. O PROBLEMA DA LITERATURA PIAUIENSE

É óbvio que não devemos isolar o estudo da literatura de seu contexto social. Mas para uma melhor compreensão do fenômeno literário teremos que considerar a análise e interpretação de seus elementos intrínsecos, isto é, de seus elementos estéticos, deixando em plano secundário a concepção segundo a qual, nas conhecidas palavras de De Bonald, "literatura é expressão social", para real-

çar a idéia de que literatura e sobretudo "monumento estético", na feliz expressão de Afrânio Coutinho (2). Nessa linha de raciocínio é que tanto um Mário Faustino quanto um Álvaro Pacheco são autores representativos da Literatura Piauiense, embora isto não os isente da condição de representantes da Literatura Brasileira.

Tal como em relação à Literatura Brasileira, a origem da Literatura Piauiense é uma questão que tem suscitado controvérsias. Herculano Moraes abre a VISÃO HISTÓRICA DA LITERATURA PIAUIENSE (3) com a declaração de que a Literatura Piauiense, na sua origem, nada tem de "piauiense". Nas palavras do citado autor: "As primeiras manifestações literárias do Piauí só tiveram de piauiense a origem de seus autores".

Nas linhas seguintes, Herculano Moraes focaliza a poesia de Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva, o primeiro poeta piauiense, autor de POEMAS (1808), afirmando que ela não passa de "um produto da sociedade cultural e política portuguesa".

Ainda segundo Herculano, a Literatura Piauiense deixou de ser mero produto português a partir de IMPRESSÕES E GEMIDOS (1870), de José Coriolano, "livro que acabou de uma vez por todas com o chamado neoclassicismo de inspiração lusa, para iniciar uma fase pródiga de criação literária, rica de elementos humanos, históricos e geofísicos do Piauí". (4).

Diante dos senões apontados por Herculano Moraes, mesmo que quiséssemos, à luz de uma crítica extrínseca, subtrair a poesia pioneira do parnaibano Ovídio Saraiva, deixando de atribuir a ela o mérito de marco inicial da Literatura Piauiense, o critério esteticista asseguraria a esse poeta a posição, que lhe é de direito e de fato, de iniciador dessa Literatura.

Assim, tendo nascido no limiar do século passado, quando o Brasil ainda era Colônia de Portugal, não é difícil apontarmos argumentos, obras e autores que justifiquem a idéia da existência da Literatura piauiense, iniciada, é verdade, sem foros de "piauiensidade", mas desenvolvida e consolidada através de obras que, desde o século XIX, vêm refletindo, com maior ou me-

nor intensidade, as raízes locais, as nossas tradições, o nosso folclore, a nossa cultura, os nossos costumes, as nossas conquistas históricas, os nossos problemas políticos, sociais e econômicos e, em escritores como Fontes Ibiapina, para ficarmos num único nome, até mesmo a "fala" saborosa e peculiar do homem rude do interior piauiense. Neste particular, aliás, a obra de Fontes Ibiapina muito se aproxima da de José Lins do Rego (especialmente nos romances do ciclo da cana-de-açúcar: MENINO DE ENGENHO, DOIDINHO, USINA, BANGUÊ, FOGO MORTO), da de Mário de Andrade (MACUNAÍMA), da de Guimarães Rosa (GRANDE SERTÃO: VEREDAS), escritores que, seguindo o pioneirismo de José de Alencar, na luta pela criação de um estilo nacional, de um estilo divorciado de influências lusitanas, muito fizeram pela renovação da linguagem literária no Brasil.

Para demonstrar a existência da Literatura Piauiense, poderíamos, se pretendêssemos alongar a palestra, apontar, através do enfoque crítico de obras dos mais expressivos autores dessa Literatura, desde a sua origem até os dias correntes, elementos que retratam uma identificação da obra literária com a paisagem, o meio e o homem piauiense. Num critério quase aleatório, fiquemos pelo menos com alguns desses autores e algumas dessas obras.

Começemos com Da Costa e Silva, um dos poucos poetas do Piauí que se tornou conhecido nacionalmente. Já no livro de estréia, SANGUE, datado de 1908, encontramos poemas inspirados em motivos da terra natal, com destaque para o rio Parnaíba:

*"Saudade! O Parnaíba — velho monge
As barbas brancas alongando... E, ao longe,
O mugido dos bois da minha terra". (5)*

Em ZODÍACO, talvez a sua melhor obra, dedicada "Ao meu longínquo Piauí — na divina evocação de sua natureza maravilhosa", está presente a paisagem piauiense (o rio, a mata, o aboio, o mugido dos bois, a Igreja branca da terra natal...).

E os rouquinhos ringidos e rangidos da rígida moenda — gemidos que na voragem do tempo e no talento do artista se transfor-

maram num dos mais belos sonetos da Literatura Brasileira — não foram ouvidos pelo poeta no seu Piauí?

Em estudo inserido nas POESIAS COMPLETAS de Da Costa e Silva, reportando-se aos motivos inspiradores da poesia da natureza agreste piauiense, tão presente em ZODÍACO, assinala Alberto da Costa e Silva (6): "A sua paisagem não é a paisagem idealizada dos românticos, nem a do primeiro modernismo, mas as formas do dia-a-dia que vê um rústico no Piauí. Da Costa e Silva transpõe para o verso a natureza de sua terra com uma verdade que só tem rival em alguns poemas de Alberto de Oliveira".

Mesmo em PANDORA, livro estruturado dentro dos rigores do Parnasianismo e voltado quase sempre para a valorização da cultura helênica, está presente o torção natal:

*"Luz dos meus olhos tudo quanto vimos
Minha memória vai reproduzindo:
O céu azul... (Parece até mais lindo
O céu: não era assim quando partimos).*

*Como o céu, tudo está mais lindo! os céus
Roxos da serra, além do azul infinito...
O rio de águas líblicas, frendo
Sobre o tapete vegetal dos limos...*

*As árvores... As casas... Vejo e sinto,
Quais se fossem imagens verdadeiras
Tudo, sem mesmo ver, num vago instinto...*

*Saudade! Instinto de emoções estranhas!
Tens a ânsia de infante das palmeiras
E a tristeza violácea das montanhas!" (7)*

Outro importante poeta piauiense, em cuja obra fermenta não raro alguma coisa oriunda da moldura social, cultural e humana do Piauí, é H. Dobal. Na sua bibliografia há três livros planamente identificados com a realidade piauiense: O TEMPO CONSEQUENTE, obra de estréia, que reflete os campos e as grandes pastagens de Campo Maior; A PROVÍNCIA DESERTA, onde, no dizer de Álvaro Pacheco, "Sentimos o cheiro desse chão e desse povo — o povo do Piauí, heróico e indutível", e A SERRA DAS CONFLUÊNCIAS, espécie de continuação do livro anterior e obra em que, no juízo correto de Cineas Santos (8), "sem cair no prosaico ou no simples caricaturesco, Dobal retrata sua província, um universo povoa-

do de tipos curiosos, sofridos, patéticos", como ocorre em "Maria Piauí".

"Convocava os poderes que os outros não tinham. Benzia com rezas que ninguém sabia. Fechava os corpos abria as almas e enganava os desenganados". (9)

No plano do romance histórico, não poderíamos omitir o nome de Renato Castelo Branco, que expressiva contribuição tem dado para elevar o prestígio da Literatura Piauiense e da Literatura Brasileira. Com a sua trilogia de romances históricos sobre o Piauí, Renato Castelo Branco revelou ao Brasil e ao mundo importantes episódios da saga do meio-norte brasileiro, seja enfocando a conquista do vale parnaibano pelos bandeirantes paulistas de Domingos Jorge Velho (A CONQUISTA DO SERTÃO DE DENTRO), seja tratando das guerras da Independência no Meio-Norte brasileiro (RIO DA LIBERDADE), seja com a narrativa fundamentada na história da Balaiada, a primeira revolução social ocorrida no Brasil (SENHORES E ESCRAVOS).

Que dizer de TEATROLOGIA PIAUIENSE, de Assis Brasil? A retratação da vida marginal das mulheres do cais do Parnaíba, a luta e a miséria de seu destino, seus instantes de pequenas e fugaces alegrias (BEIRA RIO BEIRA VIDA), a denúncia das fraquezas e debilidades da classe média parnaibana de meados do século presente (A FILHA DO MEIO-QUILO), a ingenuidade, credices e tradições do homem provinciano (O SALTO DO CAVALO COBRIDOR), a descrição do meio provinciano envolvendo a vida marginalizada dos personagens (PACAMÃO), — isto tudo, apresentado numa técnica estilística que rompe com os recursos tradicionais da narrativa, é capaz, por si só, de justificar a existência da Literatura Piauiense.

Se a literatura que melhor representa uma região ou um povo é a que se inspira naquilo que vivem ou viveram os seus escritores, temos em Fontes Ibiapina uma das figuras mais expressivas da Literatura Piauiense. Na sua imensa

obra, composta de mais de trinta livros, entre publicados e inéditos, deparamo-nos com todo o processo de formação da realidade sócio-política do povo piauiense, em seus íntimos e substanciais elementos determinativos. A sorte de seus personagens, sua maneira de comportamento diante das situações em que se acham fixados, espelham traços peculiares da realidade piauiense. É nesse sentido abrangente que devemos apreciar a sua obra. Em entrevista que nos concedeu em 1984, publicada no nº 10 da revista PRESENÇA, declarou Fontes Ibiapina, em referência ao cômputo geral de sua produção literária: "Estou fazendo uma literatura do Ciclo do Couro no Piauí. (...) Mostro um panorama de autenticidade sócio-econômica do piauiense com todos seus caracteres: atividades e meios-de-vida, linguajar, precariedade econômico-financeira, analfabetismo, desassistência social, credices, superstições, misticismo religioso, costumes, políticos e tudo mais, inclusive cronologia das grandes secas". (10)

A peculiaridade da linguagem regionalista de Fontes Ibiapina, promovendo a estilização da linguagem oral piauiense, colhida na própria fonte e isenta de influências eruditas, determinando a valorização de frases feitas e provérbios, de expletivos, de toponímicos, de intensidade verbal etc., é outro dado reforçativo que confere à literatura ibiapiniana o caráter de autenticamente piauiense.

Outra excelente contribuição de Fontes Ibiapina para o enriquecimento da cultura piauiense está no folclore. Sem um livro como PAREMIOLOGIA NORDESTINA, repositório de adágios, provérbios, rí-fões, parêmlas, brocardos, ditados, modismos, chulos e, como diria Ibiapina (11), numa linguagem que lhe é peculiar, "o Diabo a quatro de pernas pro ar pelo avesso, do linguajar do caboclo nordestino dum figa", — tivesse sido lançado no Rio de Janeiro ou em São Paulo, com ampla divulgação através da ação de editores e de críticos literários que chefiavam o sistema de promoção e de reconhecimento dos intelectuais brasileiros, certamente seria um best-seller nacional. E que há nas páginas da PAREMIOLOGIA, senão ecos da cul-

tura oral piauiense? Pena que poucos leitores, alguns dos quais felizmente privilegiadíssimos, como o saudoso Câmara Cascudo, têm tido acesso ao livro.

Dentre aqueles que estão na província, atentos para ela, respirando, rindo e sofrendo nela, lembraríamos numa enumeração inevitavelmente incompleta: A. Tito Filho, Cineas Santos, Chico Miguel de Moura, Herculano Moraes, Elmar Carvalho, Magalhães da Costa, O. G. Rego de Carvalho, Hardi Filho, Paulo Machdo, Jorge Carvalho.

Por outro lado, até estudos sistematizados, ainda que escassos e incompletos, existem sobre a Literatura Piauiense. A NOVA LITERATURA PIAUIENSE e VISÃO HISTÓRICA DA LITERATURA PIAUIENSE, ambos de Herculano Moraes, atestam a validade da afirmação.

3. CONCLUSÃO

Evidenciada assim a existência da Literatura Piauiense, reveladora da alma piauiense no contato da realidade histórica lingüística, social, psicológica e humana, cabe apenas concluir. E o fazemos citando a resposta dada por Fontes Ibiapina a uma pergunta que lhe fizemos, durante a mencionada entrevista:

"PERGUNTA — O Senhor, que é um dos grandes nomes da literatura feita no Piauí, acredita na existência de uma Literatura Piauiense?"

RESPOSTA — Para começo de conversa, Alcenor, uma pergunta que já se tornou lugar-comum. Amassada que nem banana em boca de velho. Ultimamente, em toda entrevista com nossos vultos de letras, sempre é a primeira. Ademais, quase sofisticada. Ora... só em você estar entrevistando um escritor piauiense, é claro que a Literatura Piauiense existe."

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Afrânio Coutinho - A LITERATURA NO BRASIL - Editorial Sul Americana S.A., Rio, 1968, p. LX.
2. Idem, p. XII.
3. Herculano Moraes - VISÃO HISTÓRICA DA LITERATURA PIAUIENSE, 2ª edição, 1982, p. 9.

4. Idem, p. 14.
 5. Da Costa e Silva - in POESIAS COMPLETAS, Livraria Editora Cátedra em convênio com o Instituto Nacional do Livro, Brasília, 1976, p. 74.
 6. Idem, p. 31.
 7. Idem, p. 241.

8. Cineas Santos - LITERATURA PIAUIENSE (PARA O VESTIBULAR), Edições Corisco, Teresina, 1979, p. 46.

9. H. Dobal - in A SERRA DAS CÔNFIGURAÇÕES, Edições Corisco - Fufpi, Teresina, 1978.

10. PRESENÇA, órgão oficial da

Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Estado do Piauí, Ano IV, nº 10, Janeiro/Março de 1984, p. 12.

11. Fontes Ibiapina - PAREMIOLÓGIA NORDESTINA, Teresina, 2ª edição, 1982, p. 15.

12. Idem p. 10.

Eventos Culturais

PRESERVAÇÃO DO ACERVO ARQUITETÔNICO DO PIAUÍ

A nível nacional, através do SPHAN - PRÓ-MEMÓRIA e Ministério da Cultura, e a nível estadual, o governo do Estado do Piauí, através da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo e Fundação Cultural do Piauí, o acervo arquitetônico do patrimônio cultural piauiense tem recebido as maiores atenções. Em andamento o Projeto de Cadastramento de Bens Imóveis e Sítios Arquitetônicos, no Sul do Estado.

□

Neste 2º semestre de 1986, a agenda artística de Teresina, esteve repleta de espetáculos, desde shows musicais, peças de teatro, exposições, recitais, cinema, etc. Vale destacar aqui alguns.

Show "Eu Desatino"

Show da cantora e compositora Ângela Rô-Rô, nos dias 11 e 12 de dezembro no Theatro 4 de Setembro, numa promoção do Projeto Cheese Art, e Fundação Cultural "Monsenhor Chaves". O público lutou o teatro e aplaudiu de pé o espetáculo, onde a artista cantou músicas novas e antigas de seu repertório.

"Adorável Rogéria"

Show do famoso travesti Rogéria, nos dias 17, 18 e 19 de novembro, no Theatro 4 de Setembro. O espetáculo escrito e dirigido por ele mesmo, primou pela beleza, luxo da produção e desempenho cênico.

"Concerto Sartanês"

Show do cantor e compositor Elomar, acompanhado de João Omar, no dia 27 de novembro, no Theatro 4 de Setembro. Considerado um dos melhores compositores da MPB, tem sua própria maneira de cantar com um sotaque matuto, veio pela primeira vez a Teresina, trazido pelo Projeto Luz e da CAC. Elomar mora em uma fazenda sua, no meio da caatinga, onde vai amando acordes e melodias que se misturam canto gregoriano e flamengo acima de tudo belo.

"Continente do Sol"

Show do cantor e compositor Terra Francisco no dia 9 de novembro no Theatro 4 de Setembro, uma mistura de sons e ritmos, com a presença da Banda Cio da Terra.

"Recital da Pianista Felícia Wang"

O recital da pianista Felícia Wang, ocorreu no dia 27 de novembro, no Theatro 4 de Setembro, por ocasião do encerramento das atividades do ano letivo da Escola de Música de Teresina.

"Baixa Sociedade"

"Baixa Sociedade" - peça teatral escrita e dirigida por Juca de Oliveira, nos dias 5 e 6 de novembro, no Theatro 4 de Setembro, com os atores Luis Gustavo, Paulo Guarniere e outros. A peça é uma comédia que focaliza o dia a dia de um operário desempregado durante a ditadura no Brasil.

"Escola de Música de Teresina"

A Escola de Música de Teresina, é mantida graças aos esforços e abnegação da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo através da Fundação Cultural do

Piauí, para preservar uma escola de música a nível de 1º e 2º graus que atenda ao público que se interessa pelo ensino da música que é uma das artes mais belas. A Escola de Música de Teresina, mantém os cursos regulares de piano clássico e moderno, violão clássico e popular, flauta doce, órgão, teoria musical e bandolim entre outros. No período de 86 recebeu mais de 300 alunos. O encerramento do ano letivo, contou com concertos de alunos e professores.

"Inaugurada a Escola de Música de Oeiras"

Dentro da política de incentivo à cultura piauiense desenvolvida pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, e da Fundação Cultural do Piauí, foi inaugurada em Oeiras, em novembro, a Escola de Música "Prof. Eva Feitosa". A Escola vai oferecer cursos permanentes de bandolim, flauta doce, teoria musical e violão.

Agentes Culturais

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo/Fundação Cultural do Piauí, promoveu no período de 12 a 14 de setembro, o seminário que tem como objetivo preparar agentes culturais bem como criar bases e contatos para executar o Plano Cultural em Ação. Os participantes do seminário receberam certificado de participação. A programação do evento contou com os temas: O Agente Cultural, Liderança Comunitária, Literatura Brasileira, enfocando a piauiense, Esporte e Lazer, a Música Piauiense, a Dança no Piauí, o Teatro Piauiense, Artes Plásticas no Piauí e o Cinema Piauiense. O referido evento que constituiu de grande êxito para os promotores e participantes.

Homenagem a

Dom Avelar Brandão Vilela

Discurso do Presidente Benjamin do Rego MONTEIRO NETO

no Conselho Estadual de Cultura

Na sessão de 23 de dezembro de 1986 do Conselho Estadual de Cultura, o professor Benjamin do Rego Monteiro Neto, seu presidente, falou sobre Dom Avelar Brandão Vilela, ex-Arcebispo de Teresina, homenageando o grande vulto do episcopado nacional, cuja morte foi lamentada não só no Brasil mas em todo o mundo católico. Palavras do presidente do CEC, não escritas, mas gravadas.

"Julgo um dever trazer para este recinto, hoje, a figura de Dom Avelar Brandão Vilela, falecido, como sabemos, sexta-feira última, dia 19, em Salvador, Bahia, onde, Arcebispo Primaz do Brasil, o seu ministério se enriquecia ainda da dignidade de Cardeal. Ali há vários anos, transferido do Arcebispado de Teresina, projetada a personalidade de um dos homens mais perfeitos e eminentes não só do episcopado, mas da intelectualidade, da cultura, da ação social brasileira.

Tive a sorte, a felicidade, a alegria do convívio com Dom Avelar. Chegado o nosso segundo arcebispo em 5 de maio de 1956, sob a sua presidência eu proferia, em vinte e sete do mês seguinte, no Auditório da Rádio Difusora de Teresina, conferência que intitulei "O Cristianismo, o Sacerdócio e a Paz". Embora não me considerasse perfeitamente indicado para a incumbência, procurei corresponder à expectativa do convite.

No trecho final da conferência, tive o que até hoje considero a felicidade de sintetizar os traços consubstanciais da personalidade de Dom Avelar, nestes termos:

"Mercê de Deus, podemos confiar na ação dos nossos sacerdotes. Como pai e chefe espiritual, deu-lhes Deus, agora, a figura perfeita do Pastor de que necessitávamos. Dinâmico na caridade e na atividade apostolar, inteligência aberta à compreensão dos problemas contemporâneos, palavra dúctil à expressão bela e eloqüente das verdades do Evangelho, simplicidade

de dos corações humildes, Dom Avelar Brandão Vilela realiza o ideal dos que, para a glória da Igreja de Jesus, Mestre da Paz, que teve por Mãe a Rainha da Paz, bendizem este dom divino. **Pax Dei Munus.**" (1)

Dom Avelar falou em seguida, judicioso e arrebatado, e eu me senti envolvido, como todos os presentes, pela supremacia de sua eloqüência.

Desde o início de seu episcopado em Teresina, fez compreender a importância da ação cultural que desenvolveria entre nós, porque se integralizava como homem de cultura, quer no sentido técnico, quer no sentido humanístico. Por isso se projetara não só no Brasil, pois em todo o mundo católico a sua personalidade era admirada.

Desenvolveu ação internacional. Participou intensamente e com relevo do Concílio Vaticano II. Presidiu, em 1968, a Conferência de Medellín, na Colômbia, na qualidade de presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), para que foi reeleito. Nessa reunião assumiu, realmente, a liderança do empenho dos bispos para a libertação das comunidades, que pastoreiam, dos problemas que as afligem dolorosamente e até as esmagam, tendo sido o redator da mensagem de apresentação dos "célebres documentos", ali produzido. E, assim, por meio dele, a refor-

(1) In "Santa Sé, Cristianismo, Paz", ed. COMEPI, Teresina (PI), 1980, p. 75.

mulação da Igreja proposta por aquele concílio lhe deu, a ela, no Brasil, uma posição de vanguarda.

A Vice-Presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil significou o coroamento de sua ação social e pastoral revelada em Patrolina com admirável pragmatismo.

Dom Avelar desenvolveu em nossa terra ação ininterrupta de caridade e de fé, movido pela esperança, cuidando do homem ao seu alcance com o objetivo de resolver o problema da humanidade. É que estava imbuído da convicção inerente à doutrina social da Igreja de que os homens estão interligados em anseios e preocupações, cercados pelas mesmas dificuldades, embora entre eles, conforme teve oportunidade de expressar, haja diferenças. Mas a igual dignidade de todos haveria de determinar a extensão de "uma rede de solidariedade" global. Assim, o homem deixava de ser encarado isoladamente, apenas no aspecto espiritual, mas como ser integral na vida comunitária.

O Piauí deve a Dom Avelar mais do que a muitos governantes, porque, durante o tempo em que aqui viveu, fincou marcos indelével de uma presença eterna. A Ação Social Diocesana - ASA - foi empreendimento pioneiro, com que abriu novos horizontes para a compreensão dos problemas humanos, estendendo uma rede de núcleos específicos pela periferia do capital, e depois projetando-a para o interior do Estado.

Criou a Rádio Pioneira, onde

exerceu diariamente magistério inesquecível. A sua "Oração por um dia feliz", era uma aula de sabedoria, ao lado da lição de bondade que encerrava. Em Salvador continuou esse magistério.

Dom Avelar chegara a Teresina com o propósito de realização cultural no sentido amplo, na qual se evidenciaria o espiritual, no primeiro plano, com manifestações de caráter religioso.

A educação era incoercivelmente um dos seus objetivos. E, por causa dela, graças a funções por mim exercidas na área do Ministério da Educação no Piauí, começou o nosso relacionamento, que se revestiria de estima, culminando em verdadeira amizade. Pude, desde o início, apreciar as suas idéias, compreender a sua maneira de agir no tocante ao trabalho educativo que entre nós desempenharia, na fundação de um Ginásio — e da Faculdade de Filosofia e na concretização do Movimento de Educação de Base — MEB.*

Quando Dom Avelar cuidou de fundar a Faculdade de Filosofia, fez-me pessoalmente o convite para ser o professor de Sociologia da escola. Confiara ao professor Clemente Fortes o trabalho da coordenação das medidas de fundação do instituto, inclusive quanto à escolha de docentes, mas ao consagrado mestre dissera, segundo Dom Avelar me informou: "Eu já escolhi o professor de Sociologia".

O professor José Camillo Filho, nosso vice-Presidente, participou ativamente dos trabalhos de organização da Faculdade de Filosofia, de que seria o primeiro Secretário.

Aprovada a minha indicação pelo Conselho Federal de Educação, fui professor da mencionada disciplina nos cursos de Filosofia e de Geografia e História. Tive grandes alunos, figuras eminentes do sacerdócio e do magistério secundário, como o Monsenhor José Luis Cortez, já falecido, e o padre Luis Soares, vigário atual da Catedral de Nossa Senhora das Dores, bem como outros vultos da intelectualidade piauiense, que não se interessavam pelo estudo do Direito e da Odontologia, cujos institutos

* Em Teresina. Depois concorreu para a criação de outros, no interior do Estado.

eram os únicos de ensino superior existentes no Piauí.

De Dom Avelar recebi outras demonstrações de amizade e provas de confiança, a que procurei sempre corresponder.

Indicado, por unanimidade, pelos integrantes do Tribunal de Justiça do Piauí, e por isso no primeiro lugar da lista triplíce, para o preenchimento da vaga de Desembargador, recebi do Governador de então, General Gaioso e Almendra, por intermédio de Comissão de que faziam parte o Desembargador e Professor de Direito, Sátyro Nogueira, hoje aposentado, o Dr. Pires Gaioso, irmão do chefe do Poder Executivo piauiense e então diretor da Faculdade de Direito do Piauí, e o Deputado Constantino Pereira, a comunicação de que fora escolhido para o cargo. A nomeação deixou, porém, de efetivar-se. Foi retardada a publicação do ato respectivo. E, depois de cerca de um mês de pressão política de familiares do Governador, interessados na manutenção do prestígio no Judiciário, porque a vaga em questão decorreria da aposentadoria de seu cunhado, fui **desnomeado**. Essa conduta forjou uma corrente de solidariedade que se extrapolaria na campanha política que se desencadeava pelo Governo do Estado.

Dom Avelar, ante a ocorrência, fez-me demorada visita, realmente consternado. Ainda hoje guardo a emoção daquele momento.

Embora a magnitude da personalidade de Dom Avelar se aureolasse da "simplicidade dos corações humildes", que me tocou logo nos primeiros dias da sua chegada a Teresina, e despertava a confiança, estima e admiração de todos que dele se acercavam, e consolidava a gratidão de quantos dele obtinham ajuda material ou espiritual, a malignidade da inveja insospitável tentou, entre nós, a mesquinhá-la em insólito registro jornalístico de órgão inexpressivo que desejava assim despertar a atenção. Não sei se os colegas todos sabem, mas tentou-se enodoar o Arcebispo de Teresina em insinuação sórdida de conduta incompatível não só com a dignidade sacerdotal, mas ofensiva da vergonha até do comum dos homens, e não

só de um pastor espiritual, de um homem puro, de um homem de Deus.

A reação da sociedade teresinense a essa ignominia foi exemplar e a ela juntou-se a solidariedade das comunidades onde Dom Avelar exercera, antes, o ministério. Aqui chegaram figuras expressivas da política, do empresariado e de outras atividades, que tiveram oportunidade de sentir o grau de confiança e afeto que a população da nossa capital consagrava, já no início da sua ação espiritual e social em nosso meio, ao grande vulto da Igreja, que empolgava, também, pela eloquência de orador.

Em reunião no Palácio Episcopal a que compareceram pessoas representativas dos segmentos sociais e das profissões, a diferença de credo e a oposição filosófica cederam lugar a unânime manifestação de desagravo da ofensa irrogada à incolumidade moral de Dom Avelar. Dela participaram protestantes, espíritas, e maçons. E uma comissão de advogados foi, então, constituída, com o objetivo de adoção das providências que julgasse imprescindíveis à proteção da honra do nosso Arcebispo e do próprio conceito de dignidade da gente do Piauí.

Fui eu um dos causídicos escolhidos. E agora recordo que, entre três outros, participavam também da comissão o Prof. Clemente Fortes, que não era advogado profissional, mas um mestre do Direito, e o deputado Lustosa Sobrinho.

Como vêem, o destino deu-me a felicidade de aproximar-me de Dom Avelar, para dele haurir lições de vida.

Não poderei deixar de referir a coincidência de termos sido, em solenidade única, a da primeira formatura da Universidade Federal do Piauí, paraninfos das últimas turmas da Faculdade Católica de Filosofia, que fundara, ele já aureolado Primaz do Brasil, e da Faculdade de Direito, eu como catedrático de Direito Internacional Público, respectivamente. Pela impossibilidade declarada de estar presente à cerimônia, o seu pensamento foi transmitido pelo ilustre sacerdote e professor Raimundo José Azeiteiros Soares. Em todo caso, a aura da sua personalidade se irra-

diava pelo recinto solene e estivo e me redobrava a alegria pela honra que a amizade e o devotamento ao estudo de meus alunos me conferiam.

Quando me candidatei a uma vaga da Academia Piaulense de Letras — permitam-me os colegas declarar isso aqui —, eu telefonei a Dom Avelar, residente em Salvador. Disse precisar do seu voto. Ele me informou então, que, anteriormente, confiara ao seu companheiro de academia e amigo Monsenhor Joaquim Chaves a solução dos pedidos de voto, mediante procuração, porque se achava afastado do meio, mas, quanto à minha candidatura, declarou: — "Vou lhe mandar o voto diretamente. O meu voto é seu". Isso me comoveu profundamente. Ainda agora eu me sinto engrandecido, por esse voto. Embora tenha perdido a eleição no segundo escrutínio, eu me sinto bem em ter concorrido, considerando esse fato.

O conhecimento de Dom Avelar enriqueceu-me a vida. Pude manifestar-lhe aplauso pela grandeza do seu apostolado, pela expressão multimoda e profunda da sua ação evangélica e social, impregnada do senso exato de cultura característico, a meu ver, da sua personalidade.

Em Salvador, onde estive participando de congressos culturais, por duas vezes, uma em compa-

nhia de minha esposa, visitei Dom Avelar, no Palácio Primacial, onde me encontrei também com Dona Giselda, sua digna irmã, muito relacionada em Teresina, que visita com freqüência porque aqui reside sua filha, casada com o juiz de Direito Dr. Luis Fortes do Rego.

Ao tomar conhecimento da morte de Dom Avelar, liguei o telefone para falar com o Mons. Joaquim Chaves, mas, emocionado, apenas lhe pude dizer: "Mons. Chaves, dou-lhe aqui o meu abraço".

Ontem o Presidente da República declarou em Salvador, por ocasião do funeral, que Dom Avelar era um ponto de equilíbrio, nos momentos cruciais da vida brasileira. Isso dá a medida da sua grandeza e da sua importância, da sua bondade e da sua cultura.

Os que tiveram o mais rápido contacto com ele não poderiam deixar de admirá-lo e os necessitados, os milhares que socorreu, sabiam amá-lo.

Para encerrar estas palavras alinhavadas com emoção mas ditadas pelo senso de justiça, leio o poema de Dom Avelar, "Meu irmão estômago", expressão magnífica da espiritualidade franciscana a que se alçara, o qual compôs ao tomar conhecimento do cruel diagnóstico da doença que lhe tirou a vida material:

MEU IRMÃO ESTÔMAGO

Pobre irmão estômago!
Estavas doente e eu não sabia.
Há quanto tempo se instalara
O mal no teu regaço?

— Seis meses, doze meses?
Ah! eu não sabia!

Por isso, meu irmão estômago,
Nenhuma assistência te podia dar.
São revezes da vida! Quem diria?
E tu, pobre estômago, passaste,
então,

A ser vítima de anômala situação:
Todos queriam que fosses pródigo
No receber e digerir os alimentos.
E tu, estrangido, te recusavas
a fazê-lo, dando sinais até
De desagrado e desalento!
No entanto, jamais, jamais se
pensou

Que estivesse enfermo e solitário.
Foi quando o corpo todo,
lentamente,

começou a dar provas de cansaço
E também de magrez, solidário
Com o teu sofrer silente.

Um dia, chegou inesperada
revelação:

O estômago traz consigo grande
ulceração.

E a biópsia, mais tarde, com lisura
Descobriria que o câncer lá estava
encravado na pequena curvatura.
Perdão, meu velho amigo de 74
anos!

Perdão!

Eu te agradeço, na esperança,
A tua santa paciência, meu irmão!"

HOMENANS NO ARQUIVO PÚBLICO

Aprovando exposição de seu Presidente, Benjamin do Rego Monteiro Neto, em 1985, o Conselho Estadual de Cultura propôs ao Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Jesualdo Cavalcanti Barros, a denominação de Palácio da Cultura Anísio de Abreu para a sede da Secretaria, a fim de que o prédio que até então abrigava o Poder Legislativo Estadual com a designação de homenagem ao grande parlamentar, que, quando Governador do Estado, criou o Arquivo Público, continuasse a ostentar o seu nome, substituído no novo edifício da Assembléia Legislativa.

Na mesma oportunidade o CEC decidiu sugerir a aposição de placas designativas dos patronos, que indicava, das várias seções do Arquivo Público: Hemeroteca **Joel**

de Oliveira, Biblioteca Felix Pacheco, Seção do Poder Executivo Mathias Olympio, Seção do Poder Legislativo Coelho Rodrigues e Seção do Poder Judiciário Alvaro Mendes.

Na gestão do Padre Solón Correia de Aragão na Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, foram colocadas, no segundo semestre de 1986, as placas respectivas, no Arquivo Público, deixando de nomear-se apenas a Biblioteca, antes constituída, na maioria do seu acervo, por obras doadas por Felix Pacheco. Em 1986 foram recebidas pelo Arquivo Público a doação da Biblioteca de Matias Olympio por seus herdeiros e a de grande número de seus livros feita por Deolindo Couto, e o acervo bibliográfico daquele órgão foi denominado Bibliotecas Particulares.



Valter Soares
Coordenador de Esportes

ESPORTE, Uma Preocupação Constante

A Coordenação de Esportes da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Estado do Piauí, ao ser instalada iniciou um trabalho de desenvolver atividades desportivas, visando a preparação e aperfeiçoamento dos Desportos dando assistência e estimulando as competições desportivas, fazendo despertar o civismo, o espírito de companheirismo e a compreensão de Unidade Nacional. A Coordenação de Esportes tem sido até agora, não um setor de assessoramento, mas também de execução de programas e Projetos Especiais como é o caso do Esporte Para Todos - EPT, que se trata de um programa de nível Nacional, cujos objetivos são montados em um DECÁLOGO: Lazer, Saúde, Desenvolvimento Comunitário, Integração Social, Civismo, Humanização das Cidades, Valorização da Natureza, Adesão a Prática Esportiva, Adesão ao Esporte, Organizando a Valorização ao Serviço da Comunidade. Mas, o que é o Esporte para Todos? Podemos definir não como um movimento, mas também como idéias e práticas, de forma globalizada representa uma tendência atual, repensar do Esporte e Lazer enquanto a prática Social, diante de uma perspectiva futurística e democrática.



Pe. Solon Aragão, Secretário de Cultura

A Coordenação de Esportes, tem promovido e participado de inúmeros Eventos, que seriam impossível relacioná-los, tanto na Capital como nas Cidades do Interior, quer tenha sido em formá de jornadas, torneios, campeonatos, gincanas, manhãs de Lazer, encontros, etc.

O Papel da Coordenação de Esportes é de divulgar, valorizar e estimular a realização de eventos de qualquer natureza, que venha beneficiar o homem piauiense e que desperte o gosto pela prática de quaisquer atividade Física, desde as peculiares da região como oferece o processo de transculturação, fazendo com que ele não fique a margem do desenvolvimento do mundo atual e atinja as perspectivas do homem contemporâneo.

Para o atingimento desses objetivos a Coordenação de Esportes, não se limitou apenas em mostrar o que existe no Estado do Piauí, mas também ofereceu alternativas com base em experiências em outros Estados.

A Coordenação de Esportes, a princípio se preocupou em estabelecer fundamento para uma Política Esportiva e Desportiva, contando para isto com técnicos da SUDEN/INAD, onde foram estabelecido estratégias e projetos bem como programas assim sintetizados:

1 - PROGRAMA ESPORTE PARA TODOS (Política Esportiva Estratégica).

- 1.0 - Capacitação de Recursos Humanos na Capital e no Interior.
- 1.1 - Instalação de quinze parques de Lazer EPT, em 15 Cidades (Projeto em fase de conclusão).
- 1.2 - Programa Ginástica pelo Rádio em 05 (cinco) Emissoras AM de cinco Cidades diferentes no interior (Projeto em andamento, nas seguintes Cidades: Rádio Cultura de Amarante, Rádio Serra da Capivara de São Raimundo Nonato, Rádio Pro-

gresso de Corrente, na Cidade de Corrente - PI, Rádio Progresso do Gurguéia, da Cidade de Bom Jesus e Rádio Vale do Uruçuí, na cidade de Uruçuí - PI)

1.3 - Programa de valorização das atividades esportivas Lúdica Regionais (desenvolvidas, através de jornadas, treinamentos de preservação e difusão das peculiaridades locais).

2 - Política Desportiva (Estratégia)

2.1 - Programa de Jogos Rurais e Urbanos

2.2 - Projeto Projeto de Promoção de Jogos Regionais

2.3 - Projeto de Incentivo a Construção de Campos e Quadras.

2.4 - Programa de Capacitação de Recursos Humanos, tanto na Capital como no Interior.

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, vem desenvolvendo um esforço muito grande, no sentido de sensibilizar a Comunidade piauiense para uma tomada de posição consciente, com relação a prática dos Desportos e da própria Educação Física. Para tanto, sua meta principal foi investir em capacitação de recursos humanos, trazendo Técnicos e Professores do mais alto gabarito de outros Estados, para juntos com os valores existentes no Piauí, fundissem as experiências proporcionando, numa visão geral o desenvolvimento das atividades Esportivas a nível nacional.

ALGUMAS REALIZAÇÕES DENTRO DA FILOSOFIA DA POLÍTICA DA SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTOS E TURISMO:

Dentro do Programa Nacional Recreação Infante Juvenil, o Estado do Piauí foi escolhido como sede do treinamento dos Estados do Piauí e Maranhão, sendo mobilizado onze (11) municípios do Maranhão com cinco (05) representantes e selecionados (14) quatorze municípios piauienses, também com cinco (05) representantes cada uma, que se deslocaram de seus municípios para um treinamento nessa Capital. A realização foi da representação da FUNABEM do Piauí e da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo (Coordenação de Esportes), tendo sido realizado no Colégio Santo Afonso, nesta Cidade.



O objetivo do encontro foi treinar pessoal das comunidades maranhenses e piauienses, para desenvolverem projetos pelas prefeituras que representam, a fim de alocarem recursos para programas desportivos de lazer com a participação das próprias Comunidades. Para tal fim esteve ministrando o Evento dois (02) técnicos da FUNABEM/RJ; que depois de terem participado do treinamento, todos retornaram as suas origens, para colocar em prática as orientações recebidas. Hoje este programa se encontra sob a orientação da Legião Brasileira de Assistência - LBA.

ENDURO DO JENIPAPO

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo / Coordenação de Esportes, dando prosseguimento as ações da Política Desportiva e Cívicas, patrocinou a realização de um ENDURO, Teresina/Campo Maior/José de Freitas/Teresina, como parte das comemorações do Aniversário da Batalha do Jenipapo, Evento que contou com participação de grande número de motoqueiros da Capital e do Interior do Estado. E teve como objetivos básicos despertar o gosto pela prática de desportos auto-motores. A realização ficou a cargo do T.T.C., coordenado por seu presidente Ehrlich Cordão. O evento foi co-

berto de sucesso. O período de realização foi nos dias 13 e 14 de março e a forma de participação foi em duplas que atingiu o número de dez (10) sendo a primeira vez que esta modalidades esportiva foi disputada nesta Capital.

KART

A Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, através da Coordenação de Esportes, vem dando apoio ao Kartismo em nosso Estado, colaborando na realização das competições do gênero, cujas realizações são ainda em pistas improvisadas na Prainha. A participação da Coordenação de Esportes além de premiações, participa com apoio logístico. De forma a oferecer suporte para que sejam criadas as Federações das diversas modalidades e que as mesmas tenham condições de realizarem seus próprios eventos, o que aliás já vem acontecendo.

TÊNIS

Uma outra modalidade esportiva que se deu bastante atenção, foi o Tênis de quadra, a Coordenação de Esportes patrocinou com material, competições nas quadras do Parque Piauí, 2º BEC, 25º BC, inclusive proporcionando a participação da Delegação do Piauí a Competição Inter-Estadual, em

conjunto com a Federação da Modalidade, representada por seu Presidente Dr. Edgar Pereira.

FUTEBOL DE SALÃO

Na cidade de Amarante foi realizado no período de 19 de abril/86 a 04 de maio do mesmo ano, um torneio de futebol salão na quadra da AABB onde participaram várias equipes daquela Cidade, como forma. Uma realização do Centro de Esportes da Casa Odilon Nunes, como forma de envolver outras Entidades e Instituições na realização de Atividades Desportivas e de Lazer.

FESTIVAL DE PIPAS

Na área específica de Lazer, foi realizado um Festival de Pipas na Praínha, com objetivos de despertar o público para a preservação de nossa Cultura e desenvolver o espírito de criatividade. O evento foi bastante concorrido e está inserido no conteúdo do programa Esporte Para Todos.

FESTIVAL DE QUADRILHAS

A Coordenação de Esportes também participou com a realização do Festival de Quadrilha, no X Encontro de Folgedos do Piauí, também realizado na Praínha. O objetivo do festival de quadrilha é também de preservar a cultura popular, que vem perdendo suas reais características com a evolução dos tempos e da humanidade.

CAMPEONATO DE PESCA

A Coordenação de Esportes realizou com o patrocínio próprio e colaboração do Armazém Paraíba, um campeonato de pesca, que foi realizado às margens do rio Poty, cujo objetivo foi chamar atenção das autoridades para o estado de extinção que se encontra o rio Poty, participaram desse evento, além de outras Instituições a SUDEP, que é o órgão responsável pela política de Caça e Pesca no Estado do Piauí, que por sua vez expediu carteiras para os interessados em pertencer ao clube de pesca de nossa Capital.

ESPORTE E MÚSICA

O professor José Wagner de Sousa, da Universidade Federal da Paraíba, que veio ao Piauí, ministrar um curso de "Música e Movimento" onde participaram pessoas vinculadas a Universidade Federal do Piauí e ao Sistema Estadual de Educação da Área de Educação.

O objetivo básico do curso foi despertar na clientela, o gosto pela prática de atividades Físicas com música, aplicada a psicomatricidade.

O evento foi realizado no Auditório da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, sob a coordenação do Prof. Walter Soares.

PISTA DE MOTOCROSS

O Professor ALFREDO RÔMULO, Diretor do Departamento de Planejamento da Confederação Brasileira de Moto-Cross, visitou o Piauí, com o objetivo de vistorias na recém construída Pista de Moto-Cross de Teresina, situada ao lado do Estádio Albertão e agilizar a criação de uma Federação de Motociclismo no Piauí.

PIAÚI NA SÃO SILVESTRE

A corrida de São Silvestre, é um evento a nível internacional onde cada atleta, carrega consigo a vontade maior de ser o "primeiro". Vontade esta adquirida durante todo o ano.

A corrida de São Silvestre é considerada uma prova de resistência e velocidade, requerendo de cada participante um preparo físico - invejável.

É uma programação da Gazeta Esportiva de São Paulo, que tem como objetivo apresentar ao mundo o primeiro campeão de cada ano, e por esta razão é realizado na noite do dia 31 de dezembro de cada ano.

Cada Estado da Federação faz suas eliminatórias independente de qualquer influência dos promotores a nível nacional.

Coube a FAGEP a realização da eliminatória que indicou o representante piauiense.

Na categoria masculino, o corredor João de Deus, foi classificado em primeiro lugar, numa competição que contou com a participação de representantes da capital e do interior.

CAPOEIRA

O prof. João de Deus C. Cardoso (mestre Camisa) veio ao Piauí, a fim de ministrar um curso Técnico, para os capoeiristas do Piauí, além de filiar alguns grupos locais a matriz Centro de Capoeira "Senzala" e o batismo nas diversas graduações. O mestre Camisa é possuidor de grande experiências no ramo, inclusive divulgando através de cursos e treinamentos na Europa e Estados Unidos.

No próximo mês de março estará acontecendo o II ENDURO DO JENIPAPO, a ser executado pela Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, e realizado pela empresa Realiza Promoções e Eventos.

O ENDURO percorrerá as trilhas que ligam Teresina a Campo Maior, obedecendo ao seguinte roteiro: largada às 8:00 horas da manhã, em frente a AUTOMAQ/MOTOS, passando por Altos e chegando em Campo Maior por volta do meio dia onde os pilotos e a equipe almoçarão no restaurante HAWAII.

A chegada em Teresina está prevista para as 18:00 horas no restaurante ASA BRANCA, onde serão entregues os troféus, medalhas e brindes aos vencedores.

O II ENDURO DO JENIPAPO é uma realização da Secretaria de Cultura e conta com o patrocínio da BRAHMA CHOPP AUTOMAQ e BEP e com o apoio da Prefeitura de Campo Maior, Semana 22 Arte e Publicidade, do Teresina Trail Clube (TTC), encarregado da organização do evento e da Tv Rádio Clube e Piemtur.

Os organizadores esperam a participação de duplas de outros estados, como aconteceu no ano passado, além de concorrentes de municípios como: Floriano, Campo Maior e Parnaíba.

Hugo Napoleão Eleito para APL

O senador constituinte e escritor Hugo Napoleão do Rego Neto, é o novo imortal eleito para Academia Piauiense de Letras que tem como presidente, A. Tito Filho. Hugo Napoleão, ocupará a cadeira nº 9 que tem como patrono, Alcides Freitas e teve como último ocupante, o escritor Fontes Ibiapina.

Escola de Dança

A Escola de Dança é mantida pela Fundação Cultural do Piauí e Secretaria de Educação. A entidade foi criada para atender aos alunos da rede oficial de ensino do Estado do Piauí e descobrir novos valores na dança. A dança por ser uma arte de movimento e de grande importância na sociedade contemporânea, será a partir de 87, incluída como disciplina no ensino de 1º e 2º graus, conforme lei apresentada e aprovada no Senado pelo senador piauiense João Lobo.

A escola de dança funciona provisoriamente no Theatro 4 de Setembro, promoveu além dos cursos de balé clássico, neo-clássico, dança moderna, jazz, expressão corporal, afro-brasileira, cursos técnicos, aulas práticas e o I Festival de Dança, realizado pelos alunos e coordenado pelos professores bailarinos dos mais expressivos do Estado do Piauí, como Elizabeth Freitas, Eleonora Paiva, Helly Baptista, Clarice Oliveira, Franklin Lauro, Socorro Barnabé, Silva Montello, Ana Ildes e Manoel Messias e tem como diretora, a prof. Marinês Medrado.

Projeto Torquato Neto Lança Prêmio "Louvação"

O I Concurso de Monografia sobre a "História da Evolução da Música Piaulense", denominado Prêmio Louvação lançado através do Projeto Torquato Neto da Secretaria de Cultura/Fundação Cultural do Piauí, continua com suas inscrições abertas até o dia 31 de maio/87, na coordenação do Projeto Torquato Neto, na Sectur, Praça Marechal Teodoro, 816-Centro Teresina - PI, CEP: 64.000 - Fone: 223-4656 - Ramal 43.

A Coordenadora do Projeto

Torquato Neto, a cantora e compositora Ana Miranda, convoca estudantes, intelectuais, artistas e toda população do Piauí a participarem do concurso. O melhor trabalho apresentado receberá prêmio no valor de Cz\$ 7.000,00, como também, terá sua publicação editada pela Fundação Cultural do Piauí.

Inaugurado o Cinema de Arte em Teresina

Com o objetivo de revitalizar a arte cinematográfica em Teresina, a Secretaria de Cultura Desportos e Turismo/Fundação Cultural do Piauí inaugurou em outubro de 86 o cinema de arte, no Auditório Herbert Parentes Fortes, num "avant première", apresentando o filme "A Dama de Xangai" de Orson Welles. As exposições são de quinta a domingo. A proposta do cinema de arte será a de dar ao público teresinense a oportunidade de assistir as melhores obras do cinema mundial.

Tempo de Cultura

O programa radiofônico "Tempo de Cultura" da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, criado no ano passado, é hoje, **campeão de audiência** em todo o Estado do Piauí e regiões vizinhas de outros estados.

Tempo de Cultura é um informativo cultural, produzido pela assessoria de comunicação da Sectur. Objetiva informar, principalmente, a comunidade piauiense todos os acontecimentos culturais e artísticos.

O programa, hoje, está sob a direção do sub-secretário da Sectur, prof. Ferrer Freitas, tem como editor o poeta Chico Castro e como coordenador e redator Maurizan Corado.

Encontros de Secretários

No período de 07 a 10 de outubro, em Rio Branco, foi realizado o XII Fórum Nacional de Secretários de Cultura. A programação constou de temas relativos à cultura e em particular à questão da Amazônia e a Análise do Plano Trienal do Ministério da Cultura. Além das questões

fundamentais, foi debatido os temas Os Políticos e Administração do Fórum, a Amazônia como Patrimônio Cultural, Amazônia Cultural e Desenvolvimento. Análise dos Sistemas Estaduais de Bibliotecas para Aplicação a Nível Estadual. O Secretário de Cultura, Desportos e Turismo, Pe. Solón Aragão não mediu esforços para trazer todos os benefícios na área da cultura para o nosso Estado.

"Dama das Camélias"

"Dama das Camélias", peça criada e montada pelo grupo "Panacéia de Olinda", dia 29 de novembro no Theatro 4 de Setembro. Comédia que focaliza a história de duas irmãs que tentam de todas as maneiras se separar.

Mão na Luva

"Mão na Luva" - texto teatral de Oduvaldo Viana Filho (o Vianinho), dirigido por Aderbal Júnior, dias 13 e 14 de dezembro no Theatro 4 de Setembro. Esta peça permaneceu anos e anos desconhecida, até ser encontrada por sua viúva e entregue ao citado diretor. Ganhadora de três prêmios nacionais e um internacional, a peça, interpretada, nesta segunda montagem para excursionar pelo país, pelos atores Cláudio Marzo e Susana Vieira, é uma história de amor que tem como personagem um anti-herói brasileiro, muito bem captada pelo autor. Como disse seu diretor, é uma história de um camarada que vive o conflito entre o que ele é e o que ele quis ser.

"Elzano, Últimos Dias"

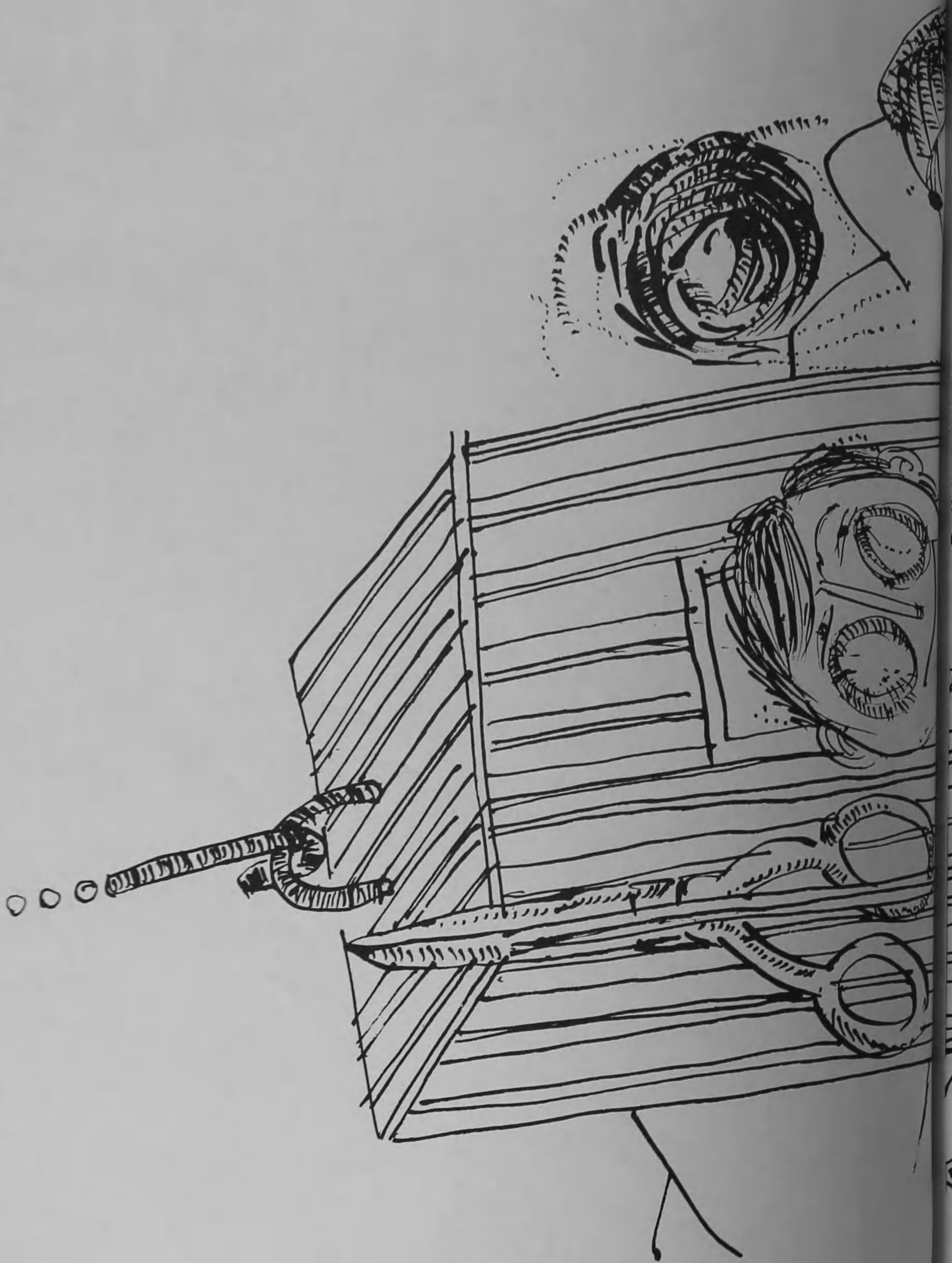
A peça "Elzano, Últimos Dias", de Aci Campelo e dirigida pela atriz Lorena Campelo, dia 11 de dezembro, no Theatro 4 de Setembro. Texto documentário, apresentado pelo Grupo Raízes Cooperativa Artística, retrata a vida e morte do fundador do grupo, barbaramente assassinado em 1977, estando seus assassinos até hoje impunes pela justiça.

ABRA SUA

Bepoupar



A maneira nossa de fazer poupança





24700
19027

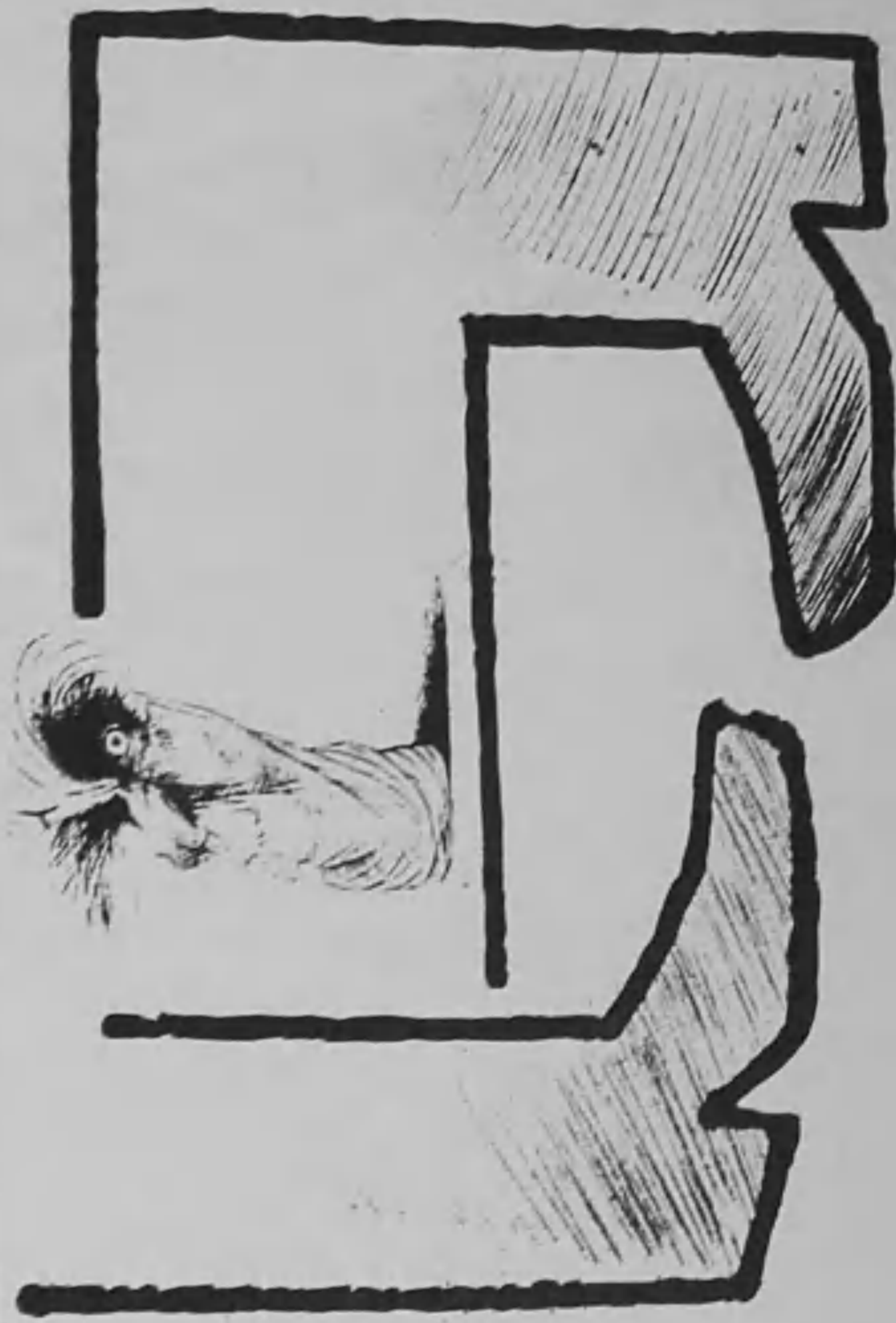
V Salão de Humor do Piauí

O V Salão de Humor do Piauí irá até oficial - SP), Ubiratan Porto (1º lugar em charge juri oficial - PA), Celso Fróes Brocchetto (menção honrosa em charge juri oficial - SP), Dili Márcio (1º lugar em cartum juri oficial - RJ), Jô Oliveira (menção honrosa juri oficial - DF), Márcia Braga (1º lugar em charge juri oficial - BA), Dodô Macedo (1º lugar em charge juri oficial - PI) e P. Caval-Prêmio Imprensa - CE).

O resultado do V Salão de Humor do Piauí já foi anunciado. Foram premiados os humoristas Manoel Viana (1º lugar em charge juri oficial - AL), P. Caval-Prêmio Imprensa - PI) e Mino (1º lugar em charge juri oficial - RJ), Kenard Krueel e Arnaldo Albuquerque.

A comissão julgadora oficial do V Salão de Humor do Piauí, formada por Paulo Caruso (Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo, da Fundação Cultural Lailson Holanda (PE) e Reinaldo Batista do Piauí, tem como Comissão Organizadora José Elias, Martin Arêa Leão, Albert Plauí, Kenard Krueel e Arnaldo Albuquerque.

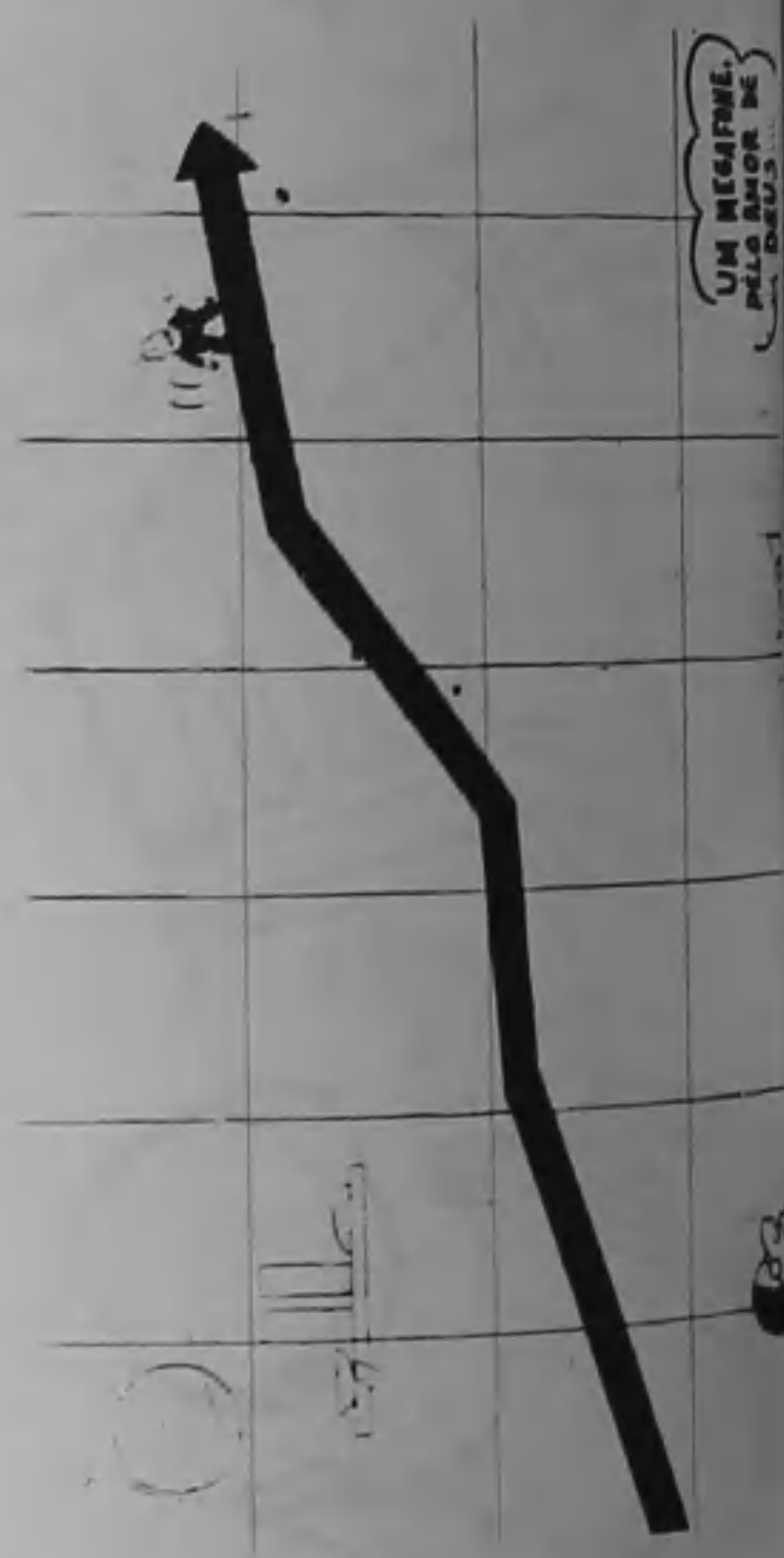
Espalhados por esta página os trabalhos premiados no V Salão de Humor do Piauí, (Jornal O Dia) do Piauí, e Edmundo Moreira (Jornal do Piauí).



Caricatura: 1º Lugar - Manoel Viana - Alagoas



Cartum: 1º Lugar - Dili Márcio - Rio de Janeiro





Charge - Dodó Macêdo - Plauí (Prêmio Imprensa)



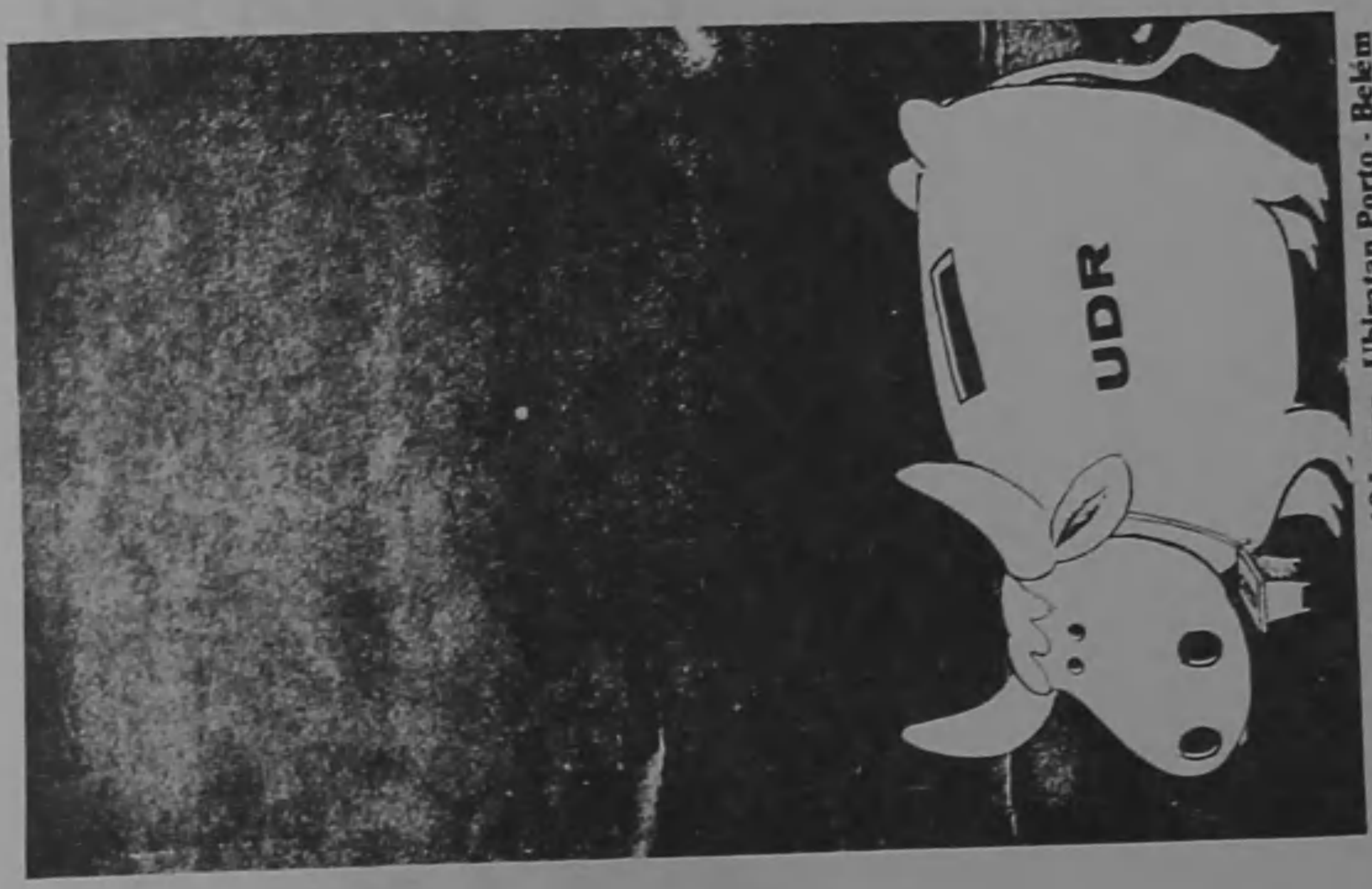
Caricatura - Márcia Braga - Bahia (Prêmio Imprensa)



Charge: Menção Honrosa - Celso Fróes Brocchetto - São Paulo



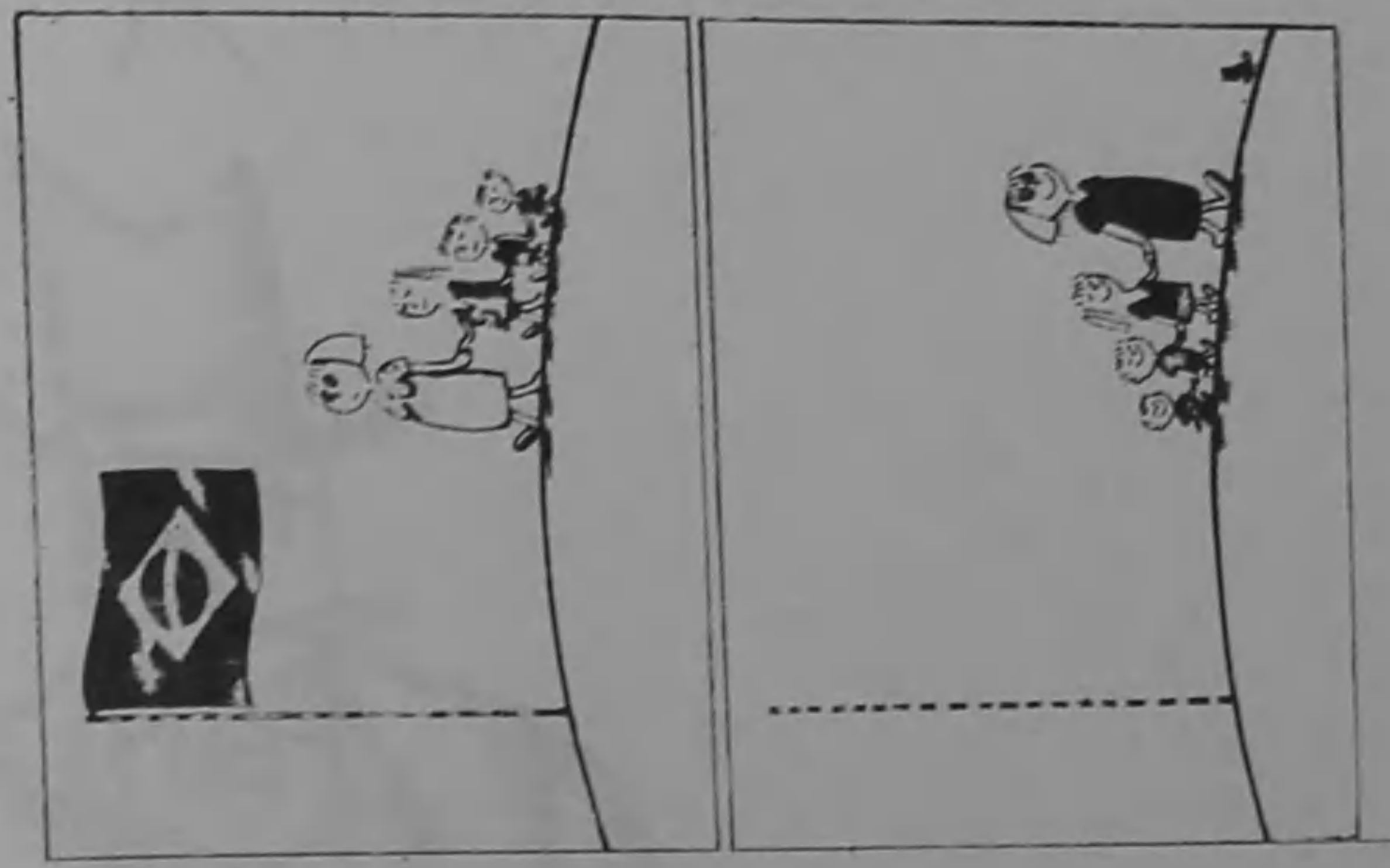
Cartum: Menção Honrosa - Jó Oliveira - Brasília



Charge: 1º Lugar - Ubiratan Porto - Belém



Caricatura: Menção Honrosa - Paulo Cavalcante - São Paulo.



Cartum - Mimo, Ceará (Prêmio Imprensa)



